

UNIVERSIDADE SAGRADO CORAÇÃO

SAMANTA RAVAZZI

**A IMPORTÂNCIA DO TEXTO DE QUALIDADE PARA
O JORNALISMO IMPRESSO DIÁRIO: UM ESTUDO
DE CASO SOBRE O *JORNAL DA CIDADE***

BAURU
2015

SAMANTA RAVAZZI

**A IMPORTÂNCIA DO TEXTO DE QUALIDADE PARA
O JORNALISMO IMPRESSO DIÁRIO: UM ESTUDO
DE CASO SOBRE O *JORNAL DA CIDADE***

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Centro de Ciências Exatas e
Sociais Aplicadas, como parte dos requisitos
para obtenção do título de bacharel em
Jornalismo, sob a orientação da Professora
Mestra Daniela Pereira Bochembuzo

BAURU
2015

Ravazzi, Samanta

R252i

A importância do texto de qualidade para o jornalismo impresso diário: Um estudo de caso sobre o Jornal da Cidade /Samanta Ravazzi. -- 2015.

128 f.: il.

Orientadora: Profa. Ma. Daniela Pereira Bochembuzo.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) – Universidade do Sagrado Coração – Bauru – SP.

1. Jornalismo.2.Jornal Impresso.3.Texto. 4.
Revisão. I. Bochembuzo, Daniela Pereira. II. Título.

SAMANTA RAVAZZI

**A IMPORTÂNCIA DO TEXTO DE QUALIDADE PARA O
JORNALISMO IMPRESSO DIÁRIO: UM ESTUDO DE CASO SOBRE O
*JORNAL DA CIDADE***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Ciências Exatas e Sociais Aplicadas, como parte dos requisitos para obtenção do título de bacharel em Jornalismo, sob a orientação da Professora Mestra Daniela Pereira Bochembuzo.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Ma. Daniela Pereira Bochembuzo
Universidade Sagrado Coração

Prof. Ma. Giselle Castilho Hilário Bonomo
Universidade Sagrado Coração

Gustavo Cândido

Bauru, ____ de junho de 2015.

Dedico esse trabalho a todos aqueles que estão prestes a abandonar seus sonhos. Não, não desistam. A concretização é possível e, embora cheia de obstáculos, extremamente prazerosa.

Dedico também, em especial, à minha família – pai, mãe e Tatinha. Sem o apoio incondicional e o amor deles, nada na minha vida seria possível.

AGRADECIMENTOS

É engraçado como, ao sentar pra escrever esses agradecimentos, toda a produção do trabalho de conclusão de curso parece ter sido pequena e simples de ser realizada. Como é difícil assimilar a mistura de sentimentos que fluíram nesses três anos e meio de Jornalismo.

Não poderia começar de outra maneira, que não fosse agradecendo a Deus. Aquele que não só me apontou o caminho, mas, que, principalmente, me amparou quando a caminhada parecia íngreme demais. “Aqui em cima é tão mais bonito, pra que voltar?”, eu parecia ouvir Seu sussurro, quando eu pensava em parar. Cheguei, Senhor. E sinto a Sua mão, bem pertinho, cheia de bênçãos pra me entregar. Obrigada por não desistir de mim.

Agradeço, absurdamente, à minha família, minha base e meu colo. À Dona Nice Ravazzi, minha mãe, tão compreensiva e forte, pelo apoio incondicional, pelo amor sem restrições – e por me esperar acordada, todas as noites, durante esses três anos e meio de faculdade. Ao “Seu” Valter Ravazzi, meu pai, tão mal-humoradamente cheio de amor, por ser meu modelo de caráter e por, mesmo sem saber, ter influenciado tanto nesse TCC, quando rabiscava os jornais com caneta marca-texto e me dizia “olha, isso aqui não está errado?”. À Lilian Ravazzi, minha metade, melhor irmã do mundo, por acreditar tanto em mim e por elevar minha auto-estima; por todos os “beijo, te amo, tchau” diários e também pela paciência (ou, quase isso!) com meus surtos acadêmicos/profissionais/sentimentais. E à minha tia “Nena”, pelas (muitas) vezes em que dobrou os joelhos em oração por mim e pelos “fica em paz, minha filha... Deus prometeu.”. E Ele está cumprindo, tia. Obrigada por me lembrar, sempre (junto com a Lou), que a Palavra não volta atrás.

Obrigada a todos os meus muitos amigos (muitos mesmo), pela força e pelo “jornalismo tem tudo a ver com você”... Impossível nomeá-los, mas sintam-se representados pelos meus amados “afilhados”, Louise e Raister – obrigada, especialmente, a vocês, pelo incentivo, pelas orações e por me cederem espaço, no apartamento e no coração.

Agradeço, de coração, à minha querida escola, E.E. Victor Maida. Especialmente à Maristela Fávero, diretora, e à Cássia Barela, vice-diretora, que me permitiram tantas adaptações nos horários (até “criaram” um horário extra de atividade pedagógica, para que eu pudesse participar) e que sempre tinham um

sorriso de aprovação quando eu ia falar algo sobre a faculdade. A todos os meus alunos que não só entenderam minhas ausências e minhas neuroses nessa fase universitária, mas que sempre foram incentivo e força pra “Dona Samanta”. Aos meus colegas professores, que me encorajaram a estudar Jornalismo que, segundo eles, é a “minha profissão” – não há espaço para todos os nomes, mas vocês estão representados pela Andreza Mapeli, a irmã loira que a primeira graduação me deu e que a vida preservou. Como ela sempre diz: “Desde o primeiro ano de Letras você dizia que queria ser jornalista” – e, desde então, os conselhos (e as broncas!) dela são fundamentais para a concretização dos meus ideais.

Aos meus colegas de sala, que me ajudaram a crescer como pessoa e como profissional – mesmo que não tenham consciência disso. Se, nas primeiras semanas de curso, eu achei que não fosse conseguir conviver com pessoas tão mais jovens do que eu, hoje, tenho a certeza de que vocês me ensinaram muito mais do que eu poderia imaginar, com todas as reflexões, discussões e “brigas” compartilhadas. E aos queridos “legais mais legais” (porque tem a parte impublicável em um trabalho acadêmico, espero que me entendam!) da turma de Jornalismo 2015 – “tamo junto” sempre, galera!

Aos meus Patinhos maravilhosos... Faltam palavras para descrever esse amor. Amizade, trabalhos incríveis (sim, INCRÍVEIS), amadurecimento, parceria. Presentes que o Jornalismo deu e tatuou no coração. Marco, minha eterna dupla; Amanda, minha companheira; Cynthia, minha pretinha e Letícia, minha diva – sentimento infinito. Somos um quinteto, mas não posso deixar de citar o “trio” que, espontaneamente, se formou. Marquinho e Amandinha, a vida ensinou vocês a terem atitudes corajosas, mesmo que o coração estivesse dolorido... Agradeço por terem compartilhado comigo essa coragem e esse olhar positivo em relação aos problemas. Agradeço por todos os “aceita que dói menos, Dona”, quando queriam me convencer de que era capaz de ir além. Agradeço, até (e sei que vou me arrepender disso) por toda a vergonha que me fizeram passar com os “Lá vem Samanta bagunceira” – sei que é uma forma, meio maluca, é verdade, de demonstrar carinho. Não sei como será nossa convivência daqui pra frente, mas, de uma coisa eu tenho certeza: o amor é eterno.

A todos os meus entrevistados, obrigada pela disponibilidade e pela contribuição de cada um de vocês, que acreditaram no meu tema e colaboraram para ampliar minha visão sobre o texto do jornal impresso diário. Peço licença para

agradecer, nominalmente, duas pessoas: Sárvio Holanda e João Elias Jabbour. “Seu” Sárvio, pelo carinho quase palpável que tem pelas palavras e por me transmitir, de maneira tão doce e simples, uma mensagem de perseverança em relação à revisão. E ao Jabbour, por ter me dado a certeza, no dia em que o entrevistei, de que a qualidade do texto do impresso é tão importante para o jornalismo quanto eu, filha das Letras, gostaria que fosse – depois daquela conversa, ficou muito claro, pra mim, que a escolha do meu tema tinha valido cada aposta.

À banca examinadora desse trabalho, Giselle Hilário e Gustavo Cândido, por atenderem prontamente ao meu convite, por disporem de parte de seus tempos escassos e por emprestarem um pouquinho do enorme conhecimento de vocês para colaborar com a minha pesquisa.

Ao meu querido Teacher, Alan Marrara, pela ajuda com o abstract e pela paciência nesses últimos tempos, quando o que ele mais ouviu foi: “I’m sorry, Teacher. My final project didn’t let me do homework!”. Thanks, baby!

À Universidade Sagrado Coração, pelos conhecimentos – teóricos, técnicos, práticos e aqueles que não têm ligação direta com o saber acadêmico – que me foram transmitidos. Aos professores, peças-chave para o crescimento intelectual e humano nessa instituição de ensino. Um carinhoso “muito obrigada” à competentíssima e inesquecível Prof. Dra. Vanessa Matos dos Santos, por ser uma “mãezona” pra nossa turma (daquelas que brigam – porque querem o nosso bem – e, depois, fazem carinho!) e por se preocupar com a minha terrível alimentação! Aos técnicos dos laboratórios de rádio (Alex Costa e Leandro Zacarin) e de TV (Yuri Kufa, Junior Grigoletti e nosso “professor” Felipe Lima), pela paciência e cuidado com nossos produtos e nossos stress pré entregas – vocês são fantásticos, “caras”!

Por último, e não menos importante (exatamente ao contrário!), um agradecimento gigantesco à minha orientadora / professora / coordenadora / amiga / incentivadora, Daniela Pereira Bochembuzo. Desde o telefonema dizendo “vem fazer Jornalismo, a gente dá um jeito”, ela sempre acreditou no meu “potencial” mais do que eu mesma. Dani, obrigada por ser a pedra fundamental do alicerce da minha carreira. Obrigada pela competência, pela paciência e por todo o amor pelo Jornalismo que você transmite. Obrigada por me dar a honra de ser sua orientanda – sem você, eu jamais chegaria até aqui.

“[...] Porque o jornalismo é uma paixão insaciável que só se pode digerir e humanizar mediante a confrontação descarnada com a realidade. [...] Ninguém que não tenha nascido para isso e esteja disposto a viver só para isso poderia persistir numa profissão tão incompreensível e voraz, cuja obra termina depois de cada notícia, como se fora para sempre, mas que não concede um instante de paz enquanto não torna a começar com mais ardor do que nunca no minuto seguinte.”

Gabriel García Márquez

RESUMO

O presente trabalho visa realizar um estudo social exploratório sobre o cenário de produção e revisão de textos noticiosos no jornalismo impresso diário, tendo como *corpus* o *Jornal da Cidade*, de Bauru, interior de São Paulo. O objetivo específico é elaborar um estudo qualitativo sobre a realidade do texto noticioso do jornal impresso e suas consequências em relação à compreensão por parte do leitor. Para tanto, o percurso metodológico inclui pesquisa de campo – que foi dividida entre observação e entrevistas em profundidade – por meio da qual buscou-se compreender quais as perdas significativas que a extinção da função de revisor trouxe para a eficaz compreensão do texto do jornal impresso. A proposta foi desenvolvida para a conclusão do curso de bacharelado em Jornalismo, a partir de projeto de iniciação científica realizado por meio do Programa Voluntário de Iniciação Científica (PIVIC) e justifica-se porque, ao longo da história, o jornalismo adaptou-se às mudanças ocorridas nas sociedades em que estava inserido, porém, o texto claro, coeso e que respeita a norma culta da linguagem vigente manteve-se como condição imprescindível à concretização da comunicação. Problemas na ortografia e na coerência do texto do jornal impresso, por exemplo, podem vir a prejudicar a reputação do veículo de imprensa e, progressivamente, da profissão do jornalista. A pesquisa bibliográfica sobre o tema central e seus desdobramentos, o estudo de caso do texto do *Jornal da Cidade* e a reflexão sobre a relação que uma amostra de jornalistas do veículo possui com a revisão textual, propiciaram a análise, ainda que delimitada, de parte do cenário de produção do jornalismo impresso diário do interior paulista.

Palavras-chave: Jornalismo. Jornalismo Impresso. Texto. Revisão.

ABSTRACT

This paper aims to carry out a social and exploratory study on the production and news-proofreading scenario in daily printed journalism, having as its corpus the local newspaper of the City of Bauru, Sao Paulo, called Jornal da Cidade. The main target is to develop a qualitative study on the reality of the news of the printed newspaper and its consequences in terms of understanding by the reader. For this purpose, the methodological course includes field research, which was divided between observation and in-depth interviews and by which it aimed at understanding the significant losses that the extinction of the proofreader's job brought to the effective text comprehension of the printed newspaper. The proposal has been developed in order to complete the bachelor's degree in Journalism, from a scientific research project conducted by the Volunteer Program for Scientific Initiation (PIVIC). It is justified since throughout history, journalism has adjusted to changes in the societies in which it was placed, however, the clear and coherent text that respects the cultural norms of the current language remained as an essential condition for communication achievement. Problems in spelling and coherence in the newspaper printed text, for instance, may damage the reputation of the press vehicle and gradually the profession of journalist. The bibliographical survey on the central theme and its ramifications, the case study on the local newspaper text along with the reflection on the connection that a sample of journalists of the vehicle has with the proofreading, enabled the analysis, even being defined by part of the production scenario of daily printed journalism in Sao Paulo countryside.

Keywords: Journalism, Printed Journalism, Text, Proofreading

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 Erro! Indicador não definido. **99**

Figura 2 Erro! Indicador não definido. **99**

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	14
1.1. PROBLEMA	17
1.2. HIPÓTESES.....	18
1.3. OBJETIVOS	19
1.3.1. GERAL.....	19
1.3.2. ESPECÍFICOS.....	19
1.4. JUSTIFICATIVA	19
1.5. REVISÃO DE LITERATURA	20
1.6. METODOLOGIA.....	21
2. BREVE HISTÓRIA DA IMPRENSA: COMUNICAÇÃO COMO DESENVOLVIMENTO HUMANO E PROCESSO SOCIAL	24
3 JORNALISTA: PROTAGONISTA DA IMPRENSA.....	37
4 JORNALISMO DIÁRIO NO INTERIOR - <i>JORNAL DA CIDADE, BAURU (SP)</i>....	47
5 ESTUDO DE CASO – OBSERVAÇÃO DIRETA DO TEXTO DO <i>JORNAL DA CIDADE, DE BAURU</i>.....	50
5.1. DEFINIÇÃO DE <i>CORPUS</i> E METODOLOGIA DE PESQUISA	50
5.2. ANÁLISE DE EDIÇÕES DO <i>JORNAL DA CIDADE</i>	51
6 O TEXTO NO IMPRESSO DIÁRIO – GANHOS E PERDAS, NA VISÃO DE JORNALISTAS DO <i>JORNAL DA CIDADE</i>	90
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	115
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	120
APÊNDICES	124
APÊNDICE A – AUTORIZAÇÃO PARA PESQUISA.....	124
APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	125
APÊNDICE C – INSTRUMENTO DE PESQUISA.....	126
APÊNDICE D – ÍNTEGRA DAS ENTREVISTAS EM PROFUNDIDADE	127
ANEXOS	128
ANEXO A – PARECER CONSUBSTANCIADO – PLATAFORMA BRASIL.....	128

1. INTRODUÇÃO

O jornal impresso tem uma longa e rica história – desde seu nascimento, no período pós Revolução Francesa (1789) até os dias atuais -, o que implicou em profundas modificações, acompanhando o curso das sociedades nas quais estava inserido. Essas mudanças, porém, não deixaram que uma característica se perdesse pelo caminho: o jornal impresso continua primando pelo texto de qualidade – sintática e semanticamente.

E ao olhar para a história mundial do jornalismo, depara-se com a ideia inicial de que o jornalista é aquele que ilumina a escuridão da ignorância, aquele que tira a população da condição do não-saber, que lidera a conquista do direito à informação - tudo isso expresso por um texto de qualidade, que transmita credibilidade ao leitor.

A ideia do jornalismo “esclarecedor” é trazida à tona por Ciro Marcondes Filho, que cita o *Primeiro Jornalismo*, no pós Revolução Francesa, em 1789, como sendo o da “iluminação”, no qual o saber deixa de estar apenas nas mãos do clero, dos cientistas e da alta sociedade:

Assim, todo o saber acumulado e reservado aos sábios passa agora a circular de forma mais ou menos livre. E são os jornalistas que irão abastecer esse mercado, sua atividade será a de procurar, explorar, escavar, vasculhar, virar tudo de pernas pro ar, até mesmo de profanar, no interesse da notícia. (MARCONDES FILHO, 2000, p.10).

É necessário lembrar que esse cenário em quase nada se assemelha ao atual. No século XVIII, mesmo com a informação circulando de forma mais livre, essa liberdade ainda estava atrelada às elites, a poucos recursos tecnológicos, à boa parte da população analfabeta, além de censura prévia e de linguagem erudita – e, sobretudo, não podemos esquecer que se fala de jornalismo impresso, no momento.

No Brasil, o cenário não foi diferente. Em 1808, com a chegada da Corte Portuguesa, instalou-se, também, no país a tipografia da Imprensa Régia – da qual os poderes civis e eclesiais eram censores prévios. Esse primeiro momento de imprensa brasileira foi marcado, então, pelo oficialismo, censura e atraso, além de um modelo baseado nas atividades impressas de Portugal.

É nesse contexto que é concebido o primeiro impresso brasileiro de que se tem notícia, o *Correio Braziliense*, cujo exemplar inicial é de junho de 1808 – embora a redação e a impressão tenham sido realizadas em Londres, há notícias de que o impresso, redigido por Hipólito da Costa, era lido constantemente no Brasil. Outros impressos brasileiros, como *Gazeta do Rio de Janeiro*, *O Patriota* e *O Espelho*, também datam da primeira metade do século XIX.

Esses jornais periódicos – distantes do que hoje chamamos de jornais impressos, a começar pelo número de páginas, que mais se assemelhavam ao que, atualmente, entendemos como livro – tinham como mote principal a política da monarquia portuguesa, além de divulgações científicas, notícias internacionais, artes e, também, um pouco da vida cotidiana local. Tudo sempre legitimado pelas posições políticas dos censores prévios.

Em 1821, o rei D. João VI assinou um decreto que suspendia provisoriamente a censura prévia para a imprensa em geral, o que, na teoria, era um ganho para a liberdade de imprensa. Porém, ainda assim, a atividade era controlada:

Houve um crescimento da imprensa, sim, mas a questão do controle desta atividade seguiria uma linha sinuosa, com recuos e expansões: os dilemas, vividos pelos redatores de diversas correntes políticas, se cruzariam com as preocupações governamentais e com as constantes alterações dessa legislação pelos parlamentares. (MOREL, 2011, p. 34).

Surgiu, nesse momento, a figura do “redator panfletário” – aquele que disseminava ideias políticas e também pedagógicas, era patriótico e escrevia para convencer e atacar, em tom, muitas vezes, sarcástico, e em uma linguagem literária – grande característica do início do jornalismo. O texto escrito por esse redator era crítico e permeado de ideologias e o estilo passou a ganhar forças, mostrando-se cada vez mais eficaz para os jornais da época.

Essa linguagem literária marcou o princípio do jornalismo impresso. Mesmo anteriormente, em 1808, com a chegada da Corte Portuguesa e a instalação da tipografia da Imprensa Régia por parte desse governo imperial, o quadro permaneceu o mesmo, se estendendo por grande parte do século XX. Os primeiros textos de estética literária romântica na imprensa foram escritos por escritores renomados como José de Alencar, Álvares de Azevedo e Fagundes Varela, entre outros.

Segundo Ana Luiza Martins (2011, p.61), os estudantes egressos da Academia de Direito que formavam os quadros do jornal *A Província de São Paulo* (atual *O Estado de S.Paulo*) “[...] se envolviam com literatura e transferiam para os escritos a estetização da palavra.” Desse modo, tem-se como premissa que, além de estar presente em contos e folhetins publicados na imprensa, a linguagem literária fez parte, por grande parte do tempo, da linguagem dos textos de jornais impressos brasileiros.

Literatos do final do século XIX e início do século XX, como Olavo Bilac, João do Rio e Lima Barreto, também eram jornalistas – pode-se citá-los, então, como claros exemplos de que a “alta qualidade” (sintática e semântica) do texto jornalístico sempre foi, por excelência, uma condição *si ne qua non* para a qualidade do que entendemos como o *fazer jornalismo*. Pereira Lima afirma que o jornalismo era, para os literatos, uma forma de aperfeiçoamento e promoção de seus talentos:

A partir de 1850 e até o final do século XIX, apenas para citar um marco temporal, trabalharam em jornais escritores como Manuel Antonio de Almeida – autor de *Memórias de um sargento de milícias* –, no *Correio Mercantil* (do Rio de Janeiro), José de Alencar – que chegou a redator-chefe do *Diário do Rio de Janeiro* –, Gonçalves Dias, Joaquim Manuel de Macedo – ambos na *Revista Popular* – e tantos outros de menor projeção pública. (PEREIRA LIMA, 2004, p.174)

O trabalho dos literatos em jornais não se resumiu ao século XIX – ao contrário: estendeu-se pelos séculos seguintes, de maneira a influenciar no estilo do texto jornalístico. João do Rio é um exemplo emblemático de jornalista do início do século XX que também era autor de obras literárias – deu, inclusive, os primeiros passos para o gênero da reportagem, que viria a se consolidar no jornal impresso brasileiro, muito influenciado pelo jornalismo literário. Fernando Portela, do *Jornal da Tarde*, nos anos 70 e, mais recentemente, nos anos 2000, Eliane Brum, da *Revista Época* e do *Jornal El País*, também são fortes exemplos da ligação entre jornalismo e literatura.

Nesse sentido, o jornalista tem se mantido como aquele que, além de deter e transmitir as informações, o faz com um texto claro, coeso e respeitando a norma culta da língua na qual escreve.

Segundo Erbolato (2002), as notícias chegam às redações dos jornais e/ou são produzidas ali, depois de apurações, e todo o corpo redacional é responsável, direta ou indiretamente, pelo texto:

Na Redação dos jornais, a atividade é sempre das mais intensas, com notícias que chegam ininterruptamente. Os encarregados de recebê-las (Produção ou Recepção) as encaminham aos redatores, para que possam ser *tratadas*, de acordo com a importância de que se revestem. (ERBOLATO, 2002, p.220).

Há muitos profissionais, então, responsáveis pelo texto e, até sua quase extinção (no final da década de 90), o setor de revisão textual era o principal encarregado dessa finalização da notícia e da manutenção da qualidade textual.

Ao longo da história do jornalismo impresso no Brasil, porém, essa “alta qualidade” do texto, juntamente com a ortografia dentro dos padrões da norma culta, vem sofrendo uma queda vertiginosa e visível aos olhos dos leitores mais atentos ao texto impresso. *Um dos prováveis motivos pelos quais esse fato pode estar ocorrendo é a “substituição” do profissional revisor de texto, provocada, em grande parte, pela diminuição do corpo redacional, em decorrência, também, da chegada de novas plataformas nas quais o texto impresso está inserido.

1.1. PROBLEMA

Embora as novas plataformas tragam a informação de maneira rápida, é necessário lembrar que “os jornais (impressos) manejam a notícia com mais pormenores e extensão do que qualquer outro veículo de comunicação de massa” (ERBOLATO, 2002, p. 31). Dessa forma, um texto de qualidade se faz imprescindível para a eficaz compreensão do leitor e para a construção e manutenção da reputação tanto do jornalista quanto do veículo impresso.

Esse texto de qualidade é responsabilidade do jornalista que o produz; contudo, a figura de um revisor de texto – que não só corrige como também busca a uniformidade da linguagem textual, baseada nos critérios da linha editorial do veículo – tornou-se marcante desde que ocorreu a divisão de funções nas redações.

A função de um jornalista como revisor e conhecedor das regras da língua portuguesa passou, então, a ser destinada a um profissional específico que cuida, sobretudo, dos desvios ortográficos e da coerência do texto, adequando-o ao padrão do jornal e tornando-o um todo integrado, como afirma Juarez Bahia:

A revisão existe não apenas para corrigir descuidos ortográficos ou técnicos, mas também para corrigir os lapsos de redação até assegurar unidade de estilo ao texto que nem sempre sai com esta característica das mãos do autor. Aí surge o papel do revisor, estreitamente aliado a um dos setores da redação (o de preparador da matéria ou reescrevedor). (BAHIA, 2009, p. 182).

Com a informatização das redações e a conseqüente diminuição do corpo redacional do jornal impresso, a figura específica do revisor foi se tornando cada vez mais rara até estar, atualmente, extinta, na maioria dos veículos.

A revisão fica a cargo, então, do próprio jornalista autor do texto e, também, do editor de área; o acúmulo de funções por parte desses profissionais, juntamente com a convicção de que ferramentas informatizadas de edição de texto são inteiramente confiáveis, podem ter levado ao cenário que se apresenta, hoje, nos jornais impressos: um crescente número de desvios gramaticais e problemas de coesão e coerência textual, dificultando a fluidez de leitura e a compreensão desses textos veiculados.

Isto posto, delinea-se o problema: como confiar em uma informação que traz, em seu texto, desvios ortográficos e/ou problemas de coesão? Como fazer uma leitura aprofundada de uma matéria se há uma queda na qualidade do texto, se o texto traz dificuldade de compreensão ao leitor?

1.2. HIPÓTESES

Colocadas as questões norteadoras, este estudo se propõe a investigar a relação existente entre a substituição da figura do revisor e a qualidade efetiva dos textos do jornal impresso, explorando as seguintes hipóteses:

- a) O papel do revisor foi incorporado pelo editor, cuja sobrecarga de atividades dificulta a revisão detalhada dos textos.

- b) Ferramentas de edição de texto – como o corretor do programa *Word*, por exemplo – passaram a integrar a rotina dos jornalistas.
- c) A incorporação da revisão à edição e o uso de ferramentas tecnológicas não resultam na manutenção da qualidade efetiva do texto, ocasionando a incorporação dos erros à rotina do jornalismo impresso diário.

1.3. OBJETIVOS

A investigação deste trabalho é guiada pelos seguintes objetivos:

1.3.1. GERAL

Realizar um estudo social exploratório sobre a extinção da função do revisor do jornal impresso diário e suas consequências.

1.3.2. ESPECÍFICOS

- Identificar a importância da função do revisor no jornalismo impresso diário;
- Pesquisar sobre o contexto atual das redações de jornal impresso diário, tendo como objeto principal de estudo o *Jornal da Cidade*, de Bauru/SP;
- Analisar se os instrumentos e ferramentas que substituíram a revisão feita por esse profissional são, de fato, efetivos;
- Especificar quais são as perdas mais profundas na qualidade do texto do jornal impresso diário, após a extinção do revisor textual.

1.4. JUSTIFICATIVA

Investigar a crescente demanda por informações aprofundadas e uma enorme produção jornalística nos dias atuais, justifica-se pela constatação prévia de que os leitores do jornal impresso diário buscam, nesse produto, uma qualidade de texto que possa vir ao encontro das suas expectativas. Há uma necessidade de que o texto seja cuidadosamente tratado, já que “para alcançar ambos os fins – tiragem elevada e rentabilidade –, [os jornais impressos] devem obter a confiança dos leitores e da maior fonte de onde provêm suas receitas: os anunciantes.” (ERBOLATO, 2002, p.18).

O fato da função do revisor de textos estar quase extinta no jornal impresso diário é um dos motivos pelos quais os erros – sintáticos, semânticos e até de conteúdo – se mostram cada vez mais constantes e esta pesquisa trará à tona as perdas mais profundas em qualidade de texto desde que a figura do revisor vem desaparecendo das redações.

A pesquisa terá como foco central o texto do *Jornal da Cidade*, impresso que circula diariamente na cidade de Bauru, interior de São Paulo e outras 42 cidades da região. A escolha desse veículo de comunicação deveu-se ao fato do *Jornal da Cidade* ser o jornal com mais relevância em Bauru, cidade na qual está sediada esta pesquisa. Criado em 1967, o *JC* tem tiragem de, aproximadamente, 28 mil exemplares diários durante a semana, chegando a 30 mil exemplares aos finais de semana, um número alto para um jornal regional, o que implica em uma grande quantidade de leitores diários da publicação.¹

Além disso, o estudo pretende refletir sobre o exercício da função jornalística no atual cenário do jornalismo impresso diário, com a substituição do revisor de texto pelas ferramentas tecnológicas de revisão e pelo acúmulo de função (seja pelo repórter e/ou pelo editor): o desrespeito às normas pode desqualificar a profissão, a curto e em longo prazo.

Por fim, há uma justificativa pessoal para o estudo a ser realizado: esta pesquisadora tem, como sua primeira formação acadêmica, a graduação em Letras, de modo que, pessoalmente, a revisão textual e a qualidade do texto impresso são grandes focos de pesquisa e interesse.

1.5. REVISÃO DE LITERATURA

Em um primeiro momento, a pesquisa bibliográfica deste trabalho terá seu foco nas questões históricas do jornalismo, principalmente no que diz respeito à ligação existente entre jornalismo e literatura no panorama não apenas brasileiro, mas também mundial. Para essa etapa, os autores estudados são BAHIA (2009), MELO (2003), RIZZINI (1977), MARCONDES FILHO (2000) e MARTINS e LUCA

¹ Informações transmitidas por Giselle Hilário, editora chefe do *Jornal da Cidade*, em entrevista a essa pesquisadora, na sede do *Jornal*, em 22 de maio de 2013.

(2011), que retratam a história da imprensa e do jornalismo inseridos em um contexto geral da sociedade. Os dois primeiros capítulos são o resultado desse estudo histórico.

Além do contexto histórico-social do jornalismo, o primeiro capítulo também tem como referência bibliográfica a obra organizada por DUARTE e BARROS (2010), que traz as diretrizes metodológicas do trabalho científico utilizadas na pesquisa.

Exposto e analisado esse contexto histórico e metodológico, as obras de ERBOLATO (2002), LAGE (2003), MEDINA (1988) e PEREIRA JR (2006) são fontes para a análise da teoria e da prática da profissão de jornalista e de seu contato estrito com o texto de qualidade que se espera do profissional. Nesse panorama, MARCONDES FILHO (2000) merece uma atenção especial quando retrata o cenário da profissão através dos tempos e faz uma análise crítica das transformações que ocorreram no jornalismo e, conseqüentemente, no texto produzido pelos profissionais. O terceiro e o quarto capítulos do trabalho são baseados nesses estudos.

Completando a revisão de literatura, artigos sobre o assunto *revisão textual* também compõem esse referencial teórico. SILVA (2009), RIBEIRO (2009) e DEJAVITE (2006) trataram do tema em congressos e revista de comunicação e trouxeram, para esse trabalho, contribuições relevantes no que tange à revisão textual do jornal impresso diário.

1.6. METODOLOGIA

Este trabalho é um estudo social exploratório cujo percurso metodológico envolve, inicialmente, uma pesquisa bibliográfica sobre o jornalismo impresso – sua origem e seu desenvolvimento histórico e social – bem como sobre o papel da profissão de jornalista na sociedade, a fim de que haja embasamento teórico suficiente para a execução do projeto.

A etapa da pesquisa bibliográfica é de extrema relevância para a construção do estudo como um todo, pois, como afirmam Barros e Junqueira (BARROS;

JUNQUEIRA, 2010, p. 34) “[...] o objeto de estudo é *construído* no âmbito de uma *relação social* e, por isso, não pode existir de forma autônoma da perspectiva teórica adotada e do contexto no qual ela é empregada.”, ou seja, não há como pensar no objeto de estudo de forma concreta sem antes analisar detalhadamente as pesquisas teóricas já realizadas sobre ele.

Essa pesquisa bibliográfica – bem como o fichamento das obras pesquisadas – será baseada nos autores citados na revisão de literatura e em outros que certamente surgirão durante o trabalho.

Terminada a etapa preliminar de estudo teórico – preliminar, pois, ao longo de todo o trabalho, surgirá a necessidade de outras pesquisas teóricas – será realizado um estudo de caso sobre o jornal impresso diário escolhido (*Jornal da Cidade*). A opção por esse método deveu-se ao fato de que, assim, pode-se analisar de maneira mais completa e minuciosa um objeto, em relação ao seu contexto e relevância social. Marcia Yukiko Matsuuchi Duarte (DUARTE, 2010) reitera que, ao utilizar duas fontes de evidência, o método se torna importante para coletar informações de maneiras variadas:

O estudo de caso deve ter preferência quando se pretende examinar eventos contemporâneos, em situações onde não se podem manipular comportamentos relevantes e é possível empregar duas fontes de evidências, em geral não utilizadas pelo historiador, que são a observação direta e série sistemática de entrevistas. (DUARTE, 2010, p.219)

Após o período de observação direta, haverá uma pesquisa qualitativa, a partir de uma seleção de 10 (dez) produtores de notícia – jornalistas atuantes e outros que já exerceram a função de revisores – para que se possa analisar a rotina de revisão. Nessa etapa o método envolverá entrevistas em profundidade (como segundo momento do estudo de caso), já que o foco é menor na quantificação do que nas experiências dos entrevistados, para a resposta das questões norteadoras.

A entrevista em profundidade colabora para uma observação mais detalhada da vivência dos entrevistados, contribuindo, assim, para integração de teoria e prática. Desse modo, nas palavras de Jorge Duarte “[...] os dados não são apenas colhidos, mas também resultado de interpretação e reconstrução pelo pesquisador, em diálogo inteligente e crítico com a realidade.” (DUARTE, 2010, p.62).

De posse das transcrições das entrevistas realizadas, os dados serão compilados e analisados, a fim de que um breve panorama sobre o texto do jornal impresso (especificamente, o *Jornal da Cidade*, de Bauru) seja delineado, com especial atenção à revisão textual.

Espera-se que os resultados das etapas citadas permitam responder não só às questões que norteiam esse projeto como também fazer uma análise aprofundada sobre as hipóteses levantadas no início do trabalho.

2. BREVE HISTÓRIA DA IMPRENSA: COMUNICAÇÃO COMO DESENVOLVIMENTO HUMANO E PROCESSO SOCIAL

Para que haja vida em coletividade, é necessário que exista comunicação entre os indivíduos que dela fazem parte, porque, como assegura José Marques de Melo, “Como processo social básico, a Comunicação representa o alicerce da vida em sociedade.” (MELO, 2003, p.31),

Isto posto, pode-se afirmar, então, que a comunicação existe desde a era das cavernas e dos homens primitivos. Comunicar-se, mesmo que de maneira rudimentar – através de gestos, de registros pictóricos nas paredes e da oralidade, nos primeiros tempos, por exemplo – colaborou (e ainda colabora) para que os indivíduos se desenvolvam como seres sociais e para que a humanidade em geral continue evoluindo.

O progresso da civilização levou, séculos depois, o homem a pensar sobre sua própria comunicação, a analisar sua maneira de transmitir ao outro o que desejava – ou o que queria que o outro soubesse. Essa reflexão sobre o ato e, principalmente, sobre a intenção de se comunicar é um dos embriões da imprensa como processo social, que começa na concepção da palavra escrita, já que “A escrita mudou radicalmente nossa forma de pensar. É uma revolução no processo cognitivo humano. [...] A distância do emissor da mensagem inibe nossa percepção sinestésica sobre a emissão.” (PENA, 2010, p.26).

Europa – berço da imprensa

Um cenário propício para mudanças concretas. Assim era a Europa no final da Idade Média, quando surge, de fato, a imprensa. O século XV trazia o início da industrialização e também da urbanização para os europeus – momento ideal para que transformações significativas começassem a se desenhar.

Conforme afirma Melo (2003), a formação de um novo grupo social na Europa, também calcado no contexto de expansão urbana, é um dos muitos motivos que colaboraram para o nascimento da imprensa no continente. Uma das causas do

desenvolvimento dessa elite intelectual se deu, também, por conta da criação das universidades – que passaram a formar pensadores (para habilidades mercantis, primeiramente) e começaram a dividir com a Igreja o poder da leitura e escrita, que, até então, era quase exclusivamente detido pela Instituição.

A imprensa, no entanto, não nasce com os fins que hoje possui, mas tem um de seus princípios na universidade européia: era necessário que houvesse textos para que os estudantes pudessem se especializar e, assim, calígrafos e copistas passaram a produzir manuscritos quase que rudimentares.

Porém, um dos fatores mais relevantes em relação ao surgimento da imprensa na Europa era a necessidade de papéis escritos que as atividades econômicas demandavam – letras de câmbio, correspondências comerciais e outros instrumentos que passaram a ser cada vez mais importantes para o desenvolvimento comercial e industrial que crescia e se consolidava. Assim, como assegura Sodré, o capitalismo crescente ajudou consideravelmente o desenvolvimento da imprensa, já que a “Atividade capitalista é condição indispensável para o desenvolvimento da imprensa”. (SODRÉ, 1966, p. 6)

A expansão da imprensa, todavia, acontece de maneira lenta e gradual, um pouco pelo próprio fator estrutural – a prensa de tipos móveis, tida como marco na história da imprensa, é criada em 1456, pelo alemão J. Gutemberg, mas ainda é limitada na reprodução de papéis impressos.

Outro fator que retardou o progresso da imprensa foi o controle rigoroso que a Igreja e os governantes civis aplicavam em relação às publicações que seriam disseminadas. O controle social chegava até a imprensa e havia uma censura prévia “oficial” pela qual passava o que seria impresso, já que “A imprensa, periódica ou não, surgiu e se consolidou sob determinadas condições e características, que não eram evidentemente, as de uma democracia moderna, de sociedades industriais ou de uma cultura de massas.” (MOREL, 2011, p.28).

Nascimento da imprensa no Brasil: ordem do colonizador

A partir do século XVI, a Europa fortalece sua expansão marítima e passa a conquistar novos territórios, a fim de expandir e confirmar sua soberania entre os povos. Essa soberania não se deu apenas na questão territorial, mas também no âmbito dos valores e crenças que os colonizadores passavam a impor aos povos colonizados.

Embora a colonização tenha sido feita por diferentes povos europeus – espanhóis, ingleses e portugueses – a América, em geral, passou por um processo de “neutralização” dos valores culturais e/ou religiosos da população local. A imprensa, embora incipiente, tem papel fundamental nessa empreitada de dominação.

No Brasil, com a colonização portuguesa, não foi diferente. Embora algumas tentativas de início de imprensa, por parte de autores brasileiros, tenham acontecido durante anos anteriores, foi em 1808, com a chegada da Corte Portuguesa e a instalação da tipografia da Imprensa Régia, que a primeira experiência impressa aconteceu, de fato, em terras brasileiras, servindo à administração real.

Os primeiros tempos dessa imprensa dita brasileira (mesmo que tenha começado a ser produzida na Europa) ainda eram difíceis e complexos, pois, além do atraso em seu início, havia a “censura oficial”, realizada pelo poder civil e também pelo poder eclesial.

Embora a tradição oral ainda se mantivesse forte, havia, no campo de registros manuscritos, um terreno com algumas sementes genuinamente brasileiras – papéis pregados nas paredes e cópias de textos que, mesmo em número escasso, já circulavam na sociedade. Portanto, o cenário no Brasil não estava vazio:

A ênfase no *atraso*, na *censura* e no *oficialismo* como fatores explicativos dos primeiros tempos da imprensa (ou de sua ausência) não é suficiente para dar conta da complexidade de suas características e das demais formas de comunicação numa sociedade em mutação, do absolutismo em crise. [...] é possível acrescentar outro elemento para facilitar nossa compreensão: o de que o surgimento da imprensa periódica no Brasil não se deu numa espécie de vazio cultural, mas em meio a uma densa trama de relações e formas de transmissão já existentes, na qual a imprensa se inseria. (MOREL, 2011, p.24-25)

Em junho de 1808 nasce o *Correio Braziliense*, considerado, até hoje, o primeiro jornal brasileiro de que se têm registros. Mesmo sendo produzido em Londres, o periódico – que trazia críticas em relação aos rumos políticos do Brasil – era constantemente consumido por aqui, guardadas as devidas proporções de leitores da época.

Hipólito da Costa, um brasileiro perseguido político no Brasil, precisou fundar o jornal em um lugar no qual o domínio não era português. Costa era o redator do jornal na capital inglesa e começou a trazer para imprensa brasileira um debate político cada vez mais público – já que a disseminação dessa imprensa periódica foi fortemente marcada pela leitura coletiva.

Já em sua gênese, o jornalismo brasileiro foi marcado pela relação com a literatura: o *Correio Braziliense* também era chamado de *Armazém Literário* e possuía, além das seções tradicionais de política e comércio, uma seção específica destinada à Literatura e Ciências.

Em setembro do mesmo ano, a *Gazeta do Rio de Janeiro* é publicada em solo brasileiro – esse sim, um periódico genuinamente nacional, já que sua produção era realizada pela Imprensa Régia que foi, de fato, a primeira “editora” a funcionar no país. Logo, a publicação passou a ser conhecida como jornal oficial.

Na esteira das primeiras publicações, várias outras foram surgindo, mas muitas delas não sobreviveram a um ou dois exemplares. É válido destacar *O Patriota*, publicação que circulou entre 1813 e 1814 e que divulgava a ciência e a intelectualidade nascentes no país, tendo a colaboração, por exemplo, de Cláudio Manoel da Costa e Tomás Antonio de Gonzaga.

Liberdade de imprensa e o redator panfletário

No início do século XIX, a imprensa começa a levantar a bandeira da opinião pública. Ao contrário do que se possa imaginar e longe da ideia que se tem hoje do termo, esse era um recurso de legitimação das posições políticas as quais os periódicos impressos estavam atrelados, como afirmam Martins e Luca: “Diante do poder absolutista, havia um público letrado que, fazendo uso público da razão, construía leis morais, abstratas e gerais, que se tornavam uma fonte de [...] consolidação de uma nova legitimidade política.” (MARTINS; LUCA, 2011, p.33)

As discussões relacionadas ao papel que a imprensa passava a assumir na sociedade começavam ali. A quem ela servisse ou como era realizada, o fato é que a imprensa (em especial os papéis impressos) se consolidava como órgão de importância para a sociedade. Nesse contexto, para Juarez Bahia, “A imprensa é o elemento que faltava na composição de forças, de anseios e de aspirações voltados para a independência, para um ato de afirmação da autonomia. Nela, o jornal político se projeta [...]” (BAHIA, 2009, p.42).

Em 1820, ocorreu a liberação da censura prévia para a imprensa em geral, por parte da Junta do Governo da Revolução Constitucional. A opinião pública começava a usufruir, a partir de então, com o que passaram a chamar de liberdade de imprensa.

Nesse contexto de livre circulação de impresso – mesmo com muitos degraus a serem alcançados e avanços pequenos – surge a figura que Martins e Luca chamam de *redator panfletário*. Escritores patriotas, vistos pelos leitores, ao mesmo tempo, como políticos e também possuidores de caráter pedagógico, os “novos intelectuais” se utilizavam do estilo panfletário para escrever e transmitir suas ideias, através da imprensa escrita.

Esse estilo era marcado por “[...] capacidade de convencer e atacar, espírito mordaz e crítico, linguagem literária, sátira [...]” (MARTINS; LUCA, 2001, p.37) e marcou uma época ao proporcionar ao escritor uma maneira mais livre de escrever e de instigar a reflexão por parte de seus leitores, a partir de suas ideias políticas e, muitas vezes, revolucionárias. Essa fase da imprensa brasileira configurou-se como terreno fértil para polêmicas e confrontos de ideologia.

A imprensa panfletária foi um marco para a difusão dos pensamentos sobre a Independência do Brasil. Cipriano Barata é um exemplo dos nomes mais marcantes desse período, que tem nomes importantes, como José da Silva Lisboa, Evaristo da Veiga e padre Lopes da Gama. Barata foi o criador do jornal republicano *Sentinelas da Liberdade* e utilizou a imprensa como ferramenta de expansão de suas ideias republicanas.

Cipriano José Barata de Almeida é, possivelmente, o mais notável panfletário do Primeiro Reinado e das Regências Trinas. Jornalista, político, agitador, líder popular, a sua atividade revolucionária na imprensa projeta-o como um campeão das liberdades públicas, precursor das lutas pela Independência, República e Federação. (BAHIA, 2009, p.100)

Mesmo devagar, em razão do analfabetismo e de problemas como a escravidão, por exemplo, as primeiras décadas do século XIX são essenciais para a consolidação da imprensa escrita, que passou a ganhar mais espaço e a crescer em debates relacionados à esfera pública.

No período que segue, o das Regências (1831-1840), houve um grande aumento dos periódicos impressos, devido, principalmente ao crescimento de associações, que demandavam manifestos coletivos e buscavam, cada uma à sua maneira, lutar por direitos da nação brasileira, que estava caminhando para sua consolidação.

Confirmando a imprensa periódica como formato preferencial, o Segundo Reinado (1841-1889) trazia as causas políticas como fortes pautas dos jornais impressos – embora, timidamente, começassem a surgir outras, como a prestação de serviços e manifestações literárias. Uma dessas “novas pautas” era, inclusive, a cobertura da rotina do imperador Dom Pedro II.

Os jornalistas desse período eram eruditos, como Justiniano José da Rocha (1812 – 1862), formado em Direito e diretor do jornal *O Brazil*. A comunicação com a elite letrada demandava uma mistura de imprensa e literatura no texto escrito, para que as ideias estivessem à altura de seu público.

No entanto, o aparente quadro de estabilidade foi sendo quebrado conforme as ideias republicanas eram sendo divulgadas por grupos que mantinham periódicos impressos. Grupos governistas e oposicionistas trazem à tona uma imprensa político-partidária que denunciava e defendia seus interesses a partir da atividade jornalística. Novamente, a imprensa tem papel fundamental em mais um momento histórico: “Toda a imprensa, com exceção daquela comprometida com o escravagismo, tem atuação decisiva nos movimentos abolicionista e republicano.”, afirma Juarez Bahia (2009, p.120).

Os jornais e as Academias de Direito

Em 1827, Dom Pedro I criou a primeira faculdade de direito do país, a Academia de Direito do Largo São Francisco, em São Paulo. Os jovens que ali estavam para seguir o caminho acadêmico eram aqueles que faziam as reflexões mais aprofundadas sobre a sociedade brasileira da época. Esses pensamentos,

muitas vezes, eram veiculados através da imprensa que, mais uma vez serviu como “agente de visibilidade e poder.” (MARTINS, 2011, p.59).

A elite da época se encontrava nas academias de direito e seus textos – fossem eles poesia, filosofia, história ou atividade jornalística – eram cuidadosamente escritos, já que a cultura e o nível intelectual eram diferenciais de quem frequentava o ensino superior.

A ligação da academia com a imprensa, nesse momento do século XIX, era grande, a ponto de virem da Faculdade de Direito os redatores de veículos impressos que foram importantes para a produção jornalística da época:

“À Faculdade de Direito estão ligados em São Paulo o primeiro jornal impresso local, o *Farol Paulistano* (1827), com redatores dos quadros da recém-criada Academia; o segundo jornal, de oposição ao absolutismo, *O Observador Constitucional* (1829), do médico italiano Líbero Badaró, assassinado por sua posição liberal; o primeiro jornal diário da cidade, *O Constitucional* (1853), com quatro páginas; o *Correio Paulistano* (1854), primeiro grande jornal da imprensa paulista.” (MARTINS, 2001, p.61)

Seguindo a mesma linha – com redatores oriundos das academias de direito, que se dividiam entre escrever literatura e também sobre suas posições políticas – em 1875 nasceu um jornal cuja importância se faz presente até os dias de hoje: *A Província de São Paulo*, atualmente *O Estado de São Paulo*, um exemplo do poder e da relevância de certos periódicos do final do século XIX.

Diversificação do impresso: evoluir é preciso

Com o passar do tempo, foi crescendo a importância e o mercado da imprensa escrita no Brasil e, assim, a necessidade de diversificação dos produtos impressos – modificar o conteúdo e a forma se fez necessário.

Há exemplos dessas alterações que merecem especial destaque, posto que não só iniciaram um processo de mudanças como também se mantiveram como opções e/ou complementações ao jornal impresso ao longo do tempo.

Um desses exemplos é a charge política, composta por caricaturas que criticavam e, muitas vezes, satirizavam a situação social e política do momento. A charge antecedeu a fotografia e trouxe ao jornal impresso – e, posteriormente, à revista – uma maneira menos sisuda de criticar a política e a sociedade da época.

Segundo Juarez Benedito Bahia (2009) “Na ausência da fotografia, a ilustração registra o mais fielmente possível as mudanças que ocorrem na sociedade imperial e republicana. Mas também acrescenta a essa visão a sátira, a ironia, a informalidade e o deboche.” (BAHIA, 2009, p.129).

O folhetim é outro exemplo de mudanças de conteúdo do jornal impresso. As mulheres passaram a consumir mais o veículo e as temáticas precisavam de mudanças para que o novo público fosse, também, privilegiado. A política começou a dividir espaço com romances de autores franceses como Alexandre Dumas, Victor Hugo e Eugene Sue, que circulavam em capítulos pelo *Jornal do Commercio*.

Aos poucos, os autores brasileiros também começaram a apresentar seus romances para os leitores através dos jornais. Manuel Antônio de Almeida, com *Memórias de um sargento de milícias*, em 1852-1853 e José de Alencar, com *O Guarani*, em 1857, são exemplos de literatos e obras veiculadas nos jornais impressos. Foi a fase em que grandes escritores brasileiros – considerados, atualmente, alguns dos mais importantes – começaram a emprestar seu talento para o jornal impresso, qualificando não só o conteúdo desses veículos, como também a forma como a língua portuguesa era apresentada ao público leitor.

Há de se convir, portanto, que o jornalismo teve sua base alicerçada na literatura, o que, em muito colaborou para um texto jornalístico de qualidade e uma escrita cuidadosa, como afirma Pereira Lima (2004):

[...] Entre o jornalismo e a literatura havia em comum, nesses tempos pioneiros da era moderna, o ato da escrita. À medida que o texto jornalístico evolui da notícia para a reportagem, surge a necessidade de aperfeiçoamento das técnicas de tratamento da mensagem. Por uma condição de proximidade, estabelecida pelo elo comum da escrita, é natural compreender que, mesmo intuitivamente ou sem maior rigor metodológico, os jornalistas sentiam-se, então, inclinados a se inspirar na arte literária para encontrar os próprios caminhos de narrar o real. (PEREIRA LIMA, 2004, p.173-174)

Além dos romances publicados em capítulos, que despertavam o interesse e a curiosidade do leitor, dois outros gêneros textuais ganhavam espaço naquele momento: o conto e a crônica. Na esteira dos romances, levavam aos jornais um pouco da arte literária e transmitiam aos leitores uma visão dos acontecimentos da época de maneira mais leve.

A crônica, principalmente, levantava algumas observações reflexivas sobre a sociedade:

Coube à crônica, porém, exercer papéis múltiplos, ocupando o lugar do artigo de fundo, fazendo às vezes do que hoje se denomina editorial [...]. Marcada pela reflexão despretensiosa, redundou na forma ideal do trato literário de eventos cotidianos, driblando seu caráter efêmero. (MARTINS, 2001, p.68)

Baseando-se em acontecimentos e assuntos cotidianos, como é característica do gênero, a crônica ganhou espaço e se consolidou, desde então, como categoria que figura frequentemente nos jornais impressos, mantendo a ligação, mesmo que discreta, entre jornalismo e literatura.

Não é difícil ouvir que a imprensa serve, atualmente, a interesses políticos. Esse rótulo, porém, não é novo. Entre 1870 e 1885, a campanha republicana passava pelas letras dos jornais impressos:

O ideal republicano – acalentado no Brasil desde o século XVIII – retornava agora sob a pena dos jornalistas como programa de partido, que privilegiava a atuação por meio de uma imprensa partidária. [...] Mas a ideia de República foi encampada e propalada por uma imprensa vivaz, onde militaram liberais, jovens oficiais, cafeicultores do sudeste e os quadros do Partido Republicano Paulista (PRP), que fizeram dos prelos o instrumento preferencial da campanha republicana. (MARTINS, 2011, p.73)

Jornais como *A República*, *Correio Paulistano* e *A Província de São Paulo* são exemplos de publicações com viés político e, por vezes, até partidário, defendendo a causa republicana. Além deles, muitas outras pequenas publicações também se posicionavam favoravelmente ao fim da monarquia.

Há que se destacar, também, o jornal *A Reforma*, “órgão do Partido Liberal em cujas páginas aparece o manifesto de 1869 ‘A reforma ou revolução’ [a imprensa republicana], fica dividida entre o papel moderador, conciliador [...] e a pressão da sociedade.”. (BAHIA, 2009, p.118)

Após o final do Império, embora a imprensa ainda continuasse com tendências a notícias políticas, historicamente mais sisudas e complexas, houve mudanças significativas, como a força das ilustrações e a chegada da fotografia, por exemplo. O processo de modernização que a Primeira República prometia ao país também começou a chegar à comunicação, trazendo com ele o aumento das tiragens de periódicos e a melhor qualidade da impressão dos mesmos.

A modernização veio com o telefone e o telégrafo – que trouxeram agilidade para a notícia – e também com a expansão da população alfabetizada – que

aumentou o acesso do público à imprensa impressa. A evolução das técnicas influenciou uma mudança de “estilo” de texto, ao proporcionar mais rapidez na obtenção das informações, resultando em maior praticidade para quem escrevia, por exemplo.

O advento dessas novas técnicas colaborou para o momento de crescimento da imprensa, nos primeiros anos do Brasil República: “A eletricidade, o telefone, os transportes e os correios, com os serviços de cartas e telegramas, melhoram seus padrões e facilitam os programas de expansão dos jornais.”. (BAHIA, 2009, p.132)

O jornal impresso crescia em número de tiragem, mas também passou a dividir o seu espaço com a revista – esta, tratando dos assuntos com mais profundidade e iniciando a segmentação de leitores através de seus temas distintos. Esse avanço contou com o papel imprescindível da publicidade e das vendas por assinatura, que aumentavam – e mostravam maiores resultados – muito mais do que o idealismo das publicações:

O idealismo, porém, quase sempre sucumbia diante das exigências do mercado, condenando ao desaparecimento as pequenas folhas e as revistas sem estrutura econômica segura. Nesse particular, a questão do financiamento revelava-se decisivo. (COHEN, 2001, p.105)

Mesmo que a revista já se posicionasse como um veículo de peso na imprensa brasileira desde o início do século XX, ela ainda dividia com o jornal impresso o espaço das crônicas cotidianas. Literatos como Monteiro Lobato e Olavo Bilac escreviam regularmente para veículos importantes como *O Estado de S. Paulo* e *Correio Paulistano* e partilhavam o espaço com as notícias diárias.

Compartilhar esse espaço fazia do jornal um todo coeso, trazia uma identidade de leitura para o público, com uma linguagem coerente e um texto coeso e de fácil compreensão, para que o leitor sentisse confiança e credibilidade naquilo que lhe era oferecido.

O fato de o leitor sentir confiança naquilo que lia nos jornais impressos, favorecendo uma “fidelização”, colaborou para que os donos desses veículos aumentassem os cuidados, entre eles, uma melhor logística de distribuição e uma busca por um jornal que estimulasse o público leitor a comprar e a ler as publicações.

A publicidade foi um fator importante para que esse jornal se tornasse atrativo e, por volta de 1920, já estava inserida em quase todos os veículos impressos nacionais – ou, ao menos, naqueles de grande porte.

Nesses jornais das grandes cidades, a modernização e a industrialização trouxeram inovações que não ficaram apenas no âmbito de captação de recursos com a publicidade, mas também na estrutura de produção dos conteúdos e na diversificação de gêneros: o impresso também passou a trazer notas, reportagens e entrevistas, além das notícias – que também precisavam estar mais próximas do leitor, a fim colaborar, também, para a venda dos jornais, como afirma *Ciro Marcondes Filho (2000)*: “A notícia, como mercadoria, vai recebendo cada vez mais investimento para melhorar a sua aparência e sua vendabilidade.” (MARCONDES FILHO, 2000, p.24)

De acordo com *Marcondes Filho (2000)*, na década de 30 e, principalmente, no pós-guerra, a publicidade tem um papel fundamental ao incorporar-se à comunicação, muitas vezes, promovendo, de maneira indireta, produtos e ideias, a fim de que o público acreditasse ser de seu interesse. Mais uma vez, fatores alheios à informação em si interferem na maneira como os textos dos jornais são escritos.

Essa interferência, de publicidade e de assessorias de imprensa, passa a ser cada vez maior e mais enfática e tem seu início por volta dos anos 70, período no qual a “era tecnológica” também começa a influenciar tanto o conteúdo veiculado quanto o processo de produção desse conteúdo.

Publicidade, assessorias de imprensa e também agências de notícias (especializadas apenas na apuração de conteúdos e, posteriormente, de vendas destes para veículos de imprensa) trazem mudanças no que, até então, era produzido pelos jornais e essas mudanças são ainda mais marcantes com a chegada da tecnologia na área da comunicação.

[...] É a inflação de comunicados e de materiais de imprensa, que passam a ser fornecidos aos jornais por agentes empresariais e públicos (assessorias de imprensa) e que se misturam e se confundem com a informação jornalística (vinda da reportagem principalmente) depreciando-a “pela overdose”. Depois, a substituição do agente humano jornalista pelos sistemas de comunicação eletrônica, pelas redes, pelas formas interativas de criação, fornecimento e difusão de informações. São várias fontes igualmente tecnológicas, que recolhem material de todos os lados e produzem notícias. (MARCONDES FILHO, 2000, p.30)

No Brasil, o computador chega às redações dos jornais no início dos anos 80 e essa informatização inicia o que seria uma revolução no jornalismo impresso, reformulando a rotina e o sistema de trabalho das redações – e que, hoje, é apontada, muitas vezes, como fator determinante para o “imminente fim” do jornal impresso.

A alta velocidade de produção e veiculação de informações passa a pautar o trabalho do jornalista e o próprio cerne do jornalismo, profissão que, segundo Marcondes Filho (2000), “[...] tornou-se um disciplinamento técnico, antes que uma habilidade investigativa ou lingüística. Bom jornalista passou a ser mais aquele que consegue, em tempo hábil, dar conta das exigências de produção de notícias do que aquele que mais sabe ou melhor escreve.” (MARCONDES FILHO, 2000, p. 36).

Apenas “dar conta das exigências” é uma mudança significativa para uma profissão que, inicialmente, era exercida por literatos e trazia o texto de qualidade e a busca pelo ato de comunicar/informar como marcas fundamentais em sua já consolidada história.

Posteriormente, no final da década de 90, a chegada da internet – e o consequente fortalecimento das mídias digitais no Brasil – mudou, mais uma vez, os paradigmas do texto escrito. Além disso, também ajudou a fortalecer a concentração da mídia nas mãos de alguns grupos familiares, prática iniciada em 1932, quando Assis Chateaubriand fundou os Diários Associados – “[...] uma rede que, nos anos de apogeu, compunha-se de 31 jornais diários, três revistas, 23 emissoras de rádio, 13 estações de televisão e uma agência noticiosa.” (BAHIA, 2009, p.260).

O primeiro portal de notícias brasileiro, o Universo On line (UOL), fundado pelo grupo Folha da Manhã, em 1996, trouxe uma nova experiência aos consumidores de notícias e usuários da incipiente, mas promissora, rede mundial de computadores, no Brasil. A enxuta estrutura textual, a notícia em tempo real e a possibilidade de interagir com o meio de comunicação trouxeram, sem dúvida, uma enorme mudança no texto jornalístico – não apenas o *on line*, mas também o que veicula no suporte impresso.

Se antes, tínhamos um texto cuidadosamente escrito, coeso e que primava pela qualidade sintática e semântica, advinda, também, da história na qual se desenvolveu o jornalismo, hoje, muitas vezes, a rapidez com a qual a informação precisa ser transmitida e a sobrecarga de trabalho com a qual os jornalistas necessitam lidar – além das ferramentas de correção dos editores textuais das quais

dispõem – colaboram para um texto mais direto e menos revisado, podendo, muitas vezes, ter sua legibilidade comprometida.

3 JORNALISTA: PROTAGONISTA DA IMPRENSA

Diante de tão longo e complexo processo histórico quanto o do jornalismo, é preciso voltar os olhos mais cuidadosamente para quem se dedica a realizar essa atividade – o jornalista, bem como o *fazer jornalismo*, parte intrínseca da história da imprensa, protagonista e, ao mesmo tempo, autor dessa história.

No final do século XVIII, no chamado Primeiro Jornalismo, o jornalista era aquele que trazia à luz as informações antes reservadas aos sábios, como afirma Ciro Marcondes Filho: “[...] sua atividade será a de procurar, explorar, escavar, vasculhar, [...] até mesmo profanar, no interesse da notícia. Surge daí uma prática eminentemente sua, o *mito da transparência* [...]” (MARCONDES FILHO, 2000, p.10-11) – entende-se por *mito da transparência* a concepção da razão acima de tudo e de que o saber e o acesso às informações estariam, a partir de então, vinculadas ao jornalismo e não mais à Igreja ou à aristocracia.

Originou-se, então, a ideia de que o jornalista é o ser acima do bem e do mal, aquele que tudo sabe e que não sofre influências externas, controlando habilmente as informações e a maneira de transmiti-las aos “demais mortais”.

Essa ideia é, até hoje, uma espécie de senso comum, embora com menor intensidade. Como afirma Nelson Traquina (2005), o *ethos* jornalístico (o caráter, a moral, os hábitos) tornou-se um mito que a sociedade mantém vivo e que, mesmo com o passar do tempo, o “tipo ideal” de jornalista segue uma espécie de padrão:

No “tipo ideal” esboçado, os membros desta comunidade interpretativa são pessoas comprometidas com valores da profissão em que agem de forma desinteressada, fornecendo informação, ao serviço da opinião pública, e em constante vigilância na defesa da liberdade e da própria democracia. (TRAQUINA, 2005, p.129).

No momento em que os “homens das letras” passaram a ser remunerados por seu ofício – final do século XIX, início do século XX –, começa-se a discutir quais seriam as qualificações e habilidades exigidas por esse profissional, bem como seu propenso controle, ao introduzir e afirmar, para a sociedade, uma verdade legitimada, muito embora se saiba, hoje, que as verdades podem e devem ser contestadas, independente de onde venham e de quem as defenda.

Maria de Lourdes Eleutério (2011) intitula essa fase como a da instituição de um mercado jornalístico, no qual o papel e as funções do jornalista começavam a ser traçadas e pontuadas: “Escrever na imprensa tornou-se não apenas uma fonte de renda, mas também um instrumento de legitimação, distinção e mesmo de poder político. Criava-se o mercado jornalístico.” (ELEUTÉRIO, 2011, p.94).

A partir da criação desse mercado – no qual, portanto, a transação econômica passa a ser uma realidade para quem redige e também para quem remunera esse redator –, as autoras citam a alteração da “dinâmica intelectual” brasileira. Como em toda relação comercial, era necessário que houvesse uma fonte de renda para que as incipientes empresas jornalísticas (jornais impressos, nesse momento, vale lembrar) pagassem seus colaboradores; a renda advinha, então, do que passaria a indispensável para a sobrevivência do jornalismo: a receita publicitária.

A fase era, então, de profissionalização dos homens das letras e, não por acaso, coincidia com a inovação tecnológica na imprensa, na qual o investimento das instituições jornalísticas – para a aquisição do maquinário, como as rotativas, e pagamento de profissionais – era alto. Para Ciro Marcondes Filho (2000), é o momento em que os donos das empresas passam a se preocupar mais incisivamente com a subsistência econômica do jornalismo-negócio do que com a atividade jornalística em si:

A atividade que se iniciara com as discussões político-literárias aquecidas, emocionais, relativamente anárquicas, começava agora a se constituir como grande empresa capitalista: todo o romantismo da primeira fase será substituído por uma máquina de produção de notícias e de lucros com os jornais populares e sensacionalistas. (MARCONDES FILHO, 2000, p.13).

O papel do jornalista profissional era – pela primeira de muitas vezes, ao longo do desenvolvimento da profissão – colocado em xeque. Ainda que a qualidade do texto, a busca pela informação e a divulgação dos conteúdos à sociedade estivessem no topo das atribuições delegadas ao profissional – e exigidas dele – essas passavam a sofrer grande influência do mercado, que tinha (e ainda tem) o lucro como princípio e que levou o jornalismo a certo distanciamento de sua essência inicial.

Com a indústria jornalística crescendo e exigindo rendimentos, o jornalista, como qualquer outro profissional, precisava trabalhar para que a empresa, na qual

era contratado, lucrasse. Para garantir esse lucro, de acordo com Ciro Marcondes Filho (2000), era necessário se adaptar às demandas do mercado, escrevendo como esses consumidores de jornais impressos lhes demandavam.

[...] Conseqüentemente, o jornalismo deixou de ser tão livre, descomprometido, espaço aberto a toda e qualquer manifestação dos agentes sociais, tornando-se produto “trabalhado”, voltado ao mercado, dependente de gostos e do interesse de uma ampla massa de consumidores. A audácia e a criatividade jornalística perdem terreno em relação ao conformismo e à repetitividade mercadológica. (MARCONDES FILHO, 2000, p.33).

Afirmar que o jornalismo passava por um período em que não era “tão livre” não significa dizer que seu sentido perdeu-se em meio à publicidade, mas que o mercado publicitário influenciou o modo de fazer jornalismo, pois era necessário vender cada vez mais jornais, também para haver lucro aos anunciantes e às próprias empresas jornalísticas.

Esse cenário, novo no Brasil, era uma realidade que havia preocupado os Estados Unidos, já no período de 1920 e 1930 – haja vista que o país sempre foi pioneiro nas comunicações, quando se trata do continente americano. Schudson (2010) afirma que a entrada da publicidade e das relações públicas no jornalismo norte-americano também suscitou uma série de questionamentos da própria imprensa e dos especialistas, que viam esse novo cenário como “ameaçador” ao jornalismo:

As revistas especializadas em mídia com frequência atacavam as relações públicas durante os anos de 1920 e na década de 1930. O *Editor and Publisher* temia que os agentes de relações públicas ajudassem as empresas a promover como notícia o que de outro modo teria sido comprado como publicidade. (SCHUDSON, 2010, p.160).

Porém, mesmo com um inicial estranhamento – e até uma certa antipatia, por parte dos jornalistas – a entrada da publicidade nas empresas jornalísticas era uma realidade que não teria mais volta. Erbolato (2002) menciona que o jornal impresso, por si só, tem mais duas finalidades, além da essencial, que é informar o público leitor: vender o maior número possível de exemplares e obter lucro, através dessas vendas:

Jornal é mercadoria à procura de comprador, todos os dias, a cada edição que se coloca à venda nas bancas. [...] Para alcançar ambos

os fins – tiragem elevada e rentabilidade –, devem obter a confiança dos leitores e da maior fonte de onde provêm suas receitas: os anunciantes. (ERBOLATO, 2002, p.18).

Para que o leitor pudesse obter essa confiança no veículo de comunicação impresso – por consequência, comprá-lo ou assiná-lo em detrimento do concorrente –, os grandes jornais precisavam conquistar o público não só através informações de qualidade, mas também buscar maneiras de transmitir essas informações de maneira em que ocorresse, de fato, a legibilidade para grande parte dos que lessem seus textos. Ainda segundo Erbolato (2002):

Pode-se escrever corretamente, do ponto de vista gramatical, mas, se forem empregadas palavras difíceis, termos técnicos, neologismos ou excesso de adjetivação, o leitor que tenha apenas o curso primário não entenderá a notícia, ficará irritado e deixará de lê-la até o fim. Não será impossível que ele até se torne um inimigo do jornal [...]. (ERBOLATO, 2002, p.20).

Desse modo, “publicizar” o jornalismo não o deixava menor, mas era uma questão de adaptação aos novos tempos de industrialização e urbanização nos quais o Brasil estava entrando. Para Cremilda Medina (1988), começava a se fazer necessário o *pensar* sobre as estratégias de comunicação e construir a forma de transmissão da informação com base em pontos de referência que a própria sociedade fornecia, para que a notícia fosse vendável:

Vista no complexo da comunicação de massa, [a notícia] é realmente um dos produtos de consumo da indústria cultural. Mas não um produto só revestido de conotações negativas associadas à crítica do sistema pós-industrialização. Um produto dinâmico pelo ângulo da oferta e da demanda. Um produto típico das sociedades urbanas e industrializadas, reproduzindo em grande escala, fabricado para atingir a massa. (MEDINA, 1988, p.40).

Paralela a essa publicização do jornalismo, que também influenciou no texto do jornalista, um outro ponto importante a ser destacado quando se fala de nova linguagem e de novos formatos de textos impressos é a influência de uma corrente denominada *new journalism*.

O *new journalism* nasceu nos Estados Unidos na década de 60 e resgatou um estilo de texto jornalístico mais próximo do jornalismo literário, que passa a ser praticado na década de 1930, por meio de revistas como *The New Yorker* e *Squire*. Dotado de menos objetividade que uma notícia considerada tradicional e de uma

linguagem mais apurada, os textos dessa corrente foram fundamentais para alicerçar um novo gênero jornalístico que se consolidou na imprensa mundial: a reportagem.

Adelmo Genro Filho (2012) enxerga a reportagem como uma nova maneira de informar os fatos, que trouxe mudanças positivas para o jornalismo:

[...] o 'novo jornalismo' recorreu às formas literárias para obter um reforço da reportagem, para dizer algo que não estava sendo dito pelas formas usuais do jornalismo e que, por tais formas, seria quase impossível dizê-lo. O *particular estético* – ou típico – permitia, então, a percepção de certos aspectos que o simples relato jornalístico cristalizado na singularidade não comportava. (GENRO FILHO, 2012, p.210).

No cenário já desenhado à época, em que os jornalistas dos veículos começavam a ter funções distintas na redação (PEREIRA LIMA, 2004), era comum que alguns precisassem se dedicar às matérias *quentes*, ao que era inédito e necessitava de publicação rápida – foco mais importante dos jornais impressos, naquele momento – e outros às matérias *frias*, que não demandavam tanta rapidez e que poderiam ter o olhar mais atento do jornalista, tanto em relação à apuração quanto em relação ao tratamento dedicado ao texto.

Esse texto jornalístico mais subjetivo e com alguns aspectos de narrativa literária (construção da história através de personagens, descrições, adjetivos, ironia, diálogos) era basicamente calcado em aspectos sociais da realidade e permitia ao jornalista exercitar, no texto, uma criatividade e uma liberdade de estilo que não lhe seria possível em notícias mais factuais, como descreve Edvaldo Pereira Lima (2004):

[...] as reportagens do *novo jornalismo* colocam em primeiro plano uma atitude diferente, quando comparada à imprensa conservadora, que se acomodara, não dera continuidade às inovações estilísticas [...]. À *objetividade* da captação linear, lógica, somava-se a *subjetividade* impregnada de impressões do repórter, imerso dos pés à cabeça no real. (PEREIRA LIMA, 2004, p.195)

Trilhando o caminho inverso dos literatos do final do século XIX, que exercitaram primeiro a literatura e, depois, o jornalismo, muitos jornalistas norte-americanos da década de 1960/1970 tornaram-se escritores depois de apurarem

suas habilidades textuais nos textos das primeiras reportagens do jornalismo impresso.

Ao terem liberdade para a experimentação e para o desenvolvimento de suas aptidões, os jornalistas não só trouxeram para sua prática profissional uma nova visão em relação ao texto como também foram desenvolvendo e ampliando essas novas técnicas, o que se refletiu em um ganho de qualidade textual – uma “releitura aprimorada” do jornalismo literário das décadas anteriores.

No Brasil, o *new journalism* também influenciou o texto de dois veículos de comunicação: o *Jornal da Tarde* e a *Revista Realidade*, ambos datados de 1966 e com estética textual que se aproximava dos materiais produzidos nos Estados Unidos.

Assim, então, inicia-se a história da reportagem na imprensa brasileira: ao espelhar-se no modelo norte-americano, o jornalismo brasileiro buscou inovar na forma de transmissão de conteúdo informativo e aliar um texto cuidadosamente escrito a um estilo que tendia a ser mais interpretativo, no qual o jornalista podia ousar e se aprofundar, valorizando o novo gênero, que tinha raízes na literatura.

As consequências da informatização no jornalismo

Se o texto do jornalismo impresso brasileiro estava repleto de novidades nos anos 60 – a influência da publicidade e do *new journalism* –, o final dos anos 70 e a década de 80 trouxeram mais uma inovação, forte e decisiva, que mudaria definitivamente os parâmetros da imprensa em geral: a informatização.

Ciro Marcondes Filho (2000) classifica esse momento como a segunda revolução do jornalismo (a primeira, segundo ele, seria a invenção da rotativa com consequente advento da imprensa de massa, em 1850):

Todo o ambiente redacional se transforma. Os terminais de vídeo substituem as máquinas de escrever, a gráfica separa-se fisicamente da redação, a diagramação deixa de ser manual para ser eletrônica, o texto passa a ser virtual: uma imagem na tela que é ao mesmo tempo distribuída, mexida, adaptada segundo a dinâmica da própria página. (MARCONEDES FILHO, 2000, p.35).

A informatização das redações, além de trazer mais rapidez ao processo noticioso, também colaborou para que o texto jornalístico fosse produzido e revisado

de maneira mais ágil, condizente com o avanço tecnológico que trazia inovações para vários setores do país.

Luiza Villaméa (VILLAMÉA, 2011, p. 252) lembra que, antes da chegada da tecnologia, a produção das notícias nas redações era lenta e passava por muitas etapas: repórteres as produziam, redatores e editores as preparavam – inclusive, escolhendo os títulos –, digitadores as copiavam em máquinas que, depois, imprimiam uma fita perfurada e uma cópia dessa notícia em papel fotográfico. A cópia, então, era entregue aos revisores, que faziam a comparação entre essa impressão e aquela dos digitadores, para que eventuais erros fossem corrigidos e, só então, a matéria revisada era liberada para impressão.

Era natural que, com a evolução e os avanços trazidos pelo mundo moderno (e cada vez mais preocupado em otimizar processos produtivos), a metodologia de construção da notícia se transformasse. Ao modernizar esse processo, através, principalmente, dos computadores instalados nas redações, os jornais impressos acompanhavam as inovações e, também, tentavam deixar para trás o risco de ficar ultrapassados, já que a concorrência com a televisão era cada vez maior.

Embora, no início desse cenário, alguns profissionais dos jornais impressos tenham apresentado resistências a mudanças, produzir notícias de forma mais rápida e informatizada, à primeira vista, parecia, além de inovador, uma ajuda e tanto para a maioria dos jornalistas. Através de processos mais dinâmicos, a tendência era que a produção das matérias ficasse mais ágil e, desse modo, o jornal pudesse ser mais diversificado na questão de conteúdo e também de técnicas.

Porém, a questão da notícia como produto à venda – expressão difundida por Cremilda Medina (2008) – volta à tona com a entrada da informatização no jornalismo. Para Ciro Marcondes Filho (2000), “A produção informatizada diária e contínua de um jornal tende a triturar os fatos – inclusive as análises –, transformando-os em um produto – apesar da aparência atraente, inodoro, incolor, insosso.” (MARCONDES FILHO, 2000, p.37).

Assim, para o pesquisador, a mesma tecnologia que informatizou os jornais acabou por padronizá-los, afastando os especialistas que trabalhavam nas redações e mantendo aquele profissional que tinha uma “capacidade redacional diversa, utilizável em qualquer editoria [...] um prestador de serviços jornalísticos, a saber, um simples e bom redator.” (MARCONDES FILHO, 2000, p.36).

Mesmo que essa seja uma visão mais unidirecional e não compartilhada por todos os estudiosos da área de comunicação, chama atenção a expressão *bom redator*. Ou seja, ainda que o processo de produção jornalística tenha evoluído em consonância com os avanços tecnológicos e sociais, o jornalista continuava (e continua) a ser o profissional que lida bem com o texto, que escreve de maneira clara, a fim de que o leitor não tenha problemas na decodificação das informações escritas.

Esse leitor precisa ter acesso a textos de qualidade (sintática, semântica, ortográfica e do conteúdo jornalístico) para que a informação seja compreendida, sem maiores problemas. E o jornalista tem a obrigação de fornecer qualidade textual ao seu público, para que ele compreenda e se interesse pelo conteúdo do jornal, como afirma Erbolato (2002):

Além do assunto, as pessoas são levadas a se interessar por uma notícia, desde que haja *facilidade para a leitura e compreensibilidade do texto*. Ambas estão interligadas, e o êxito dos jornais depende, nesse particular, da aplicação de normas que os levem a atingir referidos fins. [...]. O estilo, a pontuação e o emprego correto das palavras influem na *comunicação*. (ERBOLATO, 2002, p.138).

O sistema informatizado tomou conta das redações, definitivamente, nos anos 90 e se consolidou nos anos 2000, quando vários jornais impressos passaram a utilizar plataformas *on line* para disponibilizar seus conteúdos. Com a informatização e a tecnologia crescentes, o corpo redacional diminuiu significativamente e vários profissionais deixaram de ter espaço garantido nos jornais, entre eles, o revisor de texto.

De acordo com o Decreto nº 83.284, que trouxe novas regulamentações ao exercício da profissão de jornalista no Brasil, revisor é “[...] aquele que tem o encargo de rever as provas tipográficas de matéria jornalística; [...]”². É, então, o profissional que dá acabamento e coesão ao texto, observando as normas da língua vigente, corrigindo possíveis erros de ortografia, de coesão, de coerência, entre outros, como a redundância de palavras e/ou informações.

² BRASIL. Decreto nº 83.284, de 13 de maio de 1979. Dá nova regulamentação ao Decreto-Lei nº 972, de 17 de outubro de 1969, que dispõe sobre o exercício da profissão de jornalista, em decorrência das alterações introduzidas pela Lei nº 6.612, de 7 de dezembro de 1978. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 13 mar 1979. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/Antigos/D83284.htm> Acesso em 15 mai 2015.

O profissional responsável pela revisão tinha a incumbência de fazer as devidas alterações no texto, sem descaracterizá-lo em relação ao estilo e às ideias do redator, mas, adequando-o à linha editorial do veículo e colaborando para a coesão da publicação.

Para Erbolato (1981), a empresa jornalística como um todo busca que o produto final – nesse caso, cada edição do jornal impresso – tenha a menor quantidade de problemas possível, porém, caberia ao revisor a função de uniformizar o texto e minimizar as falhas textuais.

Apresentar exemplares de jornais sem erros ou falhas é tarefa e obrigação comum de todos os integrantes da redação e das oficinas. [...] Mas é à Revisão que cabe a última verificação. Se o correspondente, o enviado especial, o repórter, o redator, o *copy-desk*, o tipógrafo, o linotipista ou o paginador *cochilarem*, os revisores não devem falhar. [...] se algo sair errado a culpa será sempre lançada sobre os revisores. (ERBOLATO, 1981, p.85-86).

Ao prescindir de um profissional específico para verificação de textos, os jornais assumiram, embora não oficialmente, o compromisso de redistribuir as atividades realizadas pelo revisor entre todos os integrantes do corpo redacional. Os editores precisaram se adequar a uma leitura mais detalhada das matérias que seus repórteres redigiam, buscando manter o padrão de qualidade textual instituído pela área de revisão – e, nem sempre, há tempo e/ou habilidades para tanto.

Vale citar, a título de exemplificação, que as demissões que aconteceram nas décadas de 80 e 90, em dois dos grandes jornais brasileiros, são indícios de como a informatização das redações colaborou para que a função de revisor começasse a ser extinta.

Em 1984, a *Folha de São Paulo* “[...] excluiu, de uma só vez, setenta e dois revisores, substituídos por apenas um encarregado de apontar os erros de português e de digitação na edição de cada dia.” (SOARES, 1996, P.32). Alguns anos depois, em maio de 1991, “[...] a redação de *O Estado de São Paulo* já encontrava-se totalmente informatizada e os setores de Revisão, Digitação e parte do Peistape haviam sido extintos.” (VIANNA, 1992, p.132).

É importante ressaltar que, em momento algum, descarta-se a necessidade do jornalista revisar seu próprio texto, já que, como afirma Noblat (2003), “O mínimo, pois, que se espera de um jornalista ou de alguém portador de tal título é que saiba lidar com sua principal ferramenta de trabalho: o idioma.” (NOBLAT, 2003, p. 78).

Entretanto, a ausência de um profissional cuja função seja direcionada exclusivamente às correções textuais pode ser um ponto crucial na suposta queda de qualidade dos textos do jornal impresso diário, se levarmos em consideração que essa era uma atribuição da equipe de revisores.

Entretanto, a inexistência (ou escassez, em alguns casos) do setor de revisão nas redações é uma realidade inegável e crescente no jornalismo impresso diário – e não só nessa esfera, mas também em veículos de rádio e televisão. É o caso do Grupo Globo que explica, em seus Princípios Editoriais, publicados em site da empresa³, em 2011, o porquê de não contar mais com revisores:

A revisão não é uma forma de controle ou censura. É parte integrante e fundamental do processo jornalístico, e sua principal função é evitar erros. Se o processo jornalístico prescindiu da figura clássica do revisor, foi apenas porque todos os envolvidos numa reportagem se tornaram revisores.

Todos os jornalistas envolvidos com o texto precisam ser revisores, porém, o que é necessário pontuar é que, por um ou por outro motivo, muitas vezes, esses profissionais não realizam, de fato, uma revisão cuidadosa e os erros de linguagem e/ou de conteúdo são publicados.

A realidade atual da revisão nas redações e o reflexo disso nos textos do jornal impresso diário serão analisados com mais profundidade nos capítulos seguintes, através de um estudo de caso do *Jornal da Cidade*, de Bauru, São Paulo.

³ GLOBO Comunicações e participações S.A. Rio de Janeiro: 2011. Apresenta princípios editoriais da empresa de comunicação. Disponível em <http://g1.globo.com/principios-editoriais-do-grupo-globo.html#principios-editoriais>. Acesso em 07 nov 2014.

4 JORNALISMO DIÁRIO NO INTERIOR - *JORNAL DA CIDADE, BAURU (SP)*

O jornalismo impresso diário produzido no interior apresenta algumas diferenças quando comparado àquele realizado em grandes centros. Além, naturalmente, de tiragens mais elevadas (consequentemente, maior alcance do público) e de maior corpo redacional, o jornalismo “das capitais” tem a pretensão de atingir leitores em âmbito nacional e, portanto, seus critérios de noticiabilidade tendem a ser mais abrangentes do que os de jornais desenvolvidos em cidades menores (ERBOLATO, 2008).

No entanto, essas diferenças estão longe de afetar negativamente o jornalismo de cidade de médio porte, como é o caso de Bauru, distante 343 quilômetros da capital, São Paulo. Com população estimada de 364.562 habitantes em 2014, pelo IBGE⁴, a cidade é, hoje, um importante centro universitário e médico – com destaque para o Hospital de Reabilitação de Anomalias Craniofaciais, da Universidade de São Paulo⁵, que recebe pacientes do Brasil e do exterior – e um município de grande relevância no centro-oeste paulista.

O jornalismo impresso da cidade teve início com *O Bauru*, que circulou entre 1908 e 1924 (FONTANELLI; LOSNAK, 2013) e as décadas seguintes contaram com publicações significativas, como *O Diário da Noroeste* (posterior *Correio da Noroeste*), *O Comércio de Bauru* e *Folha do Povo*, entre outros (LOSNAK, 2011).

O *Diário de Bauru*, que tem sua primeira publicação em 1946, merece destaque na história da imprensa bauruense, principalmente pelo fato de ter tido vida longa em uma época em que as empresas jornalísticas ainda não estavam seguramente estabelecidas. O veículo, que manteve suas publicações até os anos 2000, colaborou para a consolidação da imprensa de Bauru e foi, por décadas, a principal fonte de informação por via impressa dos moradores da cidade.

[...] possuía entre oito e doze páginas que variavam de acordo com a quantidade de notícias e, principalmente, de anúncios que ocupavam grande parte do jornal. [...] O impresso trazia como diferencial a

⁴ Estimativas da população residente com data de referência 1 jul 2014, publicada no Diário Oficial da União em 28 ago 2014. Fonte: IBGE

<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=350600&search=|inforgr%E1ficos:-informa%E7%F5es-completas>. Acesso em 18 mai 2015.

⁵ <http://www.centrinho.usp.br/> Acesso em 18 mai 2015.

dedicação aos assuntos de entretenimento e cultura, mas a temática principal das notícias era o cotidiano da cidade, principalmente em suas páginas internas. (FONTANELLI; LOSNACK, 2013, p.3).

Em 1967, chegou às bancas de Bauru o *Jornal da Cidade*, que é objeto do estudo de caso realizado para colaborar com a presente pesquisa. Desde a sua fundação, o *JC* (como é comumente chamado e como será citado, diversas vezes, nesse trabalho) se posicionou com a “missão” de “promover a cidadania democratizando o acesso a informação” – segundo o próprio veículo. Essa frase de compromisso circula diariamente estampada na primeira página do jornal, corroborando a ideia de Erbolato (2002) sobre a importância dos jornais publicados em cidades do interior:

Nas grandes e médias cidades do interior existem diários de caráter regional, que constituem excelentes padrões de imprensa, porque se aparelharam tecnicamente para oferecer, a cada 24 horas, um resumo dos fatos principais que ocorreram na véspera. (ERBOLATO, 2002, p.10)

Em quase 50 anos de trajetória, o *JC* passou por vários momentos que marcaram a história do jornal – e, conseqüentemente, dos textos ali publicados – como é o caso da chegada dos primeiros computadores à redação, em 1985, e da extinção do setor de revisão, no final de 2005⁶.

Mudanças gráficas e implementação de suplementos especializados também fizeram parte do processo de modernização do *JC* e conferiram-lhe particularidades que distinguiram o veículo de comunicação de seus concorrentes – haja vista que, atualmente, é o único jornal impresso de relevância da cidade de Bauru.

O corpo redacional conta, hoje, com 50 jornalistas, que se dividem em turnos produzindo conteúdos para as mais de 25 páginas diárias (esse número mais do que dobra aos domingos e pode variar a cada dia da semana, de acordo com os suplementos e/ou cadernos especiais que venham a circular junto com o jornal). Ao todo, são cerca de 250 funcionários trabalhando para que as edições cheguem às

⁶ Informações contidas nesse capítulo foram obtidas em documentos e/ou entrevistas realizadas com jornalistas do *Jornal da Cidade*, durante os meses de abril e maio de 2015, por esta pesquisadora.

bancas e aos assinantes sem maiores problemas, encerrando o ciclo produtivo da notícia e iniciando o ciclo de circulação de informações.

O *Jornal da Cidade* traz editorias divididas por assunto, como na maioria dos jornais impressos, porém há colunas e seções fixas distintas em cada dia da semana – “Descomplicando a Economia”, do economista Reinaldo Cafeo, por exemplo, circula apenas aos domingos, enquanto que “Em Confiança”, escrita por Leonardo de Brito, figura diariamente na seção de esportes.

A circulação diária do *JC* é de aproximadamente 28 mil exemplares durante os dias da semana e chega a 30 mil jornais aos domingos. Essa quantidade de impressões é veiculada não apenas em Bauru, mas também em outras 42 cidades da região, o que aponta para a configuração de um público leitor amplo e distinto.

Esse público, porém, mesmo fiel à publicação, é exigente em relação não só aos conteúdos jornalísticos, mas também ao texto do jornal, reiterando o que afirma o jornalista Ricardo Noblat: “A Associação Americana de Jornais vem anotando há 50 anos as queixas mais comuns dos leitores de jornais. E elas são quase sempre as mesmas. Queixam-se os leitores de constantes erros de ortografia [...]”. (NOBLAT, 2003, p.15).

A pretensão do *JC* em continuar a ser um jornal de grande tiragem e respeito tem ligação íntima com a qualidade do texto oferecido ao seu leitor. Se a publicação apresenta textos claros e com o menor número possível de “erros” relacionados à língua portuguesa, o caminho para que seu público possa compreender integralmente os conteúdos é, sem dúvidas, mais simples e seguro, o que deriva em credibilidade e maior confiança depositada nos jornalistas e no próprio veículo de comunicação.

Nos capítulos seguintes, há uma análise detalhada de quatro edições do jornal, no que diz respeito às inadequações textuais – duas edições veiculadas em agosto de 1994, quando o veículo ainda possuía um setor de revisão textual e duas edições atuais, de maio de 2005. Há, também, um estudo mais aprofundado sobre o texto do *Jornal da Cidade* e a relação que seus jornalistas têm com a materialização da notícia.

5 ESTUDO DE CASO – OBSERVAÇÃO DIRETA DO TEXTO DO *JORNAL DA CIDADE*, DE BAURU

As definições de corpus, metodologia e os resultados da observação direta realizada no *Jornal da Cidade*, de Bauru, fazem parte do estudo de caso realizado em duas etapas, para a concretização desta pesquisa.

5.1. DEFINIÇÃO DE *CORPUS* E METODOLOGIA DE PESQUISA

O estudo de caso sobre o veículo impresso *Jornal da Cidade* (JC), de Bauru – selecionado como foco central dessa pesquisa – foi realizado em duas etapas metodológicas, como sugere Marcia Yukiko Matsuuchi Duarte (DUARTE, 2010), a observação direta e a série sistemática de entrevistas.

A observação direta ocorreu durante quatro visitas aos arquivos do *Jornal da Cidade*, no mês de maio de 2015, e deu-se por meio de um estudo detalhado sobre os textos de quatro edições do jornal, todas veiculadas durante dias da semana.

A seleção desse *corpus* foi estabelecida com base no critério da presença ou ausência do(s) revisor(es) textual(is). Foram analisadas duas edições de agosto de 1994 (período no qual o jornal contava com um setor de revisão) e duas edições de maio de 2015 (não há função de revisor textual no veículo desde 1996). Além disso, foram selecionadas edições que circularam durante a semana, pois se entende que o jornal veiculado aos finais de semana tende a ser elaborado com mais cuidado, já que há um tempo maior para a produção de conteúdo.

Algumas considerações sobre como foi idealizado e desenvolvido o estudo do texto precisam ser explicitadas, a fim de esclarecer pontos que, porventura, possam gerar dúvidas.

O primeiro ponto a ser esclarecido é o fato de algumas ocorrências específicas de texto não terem sido analisadas, como é o caso das seções “Tribuna do Leitor”, “Horóscopo”, “Programação de TV”, “Quadrinhos” e “Classificados”, pois se entende que o conteúdo dessas seções não é produzido especificamente por jornalistas do veículo. O mesmo aconteceu com as declarações textuais *ipsis litteris*

de entrevistados e/ou de fontes consultadas para as matérias e, também, com anúncios publicitários presentes nas publicações.

Uma exceção em relação à análise de textos produzidos, por vezes, externamente, é a seção “Opinião”, pois, considera-se que esta é uma seção de importância relevante à publicação e necessita de uma revisão cuidadosa.

Outro ponto que merece destaque é que, na análise das edições de 1994, foi utilizada como base a regra ortográfica vigente à época e que, portanto, pode apresentar divergências em relação às normas atuais.

Vale ressaltar, também, que a aplicação de algumas regras gramaticais da língua portuguesa depende da intenção e do estilo do autor, como, por exemplo, as vírgulas facultativas, que podem ou não ser utilizadas, sem prejuízo à compreensão do texto. Por essa razão, essas ocorrências não foram analisadas.

Desse modo, a análise das edições foi focada em possíveis inadequações que pudessem prejudicar a compreensão eficaz dos textos, gerando dúvidas e/ou levando o público a repetir, uma ou mais vezes, a leitura da informação. Essas inadequações foram divididas em categorias – como coesão, redundância, coerência, ortografia, informação incompleta, entre outras – a fim de facilitar a visualização e a assimilação dos problemas detectados.

Por fim, é imprescindível pontuar que essa pesquisa não teve, em momento algum, a intenção de desqualificar os textos do *Jornal da Cidade* (ou de qualquer outro veículo impresso) ou de impor as análises como verdades absolutas a serem seguidas. O objetivo, como já citado, é, entre outros, observar o eventual impacto que a extinção do revisor nos jornais impressos diários causou nos textos jornalísticos. Por meio da observação e dos estudos realizados, buscou-se uma reflexão, ainda que restrita, sobre a qualidade dos textos veiculados nos jornais diários e os efeitos dessa qualidade sobre a própria profissão de jornalista.

5.2. ANÁLISE DE EDIÇÕES DO JORNAL DA CIDADE

Os resultados dos estudos detalhados sobre o texto de quatro edições do *Jornal da Cidade* estão descritos nas tabelas a seguir. Cada edição é especificada

em um cabeçalho anterior à tabela, composto pelo nome do jornal; o dia, mês e ano; o número da edição, a quantidade de páginas e a manchete do dia.

As tabelas estão divididas em quatro colunas, para melhor descrição da análise: a primeira traz o número da página e a editoria na qual o problema foi detectado; a segunda traz uma classificação para o problema, baseada na norma culta da língua portuguesa; a terceira coluna apresenta a evidência do problema, com transcrição do trecho em questão e a terceira indica uma reescrita desse trecho – frisando que a reescrita figura, apenas, como uma possibilidade sugerida por esta pesquisadora e não como imposição ou correção de texto.

Ao término da análise de cada edição, há um breve resumo sobre os principais problemas detectados e em quais editorias eles se encontram – o intuito não é fazer nenhuma classificação (haja vista que as editorias possuem números distintos de páginas), apenas localizar as inadequações.

Tabela 1 - Jornal da Cidade – Terça-feira, 16/08/1994. Ano XXVIII – nº 8.229 (26 páginas. Manchete: “Menina é achada morta a facadas e a pauladas.”)

PÁGINA / EDITORIA	TIPO DE INADEQUAÇÃO	EVIDÊNCIA	SUGESTÃO
01 - Capa	Redundância	“... das quais sete tiveram ferimentos leves e tiveram que ser encaminhadas...”	... das quais sete ficaram levemente feridas e foram encaminhadas...
01 - Capa	Informação Incompleta	“... em Bauru a boca-de-urna era permitida fora da faixa de 100 metros.”	... em Bauru, a boca-de-urna era permitida fora da faixa de 100 metros de distância dos colégios eleitorais.
01 - Capa	Excesso de vírgulas	“A Polícia suspeita que a mãe, de Josiane, Sandra Regina...”	A Polícia suspeita que a mãe de Josiane, Sandra Regina...
02 – Opinião	Informação Incompleta (em nenhum momento da notícia as siglas são “explicadas”)	“O PT enfrenta um inferno astral...” / “Enquanto os líderes do PMDB...”	O Partido dos Trabalhadores (PT)... / Enquanto o Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB)...

			(ao menos na primeira vez em que forem citados na notícia)
02 – Opinião	Linguagem Inadequada	“O alcaide bauruense...”	O prefeito de Bauru...
02 – Opinião	Coesão (quem é o sujeito?)	“Com a mania de criar data especial para tudo, ontem foi o ‘Dia do Solteiro’...”	Ontem foi o “Dia do Solteiro”
02 – Opinião	Coesão	“Não consta que o presidente Itamar Franco tenha sucumbido ao assédio de admiradoras que trocou pelas carícias do poder.”	Não consta que o presidente Itamar Franco tenha sucumbido ao assédio de admiradoras e o trocado pelas carícias do poder.
02 – Opinião	Coesão / Regência	“O balde de água fria nas esperanças locais vem de ser jogado pela Folha de ontem...”	O balde de água fria nas esperanças locais foi jogado pela edição de ontem, da Folha...
02 – Opinião	Concordância	“... disputantes das próximas eleições federal...”	... disputantes da próxima eleição federal...
02 – Opinião	Coesão (parágrafo longo e confuso)	“No artigo anterior, desta série que visa esclarecer as propostas políticas para melhor selecionar os candidatos nesta eleição que se aproxima, abordamos as implicações práticas do eventual vencedor da eleição presidencial adotar ou não as medidas modernizantes do Estado frente ao novo cenário constituído pela introdução da nova moeda.”	A série que visa esclarecer propostas e auxiliar na escolha para as próximas eleições, trouxe, no artigo anterior, implicações práticas relativas à nova moeda. O artigo analisou a adoção de medidas modernizantes frente ao novo cenário, constituído pela instituição do Real...
02 – Opinião	Ortografia	“... mas que a frouxidão da ‘Ancora Fiscal’, isto é...”	... mas que a frouxidão da “Âncora Fiscal”, isto é...
02 – Opinião	Coesão (parágrafo confuso)	“A alternativa de se vender títulos públicos	O governo ainda não recuperou,

		é relativamente problemática, na medida em que o Governo ainda não recuperou a credibilidade necessária junto ao mercado financeiro para colocar papéis de longo prazo sem cláusula geral de recompra que evite a ciranda financeira.”	junto ao mercado financeiro, a credibilidade necessária para evitar a ciranda financeira. Portanto, a alternativa de se vender títulos públicos é relativamente problemática.
02 – Opinião	Linguagem Inadequada	“... o debelamento consistente da inflação...”	... a derrota consistente da inflação...
02 – Opinião	Coesão (parágrafo confuso)	“Os candidatos que simplesmente combateram a Revisão Constitucional, ou que continuem com aquele tipo de discurso ultrapassado de recuperar a capacidade de investimento do Estado e de preservação das empresas estatais, significam, na verdade, o fim, do atual plano econômico e a retomada inflacionária.”	Os candidatos que combateram a Revisão Constitucional ou que ainda queiram preservar as empresas estatais, alegando recuperação de investimento, representam um segmento que visa o fim do atual plano econômico e a retomada da inflação.
03 – Bauru	Informação Incompleta	“... era permitida fora da faixa de 100 metros.”	... era permitida fora da faixa de 100 metros de distância dos colégios eleitorais.
03 – Bauru	Redundância	“... e elaborar um relatório que vai dizer de vez qual a participação da instituição no caso dos lotes urbanizados, ainda não concluíram o relatório.”	... e elaborar um documento que vai dizer de vez qual a participação da instituição no caso dos lotes urbanizados, ainda não concluíram o relatório.
03 – Bauru	Redundância (mesma palavra três vezes no parágrafo)	“... apresentou um relatório à Superintendência [...]. De acordo com o	“... apresentou um relatório à Superintendência [...]. De acordo com

		relatório, foram [...]. [...] bater com o relatório do trabalho...”	o parecer, foram [...]. [...] bater com as informações do trabalho...”
03 – Bauru	Concordância	“No debate entre os candidato no último...”	No debate entre os candidatos no último...
06 – Social	Concordância	“... citados ex-servidores e simbolizou o desejo deles de ajudarem instituições...”	... citados ex-servidores e simbolizou o desejo de ajudar instituições...
06 – Social	Informação Incompleta	“O vôo em formação é feito muito próximo um do outro, com pequena...”	O vôo em formação é realizado com os aviões muito próximos uns dos outros, com pequena...
06 – Social	Informação Incompleta	“Às 10 horas, o Serviço Social da Indústria – Sesi – solenidade alusiva...”	Às 10 horas, o Serviço Social da Indústria – Sesi – realizará solenidade alusiva...
07 – Bauru	Ausência de acento grave (indicador de crase)	“... o médico informou a mulher que havia...”	... o médico informou à mulher que havia
07 – Bauru	Ortografia	“... foi o vencedor da Capanha que contou...”	... foi o vencedor da Campanha, que contou...
08 – Regional	Redundância	“... não apresentou recibo do pagamento. Mesmo exigindo o comprovante de pagamento, Bonzi não conseguiu o recibo.”	... não apresentou recibo do pagamento, mesmo que Bonzi tivesse exigido.
08 – Regional	Linguagem Pejorativa	“Gilmar Bispo da Costa, 21 anos, solteiro, desocupado...”	desempregado
08 – Regional	Linguagem Inadequada	“... o casal foi cercado por um tal de Adauto e Roberto Avelino da Cruz...”	Cercado por Roberto Avelino da Cruz e por outro rapaz, que se chamaria Adauto...
09 – Bauru	Redundância	“... como uma praça de entrada na cidade. Além disso, quer valorizá-la como marco zero da cidade...”	... como uma praça de entrada na cidade. Além disso, quer valorizá-la como marco zero do município...

09 – Bauru	Coesão / Concordância	“Para o ambulante Volnaire Matosinho, que tem ponto na rua 13 de Maio, próximo ao Calçadão, também não concorda que os que trabalham...”	O ambulante Volnaire Matosinho, que tem ponto na rua 13 de maio, próximo ao Calçadão, também não concorda que os que trabalham...
10 – Esportes	Coesão (trecho confuso; ausência de vírgula e/ou da palavra “com”)	“... o Beija-Flor venceu por 3 a 0 gols de Quico, Davi e Vô...”	... o Beija-Flor venceu por 3 a 0, com gols de Quico, Davi e Vô...
10 – Esportes	Vírgula colocada em local inadequado (deve isolar a expressão conjuntiva “por isso”)	“... com sua força máxima, e por isso, afirma que será uma boa oportunidade...”	... com sua força máxima e, por isso, afirma que será uma boa oportunidade...
10 – Esportes	Regência	“... comemorações pelo 98º aniversário...”	... comemorações do 98º aniversário
10 – Esportes	Concordância (“parece” que apenas uma instituição promoveu o evento)	“... a promoção foi da Bauru Judô Clube, Panathlon Club e Secretaria de Esportes Lazer e Turismo...”	... a promoção foi uma parceria de Bauru Judô Clube, Panathlon Club e Secretaria de Esportes, Lazer e Turismo...
10 – Esportes	Coesão	“O evento teve finalidade beneficente, de arrecadar gêneros alimentícios...”	O evento teve finalidade beneficente, arrecadando... / O evento beneficente teve a finalidade de arrecadar gêneros...
10 – Esportes	Coesão / Regência	“Os destaques ficaram com o aikidô, que teve a participação [...] e no judô, onde participaram...”	Os destaques ficaram com o aikidô, que teve a participação [...] e com o judô, que teve como participantes...”
10 – Esportes	Concordância	“Os Estados Unidos conquistou...”	Os Estados Unidos conquistaram... / Estados Unidos conquistou...
10 – Esportes	Regência	“Foram dez dias sofridos pelo Brasil...”	Foram dez dias sofridos para o Brasil... / Foram dez dias sofríveis...
10 –	Coesão (quem é	“Essa campanha	Essa campanha

Esportes	sujeito, a campanha ou o Brasil?)	conseguiu ser pior do que a desastrada presença do Brasil no Mundial da Colômbia, em 1982, quando terminou em oitavo...”	conseguiu ser pior do que a desastrada presença do Brasil no Mundial da Colômbia, em 1982, quando o time terminou em oitavo...
10 – Esportes	Coerência	“... chegou a vencer parcialmente...”	... chegou a vencer por um certo tempo...
10 – Esportes	Ortografia	“A estratégica da Benetton foi a justificativa de Hill...”	A estratégia da Benetton foi a justificativa de Hill...
10 – Esportes	Informação Redundante	“Al Unseer Jr venceu domingo GP de Mid-Ohio, à frente de seus companheiros de equipe...”	Al Unseer Jr venceu, no domingo, o GP de Mid-Ohio... / Al Unseer Jr chegou à frente de seus companheiros de equipe...
10 – Esportes	Ortografia	“... fazia uma boa corrida...”	“... fazia uma boa corrida...”
10 – Esportes	Ortografia	“... que encobria o chassi...”	... que encobria o chassi...
11 – Esportes	Ortografia	“... os números foram convincentes, porque...”	... os números foram convincentes, porque...
11 – Esportes	Ortografia	“A melhor renda foi do jogo...”	“A melhor renda foi do jogo...”
11 – Esportes	Coesão (parágrafo longo, confuso)	“No sábado passado, em jogos válidos pela terceira rodada, os resultados foram: Ceará 2 x Tuna Lusa 0, em Fortaleza [seguem doze linhas de resultados e locais de jogos]”	Descrever resultados em tabelas ou um jogo em cada linha, a fim de facilitar a compreensão do leitor.
11 – Esportes	Coerência / Concordância	“O Sergipe continua se destacando como um dos melhores desempenhos. Embora tenha feito as três primeiras partidas em casa, com o apoio de sua torcida, é a única a somar seis pontos...”	O Sergipe continua se destacando como um dos times com melhor desempenho. Embora tenha feito as três primeiras partidas em casa, com o apoio de sua torcida, é o único a

			somar seis pontos...
12 – Esportes	Coesão (trecho confuso; oração longa e sem pontuação)	“A Confederação Brasileira de Futebol criou oficialmente ontem uma Comissão Disciplinar para julgar em procedimento preliminar e sumário todos os incidentes de ordem disciplinar ocorridos durante as partidas do Campeonato Brasileiro.”	A Confederação Brasileira de Futebol criou, oficialmente, uma Comissão Disciplinar. O órgão irá julgar, em procedimentos preliminares e sumários, os incidentes disciplinares ocorridos em todas as partidas do Campeonato Brasileiro.
12 – Esportes	Ortografia – verbo haver / Utilização de preposição ao invés do verbo ou confusão de tempo verbal	“As discussões se arrastavam a mais de um mês...”	As discussões se arrastavam há mais de um mês...
12 – Esportes	Dois tempos verbais distintos para se referir ao passado	“Enquanto Taffarel desiste de jogar num clube europeu, Mazinho se reuniu ontem com um dirigente do Valência...”	Enquanto Taffarel desistiu de jogar num clube europeu, Mazinho se reuniu ontem com um dirigente do Valência...
12 – Esportes	Coerência	“Depois da má impressão deixada em seus jogos [...] para uma reabilitação à torcida nos compromissos...”	Depois da má impressão deixada em seus jogos [...] para uma reconciliação com a torcida nos compromissos...
13 – Cultura	Redundância	“... conseguiu fazê-lo através da acolhida que [encadernação impediu a leitura da palavra] em Bauru, através do prefeito...”	... conseguiu fazê-lo através da acolhida que [encadernação impediu a leitura da palavra] em Bauru, por meio do prefeito...
13 – Cultura	Coesão / Concordância	“... o projeto se justifica na medida que as cartas de um grande escritor [...] são uma obra literária à parte...”	... o projeto se justifica pelo fato das cartas de um grande escritor [...] são obras literárias à parte...”

13 – Cultura	Coerência	“... exemplares da primeira edição do livro serão destinação...”	... exemplares da primeira edição do livro serão destinados / terão destinação
13 – Cultura	Redundância	“Sem esquecer os valores do Festival [...] impuseram seus próprios valores...”	Sem esquecer os valores do Festival [...] impuseram seus próprios ideais...
13 – Cultura	Ortografia	“... oceano de lama cinza e pejagoza...”	... oceano de lama cinza e pejagosa...
13 – Cultura	Ortografia	“... saudou anteontem esta harmonios transformação...”	... saudou anteontem esta harmoniosa transformação.
13 – Cultura	Informação Incompleta	“... o grupo de música instrumental tem como ‘spalla’ o músico...”	... o grupo de música instrumental tem como braço direito do maestro, o músico...
13 – Cultura	Coesão (parágrafo confuso quem é o sujeito?)	“As primeiras apresentações da Orquestra de Câmara [...]. Em julho participou da abertura [...]. Já se apresentaram, em São Paulo...”	As primeiras apresentações da Orquestra de Câmara [...]. Em julho, o grupo participou da abertura [...]. Já se apresentou, em São Paulo..
13 – Cultura	Redundância	“A música de câmara, a música feita para pequenos conjuntos sobrevive... [...] mais perfeita, a música de câmara...”	A música de câmara, aquela que é feita para pequenos conjuntos sobrevive... [...] mais perfeito, esse estilo...
13 – Cultura	Redundância	“A diferença entre uma orquestra de câmara e uma orquestra sinfônica... [...] as grandes orquestras...”	A diferença entre as orquestras de câmara e sinfônica... [...] os grandes conjuntos musicais...
13 – Cultura	Coesão	“... o bar Mistura Fina estréia hoje o quinteto...”	... o bar Mistura Fina apresenta, hoje, o quinteto...
13 – Cultura	Ortografia – verbo haver	“O repertório para os shows [...] mostra isso: a clássicos jazzísticos como...”	O repertório para os shows [...] mostra isso: há clássicos jazzísticos como...
13 – Cultura	Coesão	“... mas o fato é	... mas o fato é que

		também se trata...”	também se trata...
15 – Cultura	Concordância / Falta de Pontuação	“... proporcionar aos alunos das diversas escolas da cidade oportunidade de conhecerem com maior profundidade...”	... proporcionar aos alunos das diversas escolas da cidade, a oportunidade de conhecer, com maior profundidade...
15 – Cultura	Concordância	“... havendo um agendamento especial para as escolas interessadas, em participar, que deverão ser feitos pelo telefone...”	... havendo um agendamento especial para as escolas interessadas, em participar, que deverá ser feito pelo telefone...
15 – Cultura	Ortografia	“... painel de curiosidades e barradas de comidas típicas...”	... painel de curiosidades e barracas de comidas típicas...
15 – Cultura	Coesão / Regência	“A cena muda, que tem apenas a trilha sonora como coadjuvante vai crescendo com a própria transformação do mímico em mágico, tanto pelo figurino quanto as situações que ele se envolve com o público.”	A cena, que tem apenas a trilha sonora como coadjuvante, vai crescendo, com a transformação do mímico em mágico e muda, tanto pelo figurino quanto pelas situações nas quais ele se envolve com o público.
15 – Cultura	Redundância	“... tem o objetivo de levar o público mais carente ao contato com as artes cênicas. Isto deve provocar o interesse desse tipo de público por tal forma...”	... tem o objetivo de levar as artes cênicas à população mais carente, incentivando o interesse desse público por tal forma...
15 – Cultura	Coesão (descrição das entidades está confusa e longa)	“... agosto, a Secretaria Municipal de Cultura, SMC, através do Museu Histórico e Biblioteca Municipal “Rodrigues de Abreu”, e o Sesi, Serviço Social da Indústria, através da Divisão de Difusão Cultural e Divisão de	... agosto, órgãos da Secretaria Municipal de Cultura, em parceria com o Sesi, promovem, a partir de hoje...

		Educação Fundamental, promovem, a partir de hoje...”	
15 – Cultura	Ortografia (parágrafo iniciado com letra minúscula)	“além do material exposto...”	Além do material exposto...
15 – Cultura	Ausência do acento grave (indicador de crase)	“A espera da cegonha”	“À espera da cegonha” *
15 – Cultura	Concordância	“Luciano e Mariana já está com tudo preparado...”	Luciano e Mariana já estão com tudo preparado
16 – Agenda Econômica	Ausência do acento grave (indicador de crase)	“... elevada do papel no mercado a vista [...] vendidas em seguida no mercado a vista...”	... elevada do papel no mercado à vista [...] vendidas em seguida no mercado à vista...
17 – Brasil	Linguagem Inadequada	“... com base na lei antitruste, para punir as escolas que desobedeceram a lei e promoveram o locaute.”	... com base na lei antitruste – que pune atitudes que visam eliminar a concorrência – para penalizar escolas que fecharam as portas, forçando seus funcionários a aceitarem os acordos.
18 – Bauru	Linguagem Inadequada	“... em adiantado estado de putrefação...”	... em adiantado estado de decomposição...
18 – Bauru	Redundância	“A menina Josiane Coelho, 6 anos, foi morta [...] da mãe da menina [...] relações sexuais com a menina.”	Josiane Coelho, 6 anos, foi morta [...] a mãe da vítima [...] relações sexuais com a menina.
20 – Brasil	Informação Incompleta (em nenhum momento da notícia as siglas são “explicadas”)	“A manutenção das alíquotas do IPMF em 0,25% e do IOF em até 50% sobre...”	A manutenção dos valores percentuais do Imposto Provisório sobre Movimentação Financeira (IPMF) em 0,25% e do Imposto sobre Operações Financeiras (IOF) em até 50% sobre...

Nessa edição, foram encontradas 77 situações em que o texto apresentava dificuldades para a compreensão das informações. As editorias que apresentaram maior número de inadequações foram Esporte e Cultura (ambas com 22 ocorrências), seguidas por Opinião (11 ocorrências); em contrapartida, a editoria Brasil traz apenas 01 inadequação e a Capa, 03. Os problemas mais recorrentes foram coesão (19 ocorrências), ortografia (13 ocorrências) e concordância (11 ocorrências).

Tabela 2 - Jornal da Cidade – Quinta-feira, 25/08/1994. Ano XXVIII – nº 8.237 (40 páginas, incluindo 08 páginas de Suplemento Lar Escola Rafael Maurício, que não foram analisadas. Manchete: “Bauruense quer manutenção do Plano Real”)

PÁGINA / EDITORIA	TIPO DE INADEQUAÇÃO	EVIDÊNCIA	SUGESTÃO
01 – Capa	Coesão (Ambos eram serventes de pedreiro? Qual a profissão de Nelson?)	“... contra o servente de pedreiro Moacir Lima e Nelson Augusto Pires, por quatro...”	... contra o servente de pedreiro Moacir Lima e também contra Nelson Augusto Pires, por quatro...
01 – Capa	Linguagem Pejorativa	“Favelado ignora candidatos que apenas...”	Moradores de favela ignoram candidatos que apenas...
01 – Capa	Coesão (título confuso)	“FHC admite que Plano Real ganharia com vitória agora”	FHC admite que sua vitória seria importante para o Plano Real
02 – Opinião	Linguagem Inadequada	“Dir-se-ia que a iniciativa do prefeito satisfaz os servidores pela metade.”	Pode-se dizer que a iniciativa de prefeito satisfaz os servidores pela metade.
02 – Opinião	Grafia Nome Próprio	“... ocorreu quando Leonel Brisola [...]. – rebateu Brisola, num raciocínio [...]. No dia seguinte, Brisola explicou...”	“... ocorreu quando Leonel Brizola [...]. – rebateu Brizola, num raciocínio [...]. No dia seguinte, Brizola explicou...”
02 – Opinião	Ortografia	“... a frouxidão de diversas ‘Ancoras’ que lhe dão estabilidade...”	a frouxidão de diversas “Âncoras” que lhe dão estabilidade...
02 – Opinião	Linguagem Inadequada	“... em que os políticos e os lobbies defendem os interesses de seus grupos...”	... em que os políticos e seus aliados, organizados, defendem os

			interesses de seus grupos...
02 – Opinião	Ortografia / Regência	“De fato, se a ‘Ancora Salarial’ se constitui em um dos principais fatores...”	De fato, se a “Âncora Salarial” constitui um dos principais fatores
02 – Opinião	Redundância	“... impedir a expansão monetária que seria necessária [...] inflexível em suas metas monetárias...”	... impedir a expansão monetária que seria necessária [...] inflexível em suas metas financeiras...
02 – Opinião	Redundância	“... que não é independente do Governo, geraria uma [...] o que não seria tolerado pelo Governo...”	... que não é independente do Poder Executivo, geraria uma [...] o que não seria tolerado pelo Governo...
04 – Bauru	Concordância / Coesão	“As mudanças são necessárias pelo reforma constitucional, para que o Governo possa...”	A reforma constitucional traria as mudanças necessárias, para que o Governo pudesse...
04 – Bauru	Ortografia	“... a pressionar os preços, por-que vai aumentar a liquidez do mercado.”	... a pressionar os preços, porque vai aumentar a liquidez do mercado.
04 – Bauru	Linguagem Pejorativa	“... o favelado sonha longe quando o assunto...”	... o morador da favela... ou ... a população mais humilde sonha longe quando o assunto...
06 – Social	Coesão (quem é o sujeito – entidade, restaurante, membros?) / Linguagem Inadequada	“... a entidade transferiu sua reunião para o restaurante da empresa com a presença de todos os seus membros. Foi anfitrião pelo dr. Licio Alves Garcia...”	... a entidade transferiu a reunião para o restaurante do local e foi recebida pelo dr. Licio Alves Garcia...
06 – Social	Informação Incompleta	“... chá filantrópico, o S.O.S. Amanda. A renda será destinada para a família da garotinha.”	... chá filantrópico, o S.O.S. Amanda. A renda será destinada para a família da garotinha, já que Amanda <i>[explicar resumidamente o porquê está</i>

			<i>precisando de ajuda]</i>
06 – Social	Ortografia	“... organizando uma excursão exclusivamente para associados...”	... organizando uma excursão exclusivamente para associados...
06 – Social	Ortografia / Concordância	“Foi iniciada na Univerlsidade do Sagrado Coração e será encerrada no sábado o Encontro de Psicologia.”	O Encontro de Psicologia, na Universidade Sagrado Coração, já foi iniciado e será encerrado no sábado.
06 – Social	Concordância	“... será realizada na estância de Águas de Lindóia, no antigo hotel Tamoyo, o IX Congresso de Jornais...”	... será realizado na estância de Águas de Lindóia, no antigo hotel Tamoyo, o IX Congresso de Jornais...
06 – Social	Ausência de / para unificar as conjunções <u>e</u> e <u>ou</u>	“... número de empregos para a cidade e ou região...”	... número de empregos para a cidade e/ou região...
06 – Social	Ortografia	“Às 8h30, na Instituição Toledo de Ensino...”	Às 8h30, na Instituição Toledo de Ensino...
07 – Bauru	Excesso de vírgula	“Destacou que, apuração não vai começar antes das 8h...”	Destacou que a apuração não vai começar antes das 8h...
07 – Bauru	Ortografia	“... além dos sob suapeita de que cometeram fraudes.”	... além dos sob suspeita de que cometeram fraudes.
08 – Bauru	Ortografia	“Conhecer as inúmeras praias de Porto Seguro e a lendária Trancoso...”	Conhecer as inúmeras praias de Porto Seguro e a lendária Trancoso...
08 – Bauru	Concordância	“A base e o dormitório fixo é a capital gaúcha...”	A base e o dormitório fixo ficam na capital gaúcha...
09 – Bauru	Ausência de ponto de interrogação	“Mas o que o trabalhador [encadernação impediu a leitura da palavra] mais perde com essa lei.”	Mas o que o trabalhador [encadernação impediu a leitura da palavra] mais perde com essa lei?
11 – Bauru	Coesão	“Há previsões de que o julgamento júri popular	Há previsões de que o julgamento

		deve acontecer...”	pelo/via júri popular deve acontecer...
11 – Bauru	Redundância de informações em uma mesma notícia (inclusive com as mesmas palavras)	“Há previsões de que o julgamento júri popular deve acontecer ainda este ano” e “A previsão é que os dois acusados sejam julgados ainda este ano, para dar uma resposta à sociedade.”	Eliminar uma das informações idênticas – que estão no segundo e no quarto parágrafo.
11 – Bauru	Redundância	“... Nelson Pires foi o primeiro que manteve relação sexual com ela. Logo após, Moacir Lima também manteve relação sexual com a vítima.”	... Nelson Pires foi o primeiro a manter relação sexual com ela, seguido por Moacir Lima, que também praticou sexo com a vítima.
12 – Regional	Redundância	“Araújo também afirmou que o Projeto Calha também prevê a realização...”	Segundo Araújo, o Projeto Calha também prevê a realização...
12 – Regional	Divergência entre título e corpo da matéria	“Prefeito do Interior discute recursos hídricos em Paulínia” / “Prefeitos de 60 municípios do interior participam hoje...”	Prefeitos do Interior discutem recursos hídricos em Paulínia / Prefeitos de 60 municípios do interior participam hoje...
13 – Regional	Regência	“... pela estrada que faz divisa entre as fazendas Alvorada e Jandaia”	... pela entrada que divide as fazendas Alvorada e Jandaia
14 – Esportes	Concordância	“As duas seleções estão no Grupo B, que têm ainda Estados Unidos. Porto Rico...”	As duas seleções estão no Grupo B, que tem ainda Estados Unidos. Porto Rico...
14 – Esportes	Acento grave (indicador de crase) antes de palavra masculina	“... com a travessia do rio Tietê à nado, numa distância...”	... com a travessia do rio Tietê a nado, numa distância...
14 – Esportes	Redundância	“... atletas são: Émerson Alves, em arremesso de peso; Sandra de Souza Ferreira, nos 100 metros rasos; e Cláudia Roberta Marcílio, no arremesso de peso.”	... atletas são: Émerson Alves e Cláudia Roberta Marcílio, no arremesso de peso e Sandra de Souza Ferreira, nos 100 metros rasos.
14 – Esportes	Coesão	“O técnico da Seleção	O técnico da

	(parágrafo confuso – período longo)	Brasileira masculina de vôlei, José Roberto Guimarães, define após o treinamento da manhã de hoje, em Barueri, os 12 jogadores que viajam às 16 horas para Porto Alegre, onde a equipe fará dois amistosos - sexta-feira e sábado -, com a Argentina, no Ginásio Gigantinho.”	Seleção Brasileira masculina de vôlei, José Roberto Guimarães, define hoje, após o treinamento, os 12 jogadores que viajam para Porto Alegre. A equipe, que fará dois amistosos contra a Argentina, na capital gaúcha, joga no Ginásio Gigantinho na sexta-feira e no sábado.
15 – Esportes	Ortografia (regra exigia trema, em 1994)	“... investigar até as últimas consequências a eventual infiltração...”	... investigar até as últimas consequências a eventual infiltração...
15 – Esportes	Coesão	“... Hélio Vanini aproveita e deixa para lembrar que também neste sábado...”	... Hélio Vanini aproveita para lembrar que, também neste sábado...
15 – Esportes	Coesão/ Concordância (sujeito é “vida futebolística”)	“A vida futebolística do argentino Diego Maradona, parece ter acabado definitivamente, ao ser condenado, ontem, com quase 34 anos...”	A vida futebolística do argentino Diego Maradona parece ter acabado definitivamente, após o jogador ser condenado, ontem, com quase 34 anos...
15 – Esportes	Coesão	“É o homem que ‘não se cala nunca diante do poder’. É quase seu representante ante as ‘autoridades’...”	Embora o parágrafo anterior termine falando do “povo argentino”, nesse parágrafo não fica claro que Maradona representa os torcedores – a impressão é que o jogador seria representante do poder.
15 – Esportes	Redundância	“Os argentinos, com ele, chegaram a acariciar o sonho de chegar à final.”	“Os argentinos, com ele, conseguiram acariciar o sonho de chegar à final.”

15 – Esportes	Concordância	“... em São Paulo, no final de semana passada...”	... em São Paulo, no final de semana passado...
15 – Esportes	Concordância	“... participam nesta final de semana, de competições...”	... participam neste final de semana, de competições...
15 – Esportes	Redundância	“... da Luso estarão participando das eliminatórias para o Torneio Benemérito. Estarão participando atletas de cinco categorias...”	... da Luso participarão das eliminatórias para o Torneio Benemérito. Atletas de cinco categorias estarão na disputa...
15 – Esportes	Regência	“... bom desempenho nas competições que tem participado.”	... bom desempenho nas competições de que / das quais tem participado.
16 – Esportes	Ortografia	“... com o envio deste ofícios os dois poderão...”	... com o envio destes ofícios, os dois poderão...
16 – Esportes	Informação Incompleta	“... apenas um ponto fruto do empate, na estréia contra o Botafogo. Depois perdeu duas consecutivas...”	... apenas um ponto fruto do empate, na estréia contra o Botafogo. Depois perdeu duas partidas consecutivas.
16 – Esportes	Concordância	“... Fito Neves, treinador da equipe vice-campeão na temporada passada.”	... Fito Neves, treinador da equipe vice-campeã na temporada passada... ou ... Fito Neves, treinador vice-campeão na temporada passada.
17 – Cultura	Concordância	“... criou a linguagem e a forma literária capaz de retratar...”	“... criou a linguagem e a forma literária capazes de retratar...”
19 – Cultura	Ortografia	“... seus jornais e correspondências, precisou a bilbioteca.”	“... seus jornais e correspondências, precisou a biblioteca.”
19 – Cultura	Redundância	“Os escritos compostos entre 1942 e 1986, que se compõe de várias centenas de cadernos...”	Os escritos, produzidos entre 1942 e 1986, são compostos por várias centenas de cadernos...

19 – Cultura	Ortografia	“... Marcos Plínio Ribeiro estará no salão de aperitivos da Luso para coordenador mais uma edição...”	Marcos Plínio Ribeiro estará no salão de aperitivos da Luso para coordenar mais uma edição...
21 – Brasil	Concordância	“Foi entregue [encadernação impediu a leitura da palavra] ao ministro estudos sobre...”	Foram entregues [encadernação impediu a leitura da palavra] ao ministro estudos sobre...
21 – Brasil	Concordância	“Os técnicos do órgão vem estudando o assunto...”	Os técnicos do órgão vêm estudando o assunto...
21 – Brasil	Coesão (ausência da preposição <u>de</u>)	“A partir de primeiro setembro...”	A partir de primeiro de setembro...
21 – Brasil	Redundância	“Ricúpero recebeu mais de uma proposta [...] ser escolhida por Ricúpero...”	Ricúpero recebeu mais de uma proposta [...] ser escolhida pelo ministro...
21 – Brasil	Informação Incompleta (em nenhum momento da notícia as siglas são “explicadas”) / Ausência do acento grave (indicador de crase)	“Atualmente, os financiamentos são indexados a TR.”	Atualmente, os financiamentos são indexados à Taxa Referencial (TR).
Brasil	Grafia Nome Próprio	“Ricúpero recebeu mais de uma proposta [...]” “O ministro da Fazenda, Rubens Ricupero, marcará o segundo...”	Há ocorrências da grafia do sobrenome do então Ministro da Fazenda, Rubens Ricupero, com e sem acento agudo, em várias notícias da editoria “Brasil”. Em consulta ao site do Governo Federal ⁷ e ao site do Jornal Folha de São Paulo ⁸ , foi possível

⁷ Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/governo/2010/10/anuncio-do-plano-real> Acesso em 15 mai 2015.

⁸ Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/colunas/rubensricupero/?mobile> Acesso em 15 mai 2015.

			encontrar, apenas, a grafia sem o acento agudo.
21 – Brasil	Coesão	“Quanto ao compulsório, o sindicato está disposto e defender...”	Quanto ao compulsório, o sindicato está disposto a defender...
21 – Brasil	Ortografia (acentuação)	“... pressionaram a alta o valor de aluguel e condomínio...”	... pressionaram a alta o valor de aluguel e condomínio...
22 – Brasil	Coesão (trecho longo e confuso)	“... afirmou Cardoso, diante da possibilidade de alta de preços nos 42 dias que separam o primeiro do segundo turno das eleições presidenciais que pudesse pôr em risco a estabilidade do real.”	... afirmou Cardoso, frente ao risco de instabilidade do real, diante de uma possível alta de preços entre o primeiro e o segundo turno das eleições.
22 – Brasil	Modo / Tempo Verbal	“... isto retiraria qualquer possibilidade de que os trabalhistas votarem em Antonio Brito...”	... isto retiraria qualquer possibilidade de que os trabalhistas votassem em Antonio Brito... / isto retiraria qualquer possibilidade dos trabalhistas votarem em Antonio Brito...
23 – Brasil	Concordância	“... e quatro menores já foram julgado e estão presos.”	... e quatro menores já foram julgados e estão presos
23 – Brasil	Ortografia / Redundância	“... ‘juros e se eles são abusivos’, observou. [...] Mas o ministro observou que a economia...”	“... ‘juros e se eles são abusivos’, observou. [...] Mas o ministro ressaltou que a economia...”
23 – Brasil	Ortografia	“Participará de almoço oferecido pela...”	Participará de almoço oferecido pela...
23 – Brasil	Redundância	“Os fabricantes de televisores também se abastecem [...] grupo Sharp que também fabrica este componente.”	Os fabricantes de televisores também se abastecem [...] grupo Sharp que também fabrica este componente.
23 – Brasil	Redundância	“Os operários que entram nas fábricas [...] e	Os operários que entram no trabalho

		passatas dentro das fábricas.”	[...] e passatas dentro das fábricas
32 – Mundo	Redundância	“... acolham os refugiados cubanos, como acontece [...] para a acolhida de cubanos. Washington também estuda a possibilidade de albergar os refugiados cubanos...”	... abriguem os imigrantes ilegais vindos de Cuba, como acontece [...] para a acolhida de cubanos. Washington também estuda a possibilidade de albergar os refugiados...
32 – Mundo	Redundância	“Nas atuais circunstâncias, a base [...] haitianos que já estão na base.”	Nas atuais circunstâncias, a base [...] haitianos que já estão no local.
32 – Mundo	Coerência	“... quando um grupo armado de machados e paus atacou os que iam ser repatriados.”	... quando um grupo armado com machados e paus atacou os que iam ser repatriados.
32 – Mundo	Redundância	“... nas imediações do Palácio Presidencial. A ex-primeira dama permanecia no Palácio Presidencial [...]”	... nas imediações do Palácio Presidencial. A ex-primeira dama permanecia na residência oficial [...]
32 – Mundo	Redundância	“... a crise do casal Fujimori. Também é desconhecida a atitude dos quatro filhos menores do casal.”	... a crise do casal Fujimori. Também é desconhecida a atitude dos quatro filhos menores do casal.
32 – Mundo	Coerência / Informação Incompleta (o que seria AFP? Agence France-Presse?)	“O cargo de que foi despojada é honorário [...] consultados pela AFP.”	O cargo de que foi destituída é honorário [...] consultados pela agência de notícias France-Press.
32 – Mundo	Redundância	“São os seguintes os fatos que surpreenderam os peruanos...”	Os fatos que surpreenderam os peruanos são os seguintes...
32 – Mundo	Regência	“... que a impede de participar nas eleições de 1995.”	... que a impede de participar das eleições de 1995.

Nessa edição, foram encontradas 74 situações em que o texto apresentava dificuldades para a compreensão das informações. As editorias com maior número de inadequações foram Esporte (16 ocorrências) e Brasil (15 ocorrências); em contrapartida, a Capa e a editoria Regional contam apenas com 03 inadequações cada uma. Os problemas mais recorrentes foram redundância (16 ocorrências), ortografia (14 ocorrências) e concordância (13 ocorrências).

Tabela 3 - Jornal da Cidade – Terça-feira, 19/05/2015. Ano XLVIII – nº 16.472 (32 páginas. Manchete: “Energia cara pressiona tarifa de água”)

PÁGINA / EDITORIA	TIPO DE INADEQUAÇÃO	EVIDÊNCIA	SUGESTÃO
01 - Capa	Regência	“Moradora em Piratininga, Rafaela...”	Moradora de Piratininga, Rafaela...
01 - Capa	Regência	“... morrem em colisão de moto contra carro.”	... morrem em colisão entre moto e carro.
01 – Capa	Redundância	“O reajuste estimado até agora fica ficar em torno de 16%...”	O reajuste estimado até agora deve ficar em torno de 16%...
02 – Opinião	Coesão (parágrafo longo) / Falta de pontuação	“Uma coisa ficou muito clara nos ânimos dos vereadores em geral (oposição e situação) quanto à decisão da Câmara de não aprovar uma Comissão Especial de Inquérito (CEI) para apurar omissão e negligência de Rodrigo Agostinho na crise do aterro sanitário: não foi um voto de confiança à figura do prefeito, mas sim na necessidade de o município achar uma saída de curtíssimo prazo às suas 300 toneladas diárias de lixo, para que não sofra com multas, sujeira, poluição e a vergonha de não ter uma destinação decente a seus dejetos orgânicos.”	Uma coisa ficou muito clara nos ânimos dos vereadores (oposição e situação). A decisão da Câmara de não aprovar uma Comissão Especial de Inquérito (CEI) para apurar omissão e negligência de Rodrigo Agostinho na crise do aterro sanitário não foi um voto de confiança à figura do prefeito, mas sim às necessidades do município. Entre as prioridades, está achar uma saída de curtíssimo prazo às 300 toneladas diárias de lixo, para que a cidade não

			sofra com multas, sujeira, poluição e vergonha de não ter destinação decente a seus dejetos orgânicos
02 – Opinião	Informação Incompleta (em nenhum momento da notícia as siglas são “explicadas”)	“... ‘uma vez o PT e o PSDB votam juntos.’ ”	... uma vez o Partido dos Trabalhadores (PT) e o Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB) votam juntos.
02 – Opinião	Coesão (a construção dá a impressão de que as pessoas não aumentaram o tom)	“... não teriam ‘falado a mesma língua’ e aumentado o tom, pelo que...”	... teriam aumentado o tom e não estavam ‘falando a mesma língua’, pelo que...
02 – Opinião	Coesão	“... foi tímido na liderança do prefeito ontem.”	... foi tímido ao liderar o partido do prefeito, ontem.
02 – Opinião	Regência	“... quando todos os animais zelam dos filhotes...”	... quando todos os animais zelam pelos filhotes...
03 – Política	Redundância	“... que tinha assinado o pedido da CEI, não estava na sessão desta segunda-feira, pois não estava em Bauru.”	... que tinha assinado o pedido da CEI, não compareceu à sessão desta segunda-feira, pois não estava em Bauru.
03 – Política	Coesão	“... ter impetrado ação para impedir a expansão do local, noticiado pelo JC na semana passada.”	... ter impetrado ação para impedir a expansão do local, conforme o JC noticiou, na semana passada.
03 – Política	Informação Incompleta	“... teve de eleger um presidente ‘ah doc’ para este período...”	... teve de eleger um presidente ‘ah doc’ (apenas para essa finalidade) para o período em que Mantovani estivesse ausente...
03 – Política	Redundância / Concordância	“... o projeto de resolução de Paulo Eduardo de Souza [...] todos os	... a proposta de resolução de Paulo Eduardo de Souza

		projetos de parlamentares que deixarem a função desta vez foi rejeitada [...] quando foi aprovada em primeira discussão.”	[...] todos os projetos de parlamentares que deixarem a função desta vez foi rejeitado [...] quando foi aprovado em primeira discussão.
03 – Política	Redundância (final do parágrafo igual ao início do parágrafo seguinte)	“... quando foi aprovada em primeira discussão. Em primeira discussão, foram aprovados...”	... quando foi aprovada, em primeira discussão. Foram confirmados, nesse momento...
03 – Política	Concordância	“... foram aprovados transposições e transferências de recursos...”	... foram aprovadas transposições e transferências de recursos...
04 – Geral	Ortografia	“... o reajuste mínimo...”	... o reajuste mínimo...
04 – Geral	Redundância	“... até porque alguns deles já foram até mesmo executados...”	... mesmo porque, alguns deles já foram, inclusive, executados...
04 – Geral	Redundância	“... Combate à Homofobia tiveram início no dia 14, quando uma palestra sobre homofobia...”	... Combate à Homofobia tiveram início no dia 14, quando uma palestra sobre o assunto...
04 – Geral	Coesão	“O evento custa R\$15,00 e será realizado no salão...”	O evento será realizado no salão [...] e a entrada custa R\$15,00...
04 – Geral	Ausência do acento grave (indicador de crase)	“... separadas para a doação a entidades que trabalham...”	... separadas para a doação às entidades que trabalham.
04 – Geral	Coesão	“As aulas têm duração entre 18 e 45 horas.”	Os cursos têm duração de 18 a 45 horas.
05 – Geral	Concordância	“... a maioria dos funcionários, cuja média salarial é bem inferior à do entrevistado pela reportagem, devem ser ainda mais impactados.”	... a maioria dos funcionários, cuja média salarial é bem inferior à do entrevistado pela reportagem, deve ser ainda mais impactada.
05 – Geral	Redundância	“... porque o plano de	... porque o projeto

		equacionamento do déficit econômico-atuarial do plano BD Saldado...”	de equacionamento do déficit econômico-atuarial do plano BD Saldado...
06 – Destaque	Redundância / Coesão	“Vários e importantes especialistas renomados em todo país estarão desenvolvendo vários temas...”	Especialistas renomados de todo país estarão discutindo vários temas...
06 – Destaque	Coesão	“Universidade Sagrado Coração e Unesp [...] para realização do ‘Projeto Ativa Parkinson’, um programa que será beneficiado por um sistema de atividade física para pessoas portadoras da doença.”	Universidade Sagrado Coração e Unesp [...] para realização do ‘Projeto Ativa Parkinson’, um programa que beneficiará pessoas portadoras da doença, através um sistema de atividade física...
06 – Destaque	Informação Incompleta	“O atendimento [...] será todas as terças-feiras e quintas-feiras, às 9h da manhã.”	Adicionar local e endereço do atendimento
06 – Destaque	Coesão / Regência	“... já aderiram ao evento e quem ainda não fez deve se inscrever ao formando Wagner...”	... já aderiram ao evento e quem ainda não o fez deve se inscrever com o formando Wagner...
06 – Destaque	Coerência	“... os expositores dessa promoção vão se apresentar...”	... os expositores desse evento vão se apresentar...
06 – Destaque	Coesão	“Será nesta quarta, das 8h às 13h, a ‘Semana Senac de Enfermagem’, em sua sétima edição.”	A sétima edição da “Semana Senac de Enfermagem” será nesta quarta-feira, das 8h às 13h.
06 – Destaque	Coerência	“Esse tema será promovido em parceria...”	Esse evento será promovido por uma parceria entre...
06 – Destaque	Ortografia	“... e no sábado do Metálica Cover...”	... e no sábado do Metallica Cover...
06 – Destaque	Redundância	“... promove no próximo dia 30 deste mês...”	... promove no próximo dia 30... / ... promove no dia 30 deste mês...
06 –	Ortografia	“... a 3ª Festa do	... a 3ª Festa do

Destaque		Sanduíche de Mortadela Ceratti, beneficente, idêntico ao do Mercado de São Paulo.”	Sanduíche de Mortadela Ceratti. O evento é beneficente e sua principal atração será o lanche de mortadela, idêntico ao do Mercado de São Paulo.
07 – Geral	Coesão	“O Brasil foi o segundo país no mundo – depois do Japão – a reconhecer como crime de Estado a segregação trazida pelos anos de internação compulsória...”	O Brasil foi, depois do Japão, o primeiro país a reconhecer como crime de Estado a segregação trazida pelos anos de internação compulsória...
07 - Geral	Coesão	“Embasado nesta realidade, que foi trazida após legislação aprovada no governo Lula...”	Embasado nesta realidade, que foi trazida à tona após o governo Lula aprovar uma legislação...
07 – Geral	Coesão	“... moradores da comunidade abrigada pelo instituto.”	“... moradores da comunidade que era mantida pelo instituto.”
07 – Geral	Redundância	“... da saliva do paciente. Não há transmissão pelo contato com a pele do paciente.”	... da saliva do paciente. Não há transmissão pelo contato com a pele da pessoa infectada.
08 – Bairros	Redundância / Coerência	“... de Bauru [...] moradores de Piratininga (13 quilômetros de Bauru), voltavam da Cidade Sem Limites...”	... da rodovia Elias Miguel Maluf [...] voltavam de Bauru para Piratininga (13 quilômetros de distância)...
08 – Bairros	Coesão	“... na rodovia, que é composta por pista simples. O trecho em que o acidente aconteceu é dotado de dois radares...”	... na rodovia, que não possui pista dupla. O trecho em que o acidente aconteceu conta com dois radares...
08 – Bairros	Regência	“... capotando ao colidir contra um barranco...”	... capotando ao colidir com um barranco...
08 – Bairros	Coesão	“A rua é movimentada por carros e motos em alta	A rua é movimentada e o

		velocidade...”	tráfego de carros e motos em alta velocidade é intenso...
08 - Bairros	Concordância	“Se já bastasse as temperaturas baixas...”	Se já bastassem as temperaturas baixas...
08 - Bairros	Concordância	“Os 0,3 milímetro registrados pelo Centro...”	Os 0,3 milímetros registrados pelo Centro...
08 – Bairros	Redundância	“... deparou-se com duas portas internas e um armário [...] com várias portas arrombadas [...] vidros da janela da cozinha e portas com fechaduras quebradas.”	... deparou-se com dois acessos internos e um armário [...] com várias partes arrombadas [...] vidros da janela da cozinha e portas com fechaduras quebradas.
09 – Esportes	Coesão	“... celebrar a despedida do capitão da equipe dos gramados.”	... celebrar a despedida do capitão da equipe...
10 – Esportes	Coesão	“A decisão cabe recurso...”	Cabe recorrer da decisão... ou À decisão, cabe recurso...
10 – Esportes	Regência	“... atletas aparecem agredindo a outros ou arbitragem...”	... atletas aparecem agredindo outros ou a arbitragem...
10 – Esportes	Coesão	“... o atacante Rafael Longuine e o meia Marquinhos, que ainda não foi apresentado – ambos eram do Audax.”	... o meia Marquinhos, que ainda não foi apresentado, e o atacante Rafael Longuine – ambos eram do Audax
10 – Esportes	Concordância	“A conquista do Paulistão aliado ao futebol ofensivo...”	A conquista do Paulistão, aliada ao futebol ofensivo...
11 – Esportes	Redundância	“... vídeo em que ele faz injúrias raciais contra Angelo Assumpção [...] no aplicativo Snapchat em que fazem injúrias raciais contra Angelo Assumpção...”	... vídeo que vazou na internet [...] no aplicativo Snapchat em que fazem injúrias raciais contra Angelo Assumpção...
11 – Esportes	Tempo verbal confuso para se referir ao	“Os três divulgam novo vídeo [...] dizendo que...”	Os três divulgaram novo vídeo [...] dizendo que...

	passado		
11 – Esportes	Redundância / Coesão (ausência da preposição <u>de</u>)	“... o contrato até o dia 6 agosto, e até lá tem mais 14 jogos para disputar...”	... o contrato até o dia 6 de agosto e tem, ainda, mais 14 jogos para disputar...
12 – Esportes	Regência	“Ao decidirem no sétimo jogo da série por 4 a 3, eles se tornaram...”	Ao decidirem o sétimo jogo da série por 4 a 3, eles se tornaram...
12 – Esportes	Coesão	“Comercialização para a partida que vale...”	Comercialização de ingressos para a partida, que vale...
12 – Esportes	Coesão	“O Ginásio é onde será feita a comercialização...”	O Ginásio é o local onde será feita a comercialização...
12 – Esportes	Concordância	“A venda dos bilhetes [...] sendo limitado a dois ingressos por pessoa.”	A venda dos bilhetes [...] sendo limitada a dois ingressos por pessoa.
12 – Esportes	Regência	“O resultado garantiu aos comandados do técnico Guerrinha...”	O resultado garantiu aos comandados pelo técnico Guerrinha...
12 – Esportes	Concordância	“... técnicos, assistentes e capitão das 16 equipes...”	... técnicos, assistentes e o capitão de cada uma das 16 equipes...
12 – Esportes	Coesão	“... MDL Construtora/Piatã, terceira da fase de classificação.”	... MDL Construtora/Piatã, terceira colocada na fase de classificação.
12 – Esportes	Concordância	“... que o elenco teve nos últimos jogos.”	... que o elenco teve nos últimos jogos.
12 – Esportes	Coesão	“... já para os canhotos, devem ‘rodar’ no anti-horário...”	“... já os canhotos, devem ‘rodar’ no anti-horário...”
13 – Regional	Ortografia	“... e Legislativo de Ibiringa vai analisar...”	... e Legislativo de Ibiringa vai analisar...
13 – Regional	Conjugação equivocada do verbo intervir	“... depois que o vigia entrevistou na briga...”	...depois que o vigia interveio na briga...
13 – Regional	Linguagem Inadequada	“... momento de arrefecimento do segmento automobilístico...”	... momento de esfriamento do segmento automobilístico...

14 – Regional	Linguagem Inadequada	“É um teatro sobre a bicicleta [...] visto pelo outro lado da empanada mostra...”	É um espetáculo sobre a bicicleta [...] visto pelo outro lado do toldo, mostra...
14 – Regional	Ausência do acento grave (indicador de crase)	“... com sua carroça que as vezes lhe serve de teatro.”	... com sua carroça que às vezes lhe serve de teatro.
14 – Regional	Linguagem Inadequada	“... havia sido transferido, mas foi tredestinado a finalidade diversa da qual recebida.”	... havia sido transferido, mas foi utilizado com finalidade diferente da que deveria ser.
14 – Regional	Ausência do acento grave (indicador de crase)	“... teve vários bancos de concreto arrancados a força e virados.”	... teve vários bancos de concreto arrancados à força e virados.
15 – Regional	Regência	“... colidiu contra a lateral de um carro” (quatro ocorrências – uma ocorrência “colidir com”)	... colidiu com a lateral de um carro
15 – Regional	Ausência do acento grave (indicador de crase)	“... utiliza no combate a exploração...”	... utiliza no combate à exploração...
15 – Regional	Ausência do acento grave (indicador de crase)	“... pediu ajuda a Polícia Militar...”	... pediu ajuda à Polícia Militar...
15 – Regional	Regência	“... homem não soube dizer o que motivou pôr fogo no imóvel”	... homem não soube dizer o que o motivou a pôr fogo no imóvel
16 – Destaques	Ortografia	“... Haka Expedition com os competidores”	... Haka Expedition com os competidores
16 – Destaques	Ausência do acento grave (indicador de crase)	“... faz um tributo a Inezita Barroso no dia...”	... faz um tributo à Inezita Barroso no dia...
17 – Brasil	Redundância	“... da agência de Borghi Lowe em troca do então [...] para que a agência fosse...”	da agência Borghi Lowe em troca do então [...] para que a empresa fosse...
17 – Brasil	Redundância	“... segundo a Procuradoria, teria [...] valores ilegais, segundo a Procuradoria.”	... segundo a Procuradoria, teria [...] valores ilegais, de acordo com órgão público.
17 – Brasil	Regência	“... teria prestado serviços	... teria prestado

		na Câmara dos Deputados.”	serviços à Câmara dos Deputados.
17 – Brasil	Linguagem Inadequada	“... como congressista, ele tem prerrogativa de foro.”	... como congressista, ele tem o privilégio de um julgamento diferenciado.
19 – Brasil	Redundância	“Na quinta-feira foi roubada uma carga de produtos [...] e o segurança que fazia a escolta da carga e, em dez minutos, roubaram a carga.”	Na quinta-feira foi roubado um carregamento de produtos [...] e o segurança que fazia a escolta da carga e, em dez minutos, roubaram todos os produtos.
19 – Brasil	Ausência do acento grave (indicador de crase)	“... rua da Consolação, próximo a avenida Ipiranga.”	... rua da Consolação, próximo à avenida Ipiranga.
19 – Brasil	Redundância	“... pousou na pista sentido bairro, prejudicando o trânsito nos dois sentidos da avenida.”	... pousou na pista sentido bairro, prejudicando o trânsito dos dois lados da avenida.
20 – Brasil	Informação Incompleta	“Ele levado ao hospital em estado grave.”	Ele foi levado ao hospital em estado grave.
23 – Internacional	Concordância	“... ocorreu na área urbana e rural do município...”	... ocorreu nas áreas urbana e rural do município... / ... ocorreu na área urbana e também na área rural...
23 – Internacional	Ortografia	ASIA (intertítulo)	ÁSIA
23 – Internacional	Concordância	“O clima estava tensa na capital...”	O clima estava tenso na capital...
25 – Cultura	Coesão	“... e estimula para que outras pessoas também façam algo de bom, onde vivem.”	... e estimula outras pessoas para que também façam algo de bom, onde vivem.
26 – Cultura	Ortografia	“... de terça a sexta-feira dwesta semana.”	... de terça a sexta-feira desta semana.
26 – Cultura	Concordância	“... entre os homens, informam os organizadoras.”	... entre os homens, informam os organizadores.
26 – Cultura – Bazar	Coesão	“... uma série de opções de presentes. Que são	... uma série de opções de

		referência de afeto entre as pessoas.”	presentes, que são referência de afeto entre as pessoas.
26 – Cultura – Bazar	Coesão	“... para a linha Natura Mamãe e Bebê homenageia a fase...”	... para a linha Natura Mamãe e Bebê, que homenageia a fase...
27 – Cultura – Conexão Biz	Redundância	“... os candidatos passaram por uma série de provas, até serem escolhidos os 18 candidatos.”	... os candidatos passaram por uma série de provas, até serem escolhidos os 18 participantes.
27 – Cultura – Conexão Biz	Ortografia	“... desapontaram ou cometeram gafes.”	... desapontaram ou cometeram gafes.
27 – Cultura – Conexão Biz	Linguagem Inadequada	“... o repórter Marcos Uchoa in loco na Alemanha.”	... o repórter Marcos Uchoa na Alemanha.
27 – Cultura – Conexão Biz	Redundância	“... como vai fazer, embora exista a possibilidade [...] fazerem o jogo lá no Estádio...”	... como vai fazer, embora exista a possibilidade [...] transmitirem o jogo direto do Estádio...

Nessa edição, foram encontradas 93 situações em que o texto apresentava dificuldades para a compreensão das informações. A editoria com maior número de inadequações foi Esporte (17 ocorrências), seguida por Geral (13 ocorrências) e Destaque – antiga Social (12 ocorrências); em contrapartida, a editoria Internacional e a Capa, apresentam 03 ocorrências cada uma. Os problemas mais recorrentes foram coesão (26 ocorrências) e redundância (20 ocorrências), seguidos de concordância e regência, ambas com 12 ocorrências.

Tabela 4 - Jornal da Cidade – Quarta-feira, 20/05/2015. Ano XLVIII – nº 16.473 (28 páginas. Manchete: “Hospitais adotam ‘reforço’ afetivo”)

PÁGINA / EDITORIA	TIPO DE INADEQUAÇÃO	EVIDÊNCIA	SUGESTÃO
01 - Capa	Coesão	“... aumentam o tempo permitido para visitaçao aos pacientes por familiares”	... aumentam o tempo de visitaçao aos pacientes
01 - Capa	Regência	“... saúde e experiências de contar histórias.”	... saúde e experiências em contar histórias.
02 – Opinião	Coesão	“... no processo em que a Caixa Federal é chamada	... no processo em que a Caixa Federal

		a se responsabilizar pela dívida [...] com a LR Construtora, hoje julgada contra a companhia habitacional bauruense.”	é chamada a se responsabilizar pela dívida [...] com a LR Construtora, hoje atribuída à companhia habitacional bauruense.
02 – Opinião	Concordância	“... significando outras fontes geradores...”	... significando outras fontes geradoras...
02 – Opinião	Coesão / Concordância / Ortografia ou Pontuação (uma vírgula depois de ‘alternativa’ mudaria o sentido da oração seguinte)	“... que buscam essas alternativas. Porque não é incentivada a pesquisa e industrialização de torres que captam o vento e transformam na chamada energia eólica.”	... que buscam essas alternativas. Por que não são incentivadas a pesquisa e industrialização de torres que captam o vento e o transformam na chamada energia eólica?
02 – Opinião	Coesão	“... usinas estão fazendo do bagaço da cana uma fonte de renda alternativa importante com a venda de energia derivada de sua queima.”	... usinas estão utilizando uma importante fonte de renda alternativa, com a venda da energia derivada da queima do bagaço de cana.
02 – Opinião	Concordância	“... outros produtos de origem agrícolas...”	... outros produtos de origem agrícola...
02 – Opinião	Coesão / Ortografia ou Pontuação (uma vírgula depois de ‘caminho’ mudaria o sentido da oração seguinte)	“... mesmo caminho. Porque não são incentivadas micro e pequenas hidrelétricas em rios que atenderiam comunidades e propriedades rurais.”	... mesmo caminho. Por que não são incentivadas micro e pequenas hidrelétricas em rios, para atender comunidades e propriedades rurais?
02 – Opinião	Ortografia	“... placas instaladas em rodoviais...”	... placas instaladas em rodovias...
03 – Política	Concordância	“Somadas a administração direta (prefeitura) e indireta...”	“Somadas as administrações direta (prefeitura) e indireta...”
03 – Política	Redundância	“... paralisação total de atividades em duas escolas [...] mas sem encerrar todas as	... paralisação total do funcionamento de duas escolas [...] mas sem encerrar

		atividades.”	todas as atividades.
03 – Política	Coesão / Redundância	“... encaminhada ao Sinserm, porém sem reajuste, mas sim com possibilidade de...”	... encaminhada ao Sinserm sem reajuste, mas com possibilidade de...
03 – Política	Linguagem Inadequada / Informação Incompleta	“... atendendo a Adin impetrada pelo município...”	... atendendo a uma ação direta de inconstitucionalidade (Adin) solicitada pelo município...
03 – Política	Redundância	“... das escolas estaduais, municipais [...] com aproximadamente 200 escolas representadas [...] escolas da Diretoria de Ensino de Lins e uma escola rural de Boracéia, escolas do Sesi...”	... das escolas estaduais, municipais [...] com aproximadamente 200 estabelecimentos de ensino representados [...] unidades escolares da Diretoria de Ensino de Lins e também do Sesi, além de uma escola rural de Boracéia...
03 – Política	Redundância	“O coordenador do JC na Escola, Sérgio Purini, coordenador do evento agradece desde já...”	O coordenador do JC na escola, Sérgio Purini, que também coordena o evento, agradece, desde já...
03 – Política	Ortografia	“... terá apresentação dos malunos violeiros das escolas...”	... terá apresentação dos alunos violeiros das escolas...
04 – Geral	Redundância	“... aumentar o tempo de familiares com pacientes para humanizar atendimento e até reduzir tempo de internação...”	... aumentar o tempo de familiares com pacientes para humanizar atendimento e até reduzir período de internação...
04 – Geral	Concordância / Ortografia	“... cita que é sempre positivo a participação dativa de familiares...”	... cita que é sempre positiva a participação ativa de familiares...
04 – Geral	Linguagem Inadequada	“... transformação de ambiente inóspito em acolhedor”	... transformação de ambiente desagradável em acolhedor
04 – Geral	Regência	“... não interfere nos riscos de aumento nas	... não interfere nos riscos de aumento

		taxas de infecção...”	das taxas de infecção...
04 – Geral	Redundância	“... segundo a médica infectologista Geovana Momo Nogueira de Lima. Segundo ela, a presença...”	... de acordo com a médica infectologista Geovana Momo Nogueira de Lima. Segundo Geovana, a presença...
04 – Geral	Regência / Coesão	“... as restrições de horário de visitas a pais, mães ou responsáveis legais dos bebês...”	... as restrições de horário de visitas de pais, mães ou responsáveis legais pelos bebês...
05 – Geral	Linguagem Inadequada	“... seis palestras, além de coffees e sorteio de brindes.”	“... seis palestras, além de lanches e sorteio de brindes.”
05 – Geral	Regência	“... é o crime que o dono e o funcionário [...] irão responder...”	... é o crime pelo qual o dono e o funcionário [...] irão responder...
06 – Destaque	Coesão	“O tema em foco [...] será nessa quinta-feira, às 9 horas...”	O tema em foco será [...] e o evento acontece nessa quinta-feira, às 9 horas...
06 – Destaque	Ortografia	“... esola de idiomas vai promover hoje...”	... escola de idiomas vai promover hoje...
06 – Destaque	Coesão (trecho confuso)	“... que tem nossa cidade como cenário em citações protagonistas de gente e empresas de Bauru, incluindo trechos históricos e sua predestinação ao longo dos anos.”	... que traz nossa cidade como cenário, tendo como protagonistas, pessoas e empresas de Bauru.
07 – Geral	Coesão / Falta de pontuação	“O episódio trágico em que um funcionário da Unimed Bauru morreu no ano passado vítima de acidente de motocicleta enquanto seguia pela rodovia Comandante João Ribeiro de Barros (SP-225) foi um dos motivos que fez a empresa aderir à campanha mundial Maio Amarelo.”	A Unimed Bauru aderiu à campanha mundial Maio Amarelo, sobre prevenção de acidentes no trânsito. Um dos motivos que incentivou a empresa a apoiar a causa foi a morte trágica de um funcionário, vítima de acidente de

			motocicleta, na SP-225.
07 – Geral	Regência	“... do hospital para orientar aos motoristas...”	... do hospital para orientar os motoristas...
07 – Geral	Regência	“... para ajudar os pedestres atravessar a pista...”	“... para ajudar os pedestres a atravessarem a pista...”
07 – Geral	Concordância	“... o Grupo de Ações para a Redução de Acidentes de Trânsito (Garat), formado pela Emdurb [...] realizarão nesta quinta...”	... o Grupo de Ações para a Redução de Acidentes de Trânsito (Garat), formado pela Emdurb [...] realizará nesta quinta...
07 – Geral	Regência	“O objetivo é alertar os condutores de moto dos graves acidentes que eles estão expostos...”	O objetivo é alertar os condutores de moto sobre os graves acidentes a que eles estão expostos...
07 – Geral	Redundância	“Haverá também distribuição de folhetos [...] que desejarem, haverá ainda a instalação...”	Folhetos também serão distribuídos [...] que desejarem, haverá ainda a instalação...
07 – Geral	Redundância	“... três dias de evento, a Expobeauty [...] o evento, que reuniu centenas...”	... três dias de evento, a Expobeauty [...] a feira, que reuniu centenas...
07 – Geral	Coesão (qual conhecimento? mesmo que houvesse alusão no parágrafo anterior – não há – esse parágrafo é o primeiro depois de um intertítulo)	“APRENDIZADO Conhecimento que motivou a ida de Jessica...”	APRENDIZADO O desejo de aprender mais sobre a automaquiagem motivou a ida de Jessica...
07 – Geral	Coerência	“... os dois primeiros dias do evento, domingo e segunda-feira, foram focados para profissionais...”	... os dois primeiros dias do evento, domingo e segunda-feira, foram voltados para profissionais...
08 – Polícia	Redundância	“... revela que ele apresentava até crachá	... revela que ele apresentava até

		falso [...] tentou enganar até família de...”	crachá falso [...] tentou enganar, inclusive, família de...
08 – Polícia	Redundância	“... já era procurado pelo Estado [...] e pelo município de Santa Cruz do Rio Pardo pelo crime de roubo.”	“... já era procurado pela polícia do Estado [...] e também do município de Santa Cruz do Rio Pardo pelo crime de roubo.”
08 – Polícia	Regência	“... é bastante movimentado por veículos no período noturno.”	... tem movimento intenso de veículos, no período noturno.
08 – Polícia	Coesão	“A Polícia Militar (PM) foi acionada ao local.”	“A Polícia Militar (PM) foi acionada para comparecer ao local.”
10 – Esportes	Coesão	“... departamento médico enquanto que o chileno Valdívía deve...”	... departamento médico enquanto o chileno Valdívía deve...
10 – Esportes	Tempo verbal equivocado	“Portanto, caso não queime etapas, Guilherme voltaria ao time na partida contra...”	Portanto, caso não queime etapas, Guilherme voltará ao time na partida contra...
10 – Esportes	Coesão	“... que defendeu o Rio Preto para na disputa da Série A3, teve sua inscrição...”	... que defendeu o Rio Preto na disputa da Série A3, teve sua inscrição...
11 – Esportes	Redundância	“O jogador deixou o Santos em julho de 2013 sem deixar saudades...”	O jogador saiu do Santos em julho de 2013, sem deixar saudades...
11 – Esportes	Coesão	“... se igualar ao Santos e São Paulo, três vezes cada, campeões da América.”	... se igualar ao Santos e São Paulo, que foram campeões da América três vezes cada um.
12 – Esportes	Redundância	“... o elenco passou por exames médicos. As jogadoras passaram por avaliações...”	... o elenco fez exames médicos. As jogadoras passaram por avaliações...
12 – Esportes	Redundância	“... foi com duas equipes sub-13 disputar a Copa do Brasil Sub-13 de Polo	... foi com duas equipes disputar a Copa do Brasil Sub-

		Aquático...”	13 de Polo Aquático...
12 – Esportes	Redundância	“... com duas equipes, uma formada por meninos [...]. Ambas as equipes foram bem na disputa [...]. A equipe ABDA A ganhou [...], já a equipe ABDA B acabou...”	...com dois grupos, um formado por meninos [...]. Ambos os times foram bem na disputa [...]. A equipe ABDA A ganhou [...], já a ABDA B acabou...
12 – Esportes	Redundância	“... fez sua melhor partida, conseguiu superar [...] para o término da partida...”	... fez sua melhor partida, conseguiu superar [...] para o término da competição...
12 – Esportes	Redundância	“... a ABDA contou com as atletas da ABDA Mylla [...] grande participação na equipe [...] fundamentais na equipe...”	... a ABDA contou com as atletas Mylla [...] grande participação no grupo [...] fundamentais na equipe...
13 – Regional	Redundância	“... a manutenção de 177 cargos comissionados [...] e a descrição dos cargos.”	... a manutenção de 177 cargos comissionados [...] e a descrição das funções.
13 – Regional	Concordância	“... criados 20 cargos de assessores com o mesmo padrão...”	... criados 20 cargos de assessor com o mesmo padrão...
13 – Regional	Linguagem Inadequada	“... 648 casos da doença, sendo 638 autóctones, dez importados...”	... 648 casos da doença, sendo 638 autóctones (originados no próprio município), dez importados...
13 – Regional	Redundância / Concordância	“... foram encontradas peças e instrumentos para a ‘pinagem’ [...] e peças relativas...”	... foram encontrados objetos e instrumentos para a ‘pinagem’ [...] e peças relativas...
14 – Regional	Redundância	“Há mais de 30 anos, Pederneiras [...] na Feira das Nações de Pederneiras...”	Há mais de 30 anos, Pederneiras [...] na Feira das Nações da cidade...
14 – Regional	Coesão	“Uma das mais tradicionais festas dos povos e países do Interior também proporciona...”	Uma das mais tradicionais festas típicas que acontecem no

			Interior, também proporciona...
14 – Regional	Concordância	“... a atrações começarão mais cedo...”	... as atrações começarão mais cedo...
15 – Brasil	Linguagem Inadequada	“No escrutínio público, que durou quase...”	... Na investigação pública, que durou quase...
16 – Brasil	Redundância	“... e os projetos que podem vir a ser financiados, que podem incluir...”	... e os projetos que podem vir a ser financiados, com possibilidade de incluir...
16 – Brasil	Modo / tempo Verbal	“Talvez o projeto mais importante a ser financiado pelo fundo será uma ferrovia...”	Talvez o projeto mais importante a ser financiado pelo fundo seja uma ferrovia...
16 – Brasil	Redundância	“... acordos de cooperação firmados [...]. No caso da Petrobras, foram firmados...”	... acordos de cooperação firmados [...]. No caso da Petrobras, foram estabelecidos...
16 – Brasil	Linguagem Inadequada	“... empréstimos sindicalizados, bilaterais, crédito à exportação e trade finance, entre outros...”	... empréstimos sindicalizados, bilaterais, crédito à exportação e financiamento ao comércio exterior (<i>trade finance</i>), entre outros...
16 – Brasil	Redundância	“... prevista para ligar o maior polo de produção de grãos [...] no Mato Grosso, até sua ligação com a Ferrovia Norte-Sul...”	... prevista para conectar o maior polo de produção de grãos [...] no Mato Grosso, até sua ligação com a Ferrovia Norte-Sul...
17 – Brasil	Redundância	“... consecutivo nesse tipo de comparação. Trata-se também da queda mais intensa nesse tipo de comparação desde...”	... consecutivo nesse tipo de comparação. Trata-se também da queda mais intensa desde...
17 – Brasil	Ortografia	“... o mesmo período do ano passar...”	... o mesmo período do ano passado...
17 – Brasil	Redundância / Linguagem Inadequada	“... consecutivo de queda do pessoal assalariado. Com os resultados, o	... consecutivo de queda de assalariados. Com

		total do pessoal ocupado na indústria...”	os resultados, o total de trabalhadores da indústria...
17 – Brasil	Informação Incompleta *	“... à multa diária de R\$25 mil em caso de descumprimento.”	... à multa diária de R\$25 mil em caso de descumprimento da liminar.
17 – Brasil	Regência	“O Porsche branco é o mesmo em que o juiz federal [...] foi flagrado dirigindo...”	O Porsche branco é o mesmo que o juiz federal [...] foi flagrado dirigindo
18 – Brasil	Redundância	“A explosão danificou a maioria dos 72 apartamentos [...] onde ocorreu a explosão, Markus...”	A explosão danificou a maioria dos 72 apartamentos [...] onde ocorreu o incidente, Markus...”
18 – Brasil	Concordância	“... a causa da explosão deve ser [...] tenha sido provocado por um vazamento...”	... a causa da explosão deve ser [...] tenha sido provocada por um vazamento...
18 – Brasil	Coesão	“... Fernando Galio, 58 anos, morador 7º. andar do edifício.”	.. Fernando Galio, 58 anos, morador do 7º. andar do edifício
18 – Brasil	Redundância	“... um blog de notícias da região [...] casos de violência na região...”	... um blog local de notícias [...] casos de violência na região...
19 – Agenda Econômica	Coesão	“No caso da Vale, as ações a queda se deu em meio à queda nos preços do minério de ferro...”	No caso da Vale, a queda se deu em meio à baixa dos preços do minério de ferro...
20 – Internacional	Coesão	“... pediram que países parar de empurrar embarcações...”	... pediram que países parem de empurrar embarcações...
20 – Internacional	Ortografia	“... abrigo em Kuala Langsa, na Indonesia”	... abrigo em Kuala Langsa, na Indonésia
20 – Internacional	Coesão	“... para cumprirem seus deveres pare resgatarem pessoas em áreas...”	... para cumprirem seus deveres e resgatarem pessoas em áreas...
20 – Internacional	Redundância	“... se deslocarem para uma base próxima para se prepararem para um contra-ataque...”	... se deslocarem até uma base próxima e se prepararem para um contra-ataque...
21 – Cultura	Concordância	“... venda de pratos de feijoada pelo valor de 20	... venda de pratos de feijoada pelo

		reais, preparadas pelo Conselho...”	valor de 20 reais, preparados pelo Conselho...
21 – Cultura	Coesão (não fica claro o que é comemorado no dia 18 de maio)	“O livro lança a 17ª Semana Municipal dos Museus, parte da 13ª Semana Nacional dos Museus, comemorado em 18 de maio desde 1977.”	O livro lança a 17ª Semana Municipal dos Museus, parte da 13ª Semana Nacional dos Museus, instituída em maio de 1977.

Nessa edição, foram encontradas 72 situações em que o texto apresentava dificuldades para a compreensão das informações. A editoria com maior número de inadequações foi Geral (17 ocorrências), seguida por Brasil (15 ocorrências); em contrapartida, a Capa apresentou 02 ocorrências e a editora de Cultura, apenas 01. Os problemas mais recorrentes foram redundância (25 ocorrências) e coesão (20 ocorrências).

Após analisar o texto de quatro edições do *Jornal da Cidade*, alguns pontos ficaram claros. O primeiro deles é notar que as inadequações mais recorrentes são coesão e redundância, que estão ligadas muito mais às construções textuais do que às regras gramaticais propriamente ditas. É interessante pontuar que, muitas vezes, o “leitor comum” pode não identificar que o problema está no texto, a não ser pelo fato de precisar ler mais de uma vez para compreender a informação – é possível que ele acredite que a dificuldade seja dele próprio, o que não acontece nos casos de inadequações ortográficas, por exemplo.

Embora o objetivo não seja fazer um “*ranking* de erros e acertos”, é interessante pontuar que a Capa é a página que menos apresentou problemas textuais, talvez por ser revisada com mais cuidado, já que é o “cartão de visitas” do jornal. Por outro lado, a editoria na qual os textos apresentaram mais inadequações foi Esporte.

6 O TEXTO NO IMPRESSO DIÁRIO – GANHOS E PERDAS, NA VISÃO DE JORNALISTAS DO *JORNAL DA CIDADE*

Tomar por base a afirmação do jornalista Ricardo Noblat (2003), de que “A função social do jornalismo é exercida com mais propriedade pelos veículos de comunicação impressos [...]” (NOBLAT, 2003, p.26), é importante para vislumbrar a questão da qualidade do texto dos jornais impressos diários.

Se o veículo impresso é aquele que, além de informar, pretende levar o leitor à reflexão sobre os assuntos estampados em suas páginas – cumprindo o papel de difundir valores éticos e de colaborar com a formação de uma população cidadã – a maneira como ele lida com seu texto é fundamental para atingir esses objetivos.

A maioria dos jornais impressos em circulação no Brasil não conta mais com o setor responsável pela revisão textual, especificamente. Logo, cabe ao jornalista que redigiu o texto e/ou ao editor de área essa função de adequar o material às normas da linguagem vigente e ao contexto do jornal, levando a publicação a formar um todo coerente e coeso, sem que haja grandes problemas de compreensão por parte dos leitores.

A fim de buscar compreender mais profundamente os processos de produção de texto e revisão textual, foram realizadas entrevistas em profundidade com sete jornalistas que atuam no *Jornal da Cidade* de Bauru.

A realização das entrevistas como parte da metodologia qualitativa desta pesquisa faz parte da segunda etapa metodológica do estudo de caso do *Jornal da Cidade* e buscou “[...] com base em teorias e pressupostos definidos pelo investigador, recolher respostas a partir da experiência subjetiva de uma fonte, selecionada por deter informações que se deseja conhecer.” (DUARTE, 2010, p.62).

Os dados dos entrevistados e das respostas por eles expostas serão apresentados a seguir, em formato de tabelas, com a finalidade de evidenciar a percepção que pessoas envolvidas diretamente com produção textual jornalística possuem sobre esse processo. É necessário pontuar que as entrevistas não possuem caráter conclusivo e/ou científico, haja vista que o papel das entrevistas em profundidade não é obter dados definitivos, mas “[...] está relacionado ao

fornecimento de elementos para a compreensão de uma situação ou estrutura de um problema.” (DUARTE, 2010, p.63).

Desse modo, as entrevistas realizadas colaboraram para a compreensão do cenário da produção e da revisão dos textos publicados no jornal de maior circulação da cidade de Bauru. A seleção de amostra dos entrevistados deu-se de modo a contemplar jornalistas com diferentes funções, idades e tempo de profissão, embora a formação acadêmica da maior parte deles (curso de Jornalismo) tenha sido comum, como apontado na tabela 5.

Tabela 5 – Jornalistas entrevistados

JORNALISTA	IDADE	FORMAÇÃO ACADÊMICA	TEMPO DE PROFISSÃO	FUNÇÃO ATUAL
Jornalista 1	49 anos	Superior – Jornalismo	25 anos	Editor chefe
Jornalista 2	27 anos	Superior – Jornalismo	4,5 anos	Repórter (política)
Jornalista 3	54 anos	Superior Incompleto – Jornalismo	31 anos	Chefe de Redação
Jornalista 4	43 anos	Superior – Jornalismo	21 anos	Editor executivo
Jornalista 5⁹	46 anos	Superior – Jornalismo	22 anos	Repórter
Jornalista 6	28 anos	Superior – Jornalismo	06 anos	Editor (Geral)
Jornalista 7¹⁰	58 anos	Superior – Direito	34 anos	Editor (Internacional)

⁹ O jornalista também trabalhou no setor de revisão do jornal.

¹⁰ O jornalista também trabalhou no setor de revisão do jornal.

Tabela 6 – Entrevistas em Profundidade¹¹

Como é (era) sua rotina de revisão textual – quais passos você segue (seguia) para revisar o seu texto (ou o texto que lhe coube revisar)?

Jornalista 1 – “Depende muito do tempo que a gente tem, porque a gente lida com a pressão do tempo o tempo todo, porque o nosso fechamento é tardio, isso é um diferencial que a gente tem. Só que esse fechamento tardio é ruim em vários momentos. Desde que eu to aqui em sempre revisei meu próprio texto, apesar de ter um período que a gente tinha revisor. [...] O que eu me lembro claramente é que quando eu entrei no jornal, lá pelos idos de 89, 90, havia, mas eu não vou saber dizer exatamente quando acabou, se foi logo em seguida... Mas, assim, eu sempre tomei cuidado com os meus textos, eu sempre fui chata nessa questão da revisão dos meus textos, coisa que a gente não percebe muito na maioria das pessoas e eu acho muito ruim. E eu sei que as pessoas nem leem depois aquilo que foi revisado, porque você uma revisão de padrão num texto de um repórter. No dia seguinte, você pega e tem o mesmo erro, então, quer dizer, o cara não prestou atenção no padrão, ele não viu que você fez aquela correção no texto dele. Apesar que, quando ele entra, a gente chama e fala ‘olha, aqui a gente não usa hora, a gente usa h grudado, número de um a dez, por extenso, um manual basiquinho de como é que a gente usa, o cara erra depois e ele não percebe, daí você tem que chegar e falar e tal... Agora, quando eu vou revisar o texto de uma outra pessoa, eu tenho, por hábito, fazer uma revisão geral na tela primeiro e daí eu imprimo e faço uma revisão no papel, eu gosto de fazer uma revisão no papel. Eu não enxergo direito na tela, parece que eu não vejo e daí a revisão no papel eu acho que eu faço com um pouco mais de cautela. Engraçado que nessa revisão do papel eu presto mais atenção naquilo que chama a atenção do leitor, então eu tomo muito cuidado com o título, daí eu faço uma revisão silábica no título, no olho, na legenda, na janela e dou uma olhada geral. Aí, dependendo do horário, eu faço uma revisão também mais apurada do texto, se não, é uma leitura dinâmica mesmo. [...] A pessoa comete os mesmos erros porque ela não lê e isso ela leva pro mercado de trabalho, independente do curso, se é jornalismo, se é história, se é letras e aqui na redação isso é muito forte. Um editor que é muito complacente deixa passar... eu não, eu falo que é preguiça. Vou citar um exemplo: recentemente nós fizemos uma matéria da Sexta Feira Santa, do período pascal, aquela coisa toda... A repórter escreveu, no texto todo – e não é uma repórter nova de casa, ela tem já os seus cinco anos, então, quer dizer, ela não é mais foca – no texto todo ela escreveu ‘trido’ e ela frequenta igreja. ‘Trido’, ‘trido’... ela ouviu o bispo falando tríduo e ela escreveu ‘trido’ e aquilo foi pro jornal, daquele jeito e eu só vi no dia seguinte, quando eu peguei o jornal. Daí eu chamei a repórter primeiro, porque foi a primeira pessoa que eu vi, e falei ‘viu, você sabe o que é trido?’ e ela ‘não é tríduo?’. Ou seja, ela falou. ‘E por que você escreveu ‘trido’ no texto inteiro?’ ‘Como assim?’ ‘Você escreveu ‘trido’ no texto inteiro.’. Daí eu abri o jornal, mostrei pra ela e falei ‘é o seu nome que está assinado aqui em cima e o seu editor deixou passar.’. Então, as pessoas não se importam. Eu falei ‘olha que coisa feia, fulana... você não fez uma segunda revisão, você sequer fez uma revisão no Word ou você não se deu ao direito de falar ‘será que é trido ou será que é tríduo?’ e ela falou ‘mas eu tenho certeza que é tríduo’. Mas, não revisou. E aí quando o editor chegou eu fui

¹¹ Tabela dividida em 06 partes, com comentários subsquentes às perguntas/respostas apresentadas pelos entrevistados.

chamar o editor também, né? Aí falou que pra corrigir pelo menos no site, porque a matéria está no site e eu falei 'não importa, tá lá o *flip*, alguém que for imprimir essa página, vai estar errado', ela disse que não ia errar mais, mas eu falei que a questão não é não errar mais a palavra tríduo a questão é fazer uma revisão inicial, porque se você faz uma revisão inicial do seu texto, você pega dez erros; o editor pega mais dez... isso significa que não vai sair erro? Não, com certeza vai sair. Você nunca vai ler um texto com 100% de acerto... sempre vai ter uma vírgula no lugar errado, uma concordância de 'a maioria fizeram', alguma coisa vai ter, se você for fazer uma revisão mais apurada, você vai achar. Só que, assim, se você faz a revisão do seu texto e o editor faz a revisão do seu texto, a quantidade de erro que a gente vai mostrar no dia seguinte é muito menor. Eu não tenho a ilusão de que a gente vai ter um texto 100% correto. Tem uma matéria minha no jornal de domingo. Eu revisei aquela matéria, o editor que fechou aquele dia revisou e eu sei que ele revisou, talvez tenha revisado menos do que normalmente ele revisaria porque o texto estava assinado por mim, mas eu fui ler no dia seguinte e tem um monte de erro, e erro que eu não vi na hora. Daí eu fui falar com o editor e ele disse 'putz eu não vi'. Por quê? Porque é só no dia seguinte. Então, não tem essa ilusão, mas precisa ter um pouco mais de capricho, um pouco mais de cuidado, as pessoas precisam ter um pouco mais de noção de que é o seu nome que está escrito lá, não é o nome do editor, não é o nome do jornalista responsável. Tudo bem que o jornal escuta uma série de reclamações em relação a isso e eu acho que a gente está vivendo um momento de muito erro, como nunca a gente teve. Agora, é correria? É correria. Nós estamos com um time pequeno? Estamos com um time pequeno e o jornal continua do tamanho que sempre esteve... Então, tem licença médica, tem férias, tem uma série de coisas, mas isso sempre vai ter. E eu não acho sinceramente, que a volta do revisor na redação vai melhorar o problema. Ajuda, mas não vai resolver 100%. E também não acho que os revisores vão voltar pras redações. Eu lembro que em 97, até por conta de muito erro, o nosso de diretor de redação, que na época, se não me falha a memória era o Nilson Costa, pôs um revisor na redação e era um senhor, que era formado em letras, tal. Meu, a gente fez praticamente uma greve branca, porque ele revisava os nossos textos, só que ele era uma pessoa extremamente arcaica. Eu me lembro claramente nas minhas matérias que ele tocou 'hospital' por 'nosocômio', 'vereador' por 'edil'... no dia seguinte eu peguei o jornal e eu quase tive um troço, foi muito complicado. Aí a gente ficava aqui, esperando o fechamento, pra ver a revisão que ele tinha feito, revisar a revisão dele. Então, dava brigas incríveis, tanto que ele não trabalhou nem um mês no jornal, porque ele fazia isso com o texto de todo mundo. Mas, eu acho assim, que se o repórter tomasse um pouco mais de cuidado com aquilo que ele faz, se ele passasse ao menos o revisor do Word, que já nem é aquelas coisas, por exemplo, o revisor do Word troca, automaticamente 'ps' por 'os' e se o repórter não tomar cuidado, sai 'os', como já saiu. Então, não é confiável, mas ajuda um pouco, ele tem que toar cuidado, porque quando o revisor pega pra revisar, ele não tem só uma matéria... e cansa, é muito cansativo. O leitor merece um texto, no mínimo, correto. É a sua função, independente de ter revisor ou não, é a sua obrigação escrever um texto correto. Todo mundo erra, todos os dias, mas é um risco que a gente corre. [...] E tenho algumas coisas na hora de fazer uma revisão, deixar as frases mais curtas, prestar atenção na questão de concordância que é um problema muito sério, problema de vírgula é um problema muito sério, crase, parece que só se rachar a cabeça e colocar dentro a crase. E o que a gente percebe é que... eu lido muito com texto de agência de notícia, que teoricamente

teria que vir melhor trabalhado. No final de semana é um inferno, porque eles também têm escala de plantonista e deve ser tudo foca e os textos caem de qualidade, absurdamente, com erro de informação, inclusive. Já aconteceu de eles fazerem alguma matéria aqui da região e eu ligar lá na agência e falar 'essa informação está errada, não é esse fulano que é prefeito dessa cidade, é fulano de tal' e aí eles agradecem e mandam uma errata, mas cai muito a qualidade no final de semana, a gente tem que redobrar a atenção. Os textos vêm muito mais truncados, há muito mais erros, não sei se é por conta da correria... e aqui a gente percebe que a gente também tem que ficar um pouco mais atento, em relação à produção."

Jornalista 2 – “Hoje, não existe um editor de política no Jornal da Cidade, quem atua nessa função é o nosso diretor de redação. Então, todas as minhas matérias são lidas por ele também, antes de serem publicadas, tanto as matérias como a coluna de política do jornal, que é a coluna Entrelinhas, que eu também produzo. Eu escrevo e eu costumo revisar, mas se eu disser que eu reviso de forma rigorosa e sistêmica, não é verdade, por conta do volume de trabalho, do horário de trabalho... muitas vezes algumas coberturas terminam perto do horário de fechamento, então, o tempo pra escrever é escasso e a gente conta com algumas ferramentas, como, por exemplo, o próprio corretor automático do Word, que dá uma ajudinha, sem fazer muito esforço, porque primeiro a gente escreve no Word e depois o texto é passado pro programa de diagramação. E eu procuro ler as minhas matérias... em tese, no dia a dia eu procuro fazer isso, mas não é sempre que eu consigo. Ontem, por exemplo, eu fiz duas matérias grandes, de abre de página, uma eu consegui, a outra, não, porque já tinha passado mais de meia hora do meu horário e porque tem hora que, se eu lesse, ontem, não ia adiantar nada. O que eu faço, eu escrevo a matéria, daí eu passo o corretor do Word, dou uma olhada e aí eu não leio na tela, eu imprimo. Aqui é uma rotina, que inclusive precisa ser rediscutida, mas é uma rotina, a gente imprime todos os textos pra entregar pro editor, aí eu leio no impresso e vou fazendo a revisão no arquivo porque eu acho que, enfim, é uma mania boba, mas eu acho que eu consigo ler com mais atenção e pesco melhor eventuais erros ou mesmo uns lapsos na digitação no papel. O que eu percebo assim é que são poucos erros de concordância, de construção de frase, é muita que passa, assim, você começa a escrever de um jeito e aí você fala 'não, eu vou mudar essa construção', aí acaba passando um 'que', uma conjunção que você usaria ou uma preposição que acaba excluída da construção, que você muda na hora de escrever e acaba esquecendo de apagar... Ou mesmo acaba configurando um erro de concordância, mas não no sentido de um erro por questão de um desconhecimento, mas, por exemplo, um artigo errado, no lugar de um 'a' tem um 'o', coisas desse tipo, assim, um plural, não construção. E mesmo a matéria sendo lida e editada por outra pessoa, é bastante frequente que saia com erro.”

Jornalista 3 – “Eu tenho uma rotina de revisão do meu próprio texto pelo menos umas quatro ou cinco vezes. Eu escrevo hoje, por exemplo, uma crônica semanal, a minha maior obsessão não é a idéia, não é a estrutura, é a revisão. Eu reviso até o último e derradeiro momento antes de mandar pra impressora, porque de tanto ver texto errado, de tanto me deparar com esse problema e por considerar, acima de tudo, que um texto com um pequeno erro já não é mais... esse erro acaba tirando o brilho de toda uma bela idéia que possa vir contida ali, ou de uma bela investigação ou de uma bela apuração, eu, então, fiquei meio obsessivo com erro. Mas, talvez até por conviver e liderar uma redação e ter que encontrar soluções pra isso, algo que parece inatingível não só pra nós, o erro zero parece algo inacessível

a todos nós, então eu fiquei um pouco obsessivo com erro, então eu reviso muito os meus textos. Mesmo assim, por vezes, ainda passa um pequeno ou um grande erro, mas não são muitos, por conta da revisão quase obsessiva. Eu leio primeiro silabicamente, depois o texto inteiro, dou um tempo, vou fazer outra coisa, esfriar a cabeça ou trocar de foco, depois volto pra ler, mais uma ou duas vezes. Porque eu já percebi que a leitura seqüencial, repetitiva, ela acaba fazendo com que você já não enxergue mais o erro a partir de um determinado momento. Então eu faço isso, primeiro silábico, que é o básico, que eu peço pros colegas fazerem, depois uma leitura geral, com mais calma, mais “de cima” e depois de uma saída uma última ou duas últimas leituras pra entregar pra impressão. Aqui na nossa divisão de trabalho eu acabo revisando a parte de política também, a editoria de opinião, página 2, as cartas e artigos, a coluna social hoje eu presto muita atenção porque é uma página importante pra nós e ela vem com muitos erros porque o nosso titular não é uma pessoa muito afeita às letras, vamos dizer assim, e também a capa do jornal eu procuro ver com muita atenção. Em geral, eu faço, mas mesmo quando não faço eu dou um jeitinho de ler e quando posso, sempre que tenho tempo, leio textos de colegas... é algo assim que não é muito coerente num processo produtivo, eu tenho consciência de que não adianta querer achar que eu vou ler o texto de todo mundo, que eu vou querer consertar os problemas todos do jornal de forma muito voluntária, mas, uma vez tendo oportunidade, a gente lê, eu leio, acabo tendo o máximo esforço possível pra ler os textos dos colegas, principalmente depois que eles já estão na página e não assim que eles terminam porque eu acabaria tirando deles a sensação de obrigação de que eles têm que revisar esses textos. Mas, leio bem discretamente, muitos até nem percebem, pra tentar fazer com que o jornal, no dia seguinte, saia com o menor número de erros possível, porque o que importa é o que o leitor vai ler, os nossos processos internos, o leitor não tem nada com isso, não tem culpa de nada, ele tem que receber o melhor produto possível, então, por isso a gente se desdobra, assim como eu, outros editores da área de chefia também. Quando o texto é alheio e a pessoa está presente, eu peço a ela pra corrigir, pra que ela desenvolva cada vez mais esse bom hábito, esse dever do jornalista, né? Quando ela não está mais presente eu corrijo, obviamente e, posteriormente, eu comunico a ela, independentemente de que tipo de erro, seja um erro de digitação, seja um erro de português, seja um erro de informação. São os três níveis de erros que nós mais temos aqui. Então, eu faço sempre chegar a quem escreveu o tipo de erro que ele cometeu. Não é algo assim tão sequencial, tão frequente, tão obsessivo porque eu não sou um revisor do jornal, eu faria isso de forma 100% se eu fosse um revisor ou se nós tivéssemos esse setor, mas procuro sempre chamar a atenção dos colegas pros erros, primeiro do repórter que escreveu e depois o revisor, então são duas as pessoas que são abordadas, primeiro o repórter e depois o revisor que tem aqui na nossa escala de trabalho o dever de revisar os textos. [...] No mínimo entre quinze e vinte anos atrás, nós abolimos o revisor porque foi uma onda geral da imprensa, né? Uma conclusão a que se chegou, isso interessou, também, as empresas porque, de certa forma, significava um racionamento da mão de obra e de uma atividade que não é atividade-fim nossa, nossa atividade-fim é escrever, não é revisar. A revisão é inerente a quem escreve e isso foi considerado uma espécie de carro-chefe pra essa tomada de decisão na época, o fim desse “paternalismo”, revisar o que um profissional que estudou, que se preparou pra escrever, produzisse, quer dizer, algo meio sem sentido. Mas, confesso que, passados todos esses anos, eu tenho saudades da revisão. Se tivesse um revisor, eu acho que nós teríamos menos

erros, mas eu não sei se na relação custo-benefício isso seria compensador, nós temos sempre que levar em conta que nós estamos falando de uma empresa, que tem desafios diários pra colocar o jornal na rua e ter algum lucro, justamente pra pagar toda sua estrutura e toda sua produção. E pra que ela se mantenha independente também, uma empresa que tem lucro na nossa área de comunicação é uma empresa, pelo menos em tese, independente, né? Não depende de verba pública, de pressão de empresariado, de um mecenas ou de um investidor que, aí sim, vai concentrar muito poder e vai influenciar nosso trabalho. Então, acho que haveria menos erros, sim, porque é uma questão até matemática: quanto mais gente olhando o texto, menos erros, obviamente. Mas, é um processo no qual nós estamos inseridos e se encerrou e eu noto que há uma evolução na consciência do jornalista de cuidar um pouco mais do seu texto, ainda é difícil porque a gente renova as gerações dos jornalistas, tem gente que entra e sai e a gente repara que as deficiências são grandes na formação não só acadêmica, na formação básica, inclusive, e isso impacta muito na redação. Então, parece que a gente está chegando num momento de estabilização dos erros, aí a equipe se renova e começa de novo, do zero. Isso é uma praga generalizada entre nós, a dificuldade com o texto que o jornalista, o estudante brasileiro tem, de uma forma em geral. Isso acaba virando um círculo vicioso, ao invés de um círculo virtuoso, parece que nunca tem fim, é uma roda viva que nunca se acaba, porque os jovens vêm com os erros e os velhos, que já estão melhores, saem. Então, eu acho que isso passa por uma discussão muito importante, da formação educacional do brasileiro, aí não é nem só do jornalista, mas do brasileiro.

Jornalista 4 – “A revisão foi engolida ao longo dos anos, de fato, não existe mais a figura típica, exclusiva e específica do revisor. Pessoalmente, eu não considero uma medida boa. Eu acho que os jornais brasileiros, porque isso é um fenômeno nacional e acredito que no exterior também, deversem, de alguma forma, voltar a discutir a figura do revisor. É uma tragédia pra gente quando a gente se depara com os nossos próprios erros, imagina pro leitor. Porque a gente produz tudo na correria, o leitor não... ele lê com prazer e lentamente e nessa condição de ler lentamente, ele tem condições de apontar, às vezes, melhor do que a gente, de apontar falhas, erros que ocorrem na edição, o que é lamentável e a gente tem que buscar, cada vez mais, diminuir. A figura do revisor, específica, acho que contribuiria pra isso. Hoje costuma-se dizer que busca-se o repórter com o texto final, um repórter que apure bem e que consiga ter coesão, clareza, pra entregar um texto que o editor não tenha que reescrever, porque isso é um retrabalho para o editor, é ruim pro repórter, então, não há mais espaço para paternalismos, o repórter tem que saber que ele é o editor da sua própria matéria, do seu próprio material, porque é o seu nome que aparece com maior evidência. Mas, sim, acho que uma equipe ou a figura de um revisor poderia contribuir para aprimorar esse processo, já que a gente voltou a ter muita rapidez e ela é inimiga da qualidade, muitas vezes. Eu recomendo pros editores e também pros colegas repórteres essa leitura silábica é muito interessante, você falando em voz baixa é diferente, você ouve o que está lendo, imprime um ritmo praquela leitura, muitas vezes você pega um cacófato, ali, fazendo a leitura mais silábica... O problema é que existe uma descontinuidade constante no ambiente de redação, a todo momento você para pra tentar dar conta de outras demandas e isso dificilmente será mudado, a não ser que se coloque biombos fechados pra todo mundo trabalhar e aí você quebra a interatividade das equipes, o que ninguém quer. Mas, como recomendação, hoje a revisão acaba sendo do editor, hoje o editor é o editor/revisor, sim, ou seja,

acúmulo de função. Por isso que cada vez mais, que a bola chegar redonda, como a gente costuma dizer, que o texto chegar com mais fluidez, melhor pro editor e melhor pro repórter. Mas aí, essa revisão tá na mão do editor e nosso processo aqui, a gente tem dois processos de revisão, basicamente, um é da leitura do texto em si e o outro com o texto já na página impressa apenas internamente e ali você ainda pega algumas coisas, é possível identificar algum erro e tal. Eu sei de editoras, por exemplo, a Editora Alto Astral, mesmo, quando eu trabalhei lá, a gente adotava cinco processos de revisão, mas isso era possível com revistas mensais, passava por revisão em dupla... aqui, num jornalismo diário é impensável fazer a revisão de uma matéria em dupla. Então, cabe mesmo a um profissional que tem que estar atento, nesse ambiente complexo, às vezes caótico de uma redação, estar atento àquele momento sagrado da revisão, preservar isso ao máximo possível.

Jornalista 5 – A rotina era uma loucura. As páginas eram montadas naquelas tirinhas, montadas à mão, chamadas de pestape, o histórico pestape. As matérias vinham já no pestape e você tinha que corrigir elas já nesse texto, que era digitado. O repórter fazia na máquina de datilografar Olivetti, um pestapero digitava lá e gerava as tirinhas e vinha pra gente corrigir. Um ou outro texto que vinha como se fosse numa folha, A4, e você anotava ali à caneta, voltava pra revisão, a revisão fazia essas correções, que eram basicamente de erros de digitação, mas de construções, concordância verbal, concordância nominal, algum erro de vírgula e ortografia. Não entrava em análise de clareza de texto, às vezes tinham frases que estavam deslocadas ali, textos truncados e eles acabavam passando, se não você, no pestape, era impossível de você fazer arranjos de textos. Então, a grande diferença tecnológica e operacional de ganho de qualidade de final de conteúdo, já comparando o pestape com o processo seguinte, que nem é o atual é que era impossível você fazer arranjos de textos que estavam truncados ou de informações que estavam desconexas ali no texto. Você ficava na pontuação, erro de digitação, ortografia, concordância nominal, verbal e regência, basicamente. Éramos em quatro na área de revisão e a gente dividia os textos conforme a demanda, pra não cansar a gente fazia um revezamento, um dia lia esportes, outro dia... eu gostava muito de cultura, de economia, então eu preferia ler esses textos. A diferença era que você gastava um volume gigantesco de tempo pra revisar classificados em linha, que eram revisados pela revisão. Eu, particularmente, reviso título primeiro, olho, legenda e janela, que são os quadradinhos mais importantes, porque isso vai facilitar a vida do editor, porque é aquele erro que salta aos olhos do leitor. Como o título, por grandeza evidente salta aos olhos, se você escreve assalto com ç no título, ferrou, vai saltar desse tamanho. Agora, se você colocar lá no meio do texto, é só o cara que leu. Eu vou naquilo que o olho lê primeiro.”

Jornalista 6 – “Quando eu era repórter eu fazia pelo menos duas revisões no meu texto, porque na primeira você escreve e na segunda eu dava uma lida pra ver questões de gramática mesmo, de concordância, porque, muitas vezes, a gente fica muito dependente da concordância do Word e muitas vezes isso não dá certo, às vezes ele te indica errado, na verdade. Depois, fazia uma leitura um pouco mais cuidadosa pra ver se tinham palavras próximas muito repetidas e tal. Como editor é um pouco diferente porque eu tenho que, além de fazer essa revisão de gramática e ortografia, também dar uma análise de conteúdo, né? Apesar de a gente ter essa análise durante o dia, na hora em que o texto vem pra mim eu preciso saber, porque, muitas vezes, pro repórter estava claro, mas isso aqui, pro leitor, tá muito no fim do texto... Então, como editor, precisa fazer uma análise um pouco mais

cuidadosa, vendo também a qualidade informativa, do conteúdo. E também eu faço uma coisa curiosa, que a galera ate fica enchendo o meu saco, brincando comigo ali... Que eu pego, principalmente título, legenda, linha fina, janela, que eu chamo de destaques, eu faço uma leitura extremamente cuidadosa, eu pego um lápis, eu tenho mil lápis aí, e vou riscando sílaba por sílaba pra ver, porque muitas vezes você perde. Por exemplo 'bauruense vence prêmio internacional', você lendo, você vê 'bauruense', mas ta escrito 'baruense' e você pode ler dez vezes aquilo que você parece que não vê, porque seu cérebro já está condicionado e no outro dia vai sair e muitos leitores vão perceber. Por experiência mesmo, eu já errei isso, então eu faço com todas as páginas que eu edito, todos os destaques, eu vou riscando sílaba por sílaba e a maioria dos erros eu pego desse jeito. A minha visão tem que ser uma visão complementar, o repórter tem que ter esse cuidado com o seu próprio texto, isso é fundamental, porque é o seu nome que está lá, é quase que um filho. Quando acontecem coisas muito tarde da noite, como um acidente, e você tem que entregar matéria, às vezes o repórter fala 'olha, eu entreguei sem revisar' e é onde mais acontecem erros. Então, por isso eu acho que essas várias etapas, quando há essa filtragem, minimiza o erro na publicação. E, não adianta, se você fizer quatro revisões, na quinta você vai achar um erro, então, você vai ter que minimizar."

Jornalista 7 – “Antigamente tinha a lauda, o repórter datilografava e passava praquele setor que até existe ainda, que é a digitação, então o texto era digitado, passava em fita perfurada e aí, pra trocar de corpo eram quatro lentes, então, passava pra um outro setor, que trabalhava com papel fotográfico, passava pra revisão, pra marcar os erros, devolva pra eles aqui, fazia emenda, era emendado e depois ia pra paginação, naquela época¹². E o telex, as matérias internacionais, antes, vinham por telex, então, o editor marcava ali, tinha que saber o tamanho, marcava todos os erros que tinha, ia pra digitação e ia pra revisão. A maioria dos erros da revisão, dependendo do digitador, tem digitador muito ruim, faz revisão dos erros de digitação. A maioria dos erros eram erros de digitação mesmo, não dava pra reescrever a matéria nesse sistema que veio da década de setenta e depois passou para esse sistema aqui¹³, que foi quando chegou o computador. Fazia prova, pestape, só que saia em papel sulfite, deixou de usar o papel fotográfico. Depois, eu passei muito tempo fazendo só a finalização. Dependendo da importância do texto, quando era uma matéria de uma pessoa importante, aí a gente dividia em duas pessoas, uma acompanhava o original e outra fazia a revisão. E, outra coisa, quando você trabalha há muito tempo na revisão, você lê as letras, mas se você fica muito preocupado em ler a letra, você não entende o conteúdo. Se você for caprichar no texto, você vai ter que ler duas vezes e o importante é que não seja a pessoa que escreveu que revise, que é o que acontece hoje, um desastre total, o vício é o mesmo.”

¹² Figura 1

¹³ Figura 2

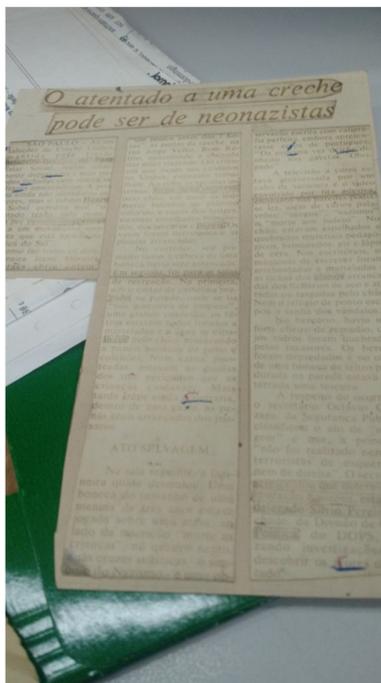


Figura 1 – Página “emendada” pela revisão
 Fonte: Arquivo pessoal – Jornalista 7
 Foto: Samanta Ravazzi – maio/2015.

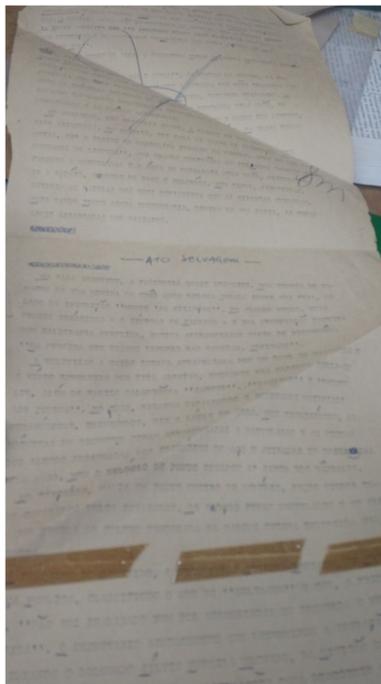


Figura 2 – Página revisada – redação com computadores
 Fonte: Arquivo pessoal – Jornalista 7
 Foto: Samanta Ravazzi – maio/2015.

Os jornalistas entrevistados afirmaram que a revisão é de extrema importância no processo de produção da notícia (destaque para o Jornalista 3, quando diz que “Um erro pode tirar o brilho de uma bela ideia, de uma bela investigação [...]”) e que é função do autor do texto, no mínimo, uma revisão do que escreveu.

Com exceção do Jornalista 2, que afirmou nem sempre conseguir revisar seu texto final, por questão de tempo (embora tenha dito que se esforça para fazer a revisão, quase sempre), todos os entrevistados foram categóricos ao responder que sim, revisam uma ou mais vezes o que lhes cabe (seja sua própria produção ou alheia).

A revisão do texto no papel, e não só na tela do computador, é hábito de todos os jornalistas questionados, bem como uma atenção maior àquilo que “salta aos olhos do leitor”: título, olho, linha fina e legenda.

Embora os entrevistados acreditem que a função do revisor textual não irá “voltar” aos jornais impressos e que o “erro zero” é inatingível, de maneira geral, eles afirmam que, de alguma forma, a revisão precisa ser repensada.

O *deadline* apertado, o excesso de trabalho e o acúmulo de funções na redação influenciam em uma revisão textual mais cuidadosa?

Jornalista 1 – “Eu acho que prejudica, mas eu não acho que deva ser usado como desculpa. Eu sou muito direta em relação a isso. Eu acho assim, trabalhar no limite, você trabalha mesmo, mas eu acho que você tem que reservar um tempo pra revisar e se você não tiver esse tempo, você tem que pedir ajuda pra um colega e falar ‘olha, eu trabalhei 12 horas por dia, hoje, eu to muito cansado hoje, não consigo mais enxergar, por favor, faz uma leitura, nem que seja dinâmica, no meu texto? Porque mesmo na leitura dinâmica, você tira um pouco dos erros, claro que o ideal seria uma leitura silábica, mas parece que as pessoas não têm essa humildade ou não quer incomodar. Eu acho que adiantado da hora, a correria do *deadline*, eu acho que a pressão do tempo, tudo isso influencia e deve ser levado em consideração, mas eu não admito quando eu vou falar com alguém e a pessoa ‘ai, eu tava muito correndo” eu falo ‘nem continua, por que quanto tempo você demora pra fazer a revisão do texto, dez minutos a mais que você vai fazer. Volto a dizer, nunca ninguém vai entregar um texto 100%, o que eu to cobrando, por exemplo, aconteceu em matéria minha, mas, pelo menos, que não tenham 50 erros, que tenham 5, 10, já é uma coisa melhor.”

Jornalista 2 – “O excesso de trabalho... às vezes um número muito grande pautas complexas, porque você pode fazer três matérias num dia, mas só matérias simples, mas você pode fazer uma ou duas que são muito complicadas e que exigem um esforço maior do que se fizesse três, então, o volume de trabalho,

nesse aspecto, na questão da complexidade e isso em política é muito comum, isso é um fator que prejudica. O outro é nosso horário de trabalho, primeiro, a gente tem que seguir regras bastante rígidas, então a gente não pode ficar mais do que sete horas, se não, o jornal não paga e a gente também pode ser responsabilizado e ninguém quer ficar mais tempo ali por questões trabalhistas e por questões também de que chega um momento que a sua capacidade de produção e de atenção, é reduzida por conta do stress. O *deadline*, vou ser bastante honesto, é muito raro a gente ter problema co *deadline* aqui, porque como a gente tem a gráfica própria, isso é um ponto favorável do ponto de vista jornalístico, porque a gente não tem esse problema que muitos veículos encontram por ter esse compromisso de mandar o jornal rodar em determinado horário. O nosso, não é rotina, mas se, eventualmente, precisar segurar até uma da manhã, segura, então se eu disser que é um fator nesse aspecto, não é, mas a jornada de trabalho, o volume de trabalho, sim...”

Jornalista 3 – “Quando há o excesso, sim. Só que o jornalista tem que desenvolver também a capacidade de trabalhar sob pressão, né? Pressão do tempo, pressão de todos os tipos, aliás, pressão política, pressão econômica, pressão da empresa, então esse aprender a trabalhar sob pressão é incluir o não errar no texto, sempre lembrando que o leitor, lá no final, não adianta você escrever ‘olha, leitor, você me desculpa se tiver algum erro, porque ontem eu tinha duas matérias pra escrever, ou três, então, você me desculpa, você não vai poder escrever isso, né? Mas é claro que se houver excesso de trabalho em uma jornada de um dia só, isso vai impactar no texto. Cabe às empresas, aos editores, aos comandantes não deixar que isso aconteça. Em geral, aqui nós não temos esse problema, pode ser que, por circunstâncias que não uma política da empresa, pode ser que num dia um repórter escreva um pouco mais, porque as notícias vão surgindo e a gente não marca a hora com ela, um repórter que já escreveu dois textos num dia, que é a média geral, ele tenha que pegar um terceiro, ali quase na hora de ir embora, porque não tem outra opção, mas são exceções, então isso não serve de justificativa pra média das nossas edições. Aliás, como o tempo, eu percebo que antigamente, o jornalista escrevia mais, em termos de quantidade e hoje escreve menos, talvez por conta disso e depois vieram os pisos salariais, de 5 e de 7 horas, que limitaram um pouco o jornalismo. Quanto ao editor, a revisão não é um acúmulo de função, porque ela faz parte do trabalho do editor, nesse caso, com essa nova mentalidade em que o repórter tem que revisar, mas, mesmo assim, a gente dá essa função ao editor porque é uma chave, é uma garantia, uma segurança a mais, mas, mesmo assim, os erros passam.”

Jornalista 4 – “Falando pela realidade aqui do jornal, há uma preocupação grande em respeito às leis trabalhistas e no caso dos repórteres eu não vejo um excesso. Alguns têm jornadas de cinco horas, outros de sete horas e produzem. Eu participo diretamente dessa distribuição de pautas e sempre tenho a preocupação de que numa pauta original, muitas vezes a gente retira a pauta de um repórter por entender que seria demais. No caso do editor, há sim um acúmulo, mas é um acúmulo, também, que as tecnologias permitiram, mas tem coisas que não vão voltar. Por exemplo, a figura de um revisor é importante, é, mas a tecnologia permite, por exemplo, que o mesmo aparelho que faz a foto, faz o vídeo, então, é um acúmulo de função? Quer dizer, esses relacionamentos precisam buscar um equilíbrio, hoje a tecnologia permite que você faça mais coisas, isso é inegável, o que não pode acontecer é que você faça mais coisas além da sua jornada, além da sua própria capacidade, porque isso vai desembocar, sim, em mais erros.”

Jornalista 5 – “O problema é que esse papel da preguiça do jornalista, ou da displicência em não usar o corretor ortográfico, em não ir no dicionário, em não reler o seu próprio texto, seja por pressa, ou não, tá sobrecarregando os editores, o editor tá virando um revisor. Essa é uma briga minha no jornal, aqui, eu não aceito a ideia de que eu seja revisor, não é uma questão aqui de presunção, de nada, eu não sou responsável pelo erro do outro. O cara é obrigado a me entregar um texto corretamente escrito ortograficamente, sem palavras digitadas erradas, sem problemas de concordância... eu vou editar o texto dele, não revisar, porque aí você desvia o foco de concentração do conteúdo para a revisão e isso é um vício do vício e sobrecarrega o editor. É um repasse branco velado pro acúmulo de funções do editor, um repasse eu é inviável, porque do ponto de vista produtivo é impossível deixar na mão de um cara só.”

Jornalista 6 – “As coisas tem que se encaixar melhor, olhar o texto com o olho do leitor, agora isso, quando as coisas acontecem e a gente tá com o *deadline* apertado e a coisa acontece onze e meia da noite e você tem que enviar o jornal meia noite, é difícil. Aqui a gente ainda não tem muito problema de *deadline* por conta da gráfica, o que pode acontecer quando o *deadline* atrasa muito é que o jornal acaba chegando um pouco mais tarde na casa do leitor e a gente odeia que isso aconteça, porque meia hora é uma chuva de ligações. Só que é nítido que a qualidade do texto que foi feito durante todo o dia, entregue sete horas, revisado no horário, é diferente do texto que o cara entrega dez pra meia noite. Mas, hoje, as redações estão enxutas, as funções estão sendo agregadas, estão sendo mantidas as divisões mais essenciais pra que seja algo de qualidade.”

Jornalista 7 – “Ah, sim, o pessoal tem horário pra fazer, hoje, principalmente, antigamente era mais tranquilo. Nos anos 90, os jornais começaram a pegar várias cidades, então você tem a preocupação de correr, que antigamente não tinha. Com certeza prejudica. Eu, por exemplo, quando eu tenho muita matéria pra fazer, tem matéria que você praticamente passa o olho, só. Quando não tem tempo, capricha no título. Agora, a qualidade do texto, a faculdade é muito ruim, ela não tem essa preocupação, tem gente que sai sem saber regrinha básica de acentuação, então você vê o pessoal vir aqui trabalhar, é um desastre total. As pessoas escrevem textos que não dá pra entender.”

A opinião dos entrevistados sobre o fato do jornalista revisar seu próprio texto é unânime: é dever do profissional. Porém, também é unânime a ideia de que um texto produzido com mais calma e com mais tempo para ser revisado, tende a ter menos erros – logo, o *deadline* apertado, principalmente quando notícias importantes chegam perto do horário do fechamento da edição, atrapalha, mas, não deve ser “usado como desculpa”.

Para o Jornalista 5, muitas vezes a “displicência” dos jornalistas em não passar, ao menos, o corretor automático do Word, acaba deixando para o editor de área a função de revisor, o que gera o acúmulo de trabalho.

Você é (era) o único a revisar seu texto? Se não, qual é o impacto dessa outra revisão?

Jornalista 1 – “Se ele pegar um erro, que bom, acho ótimo, acho fundamental. Eu tenho sempre mania de passar meus textos pra outra pessoa revisar. Acho que essa questão de ego, de você achar que é perfeito em tudo o que faz, só faz com que você erre mais, então, eu acho ótimo que meu texto passe por um outro editor e que ele pegue erros. Bom pra mim, e melhor ainda pro leitor, que vai pegar um texto mais correto. De qualquer jeito, hoje, a gente faz duas revisões, primeiro é uma revisão na tela, depois o editor imprime e revisa no papel. Quando a gente tinha um outro tipo de divisão de editorias, eram separados Geral e Economia, de uns anos pra cá se fundiu. Quando eram essas duas editorias, os editores fechavam mais ou menos no mesmo horário, então eles trocavam as pastas, então um revisava o texto do outro no papel e a quantidade de erros era bem menor, porque a gente vai revisar essas pastas de jornal às onze horas da noite, você já entrou no começo da tarde, tem dia que é maluco, completamente desgastante, você não enxerga direito, mesmo que você faça uma segunda revisão, o risco de ainda sair um erro no título é muito grande, porque você vê uma palavra faltando um ‘s’ bate o olho em uma palavra, você vê o ‘s’ ali. Mas eu não tenho problema com isso, aqui ninguém tem muito problema com isso.”

Jornalista 2 – “Esse diálogo não existe porque a dinâmica que foi instaurada no dia a dia não criou, a não ser que seja algo muito, tipo o nome de alguém errado, mas é difícil acontecer. Então, assim, ou eu percebo no dia seguinte quando eu vou ler a matéria, mas dificilmente, porque não são erros muito grandes, que mudem a construção das orações, então às vezes não é o caso, às vezes o editor muda e eu não percebo, mas eu não vou nem perceber a diferença. Mas, já houve, sim, e eu recebo com muita naturalidade, tranquilidade.”

Jornalista 3 – “Em geral o editor se limita a olhar, até por uma questão hierárquica, talvez, eu dou liberdade, não tenho problema nenhum em acatar sugestões, isso é uma coisa que a gente precisa ter humildade de fazer, principalmente quando a gente tá em posição de comando, não pensar que. Então o pessoal olha, até pelo tempo, basicamente digitação, a gramática, que é importante, que às vezes a gente se equivoca, às vezes, já surgiu assim, tem editor que adota uma vírgula em um determinado local e eu costumo não adotar, surge uma dúvida e tal, então a gente discute...”

Jornalista 4 – “Sempre que eu posso, sim, mando pra algum colega, a gente sempre tenta compartilhar, trocar figurinha, mas nem sempre isso acontece, vai muito da dinâmica da redação naquele momento. É ótimo quando alguém aponta um erro, porque até o último horário, sempre que a gente puder pegar alguma coisa antes, é uma salvação, porque isso não vai chegar na casa do leitor. Quando acham um erro num material seu, é ótimo que achem um erro no material que você escreve, porque isso não chega ao leitor.”

Jornalista 5 – “Eu tenho um hábito, que é chatice minha, como eu sei que um editor vai ler o meu texto, eu peço pra secretaria segurar a página impressa, a contraprova final onde eu sei que o cara anotou os meus erros, porque aí eu vejo onde eu errei e isso vai tirando o vício. Os jornalistas não fazem a pós-revisão, ler o texto depois de publicado, porque se você tiver alguns vícios, você vai identificá-los, pra mim serviu muito.”

Jornalista 6 – “Eu sempre achei positivo, porque nosso trabalho é muito público. Se você é um jornalista que tem qualquer tipo de melindre, um cara que não consegue aceitar um erro ou mesmo que argumenta até o último minuto pra

justificar o erro, o cara não evolui. Eu já tive contato com profissionais que argumentam até o final, porque não consegue aceitar que errou e isso na nossa profissão é impensável porque você faz um trabalho pra 35 mil pessoas apontarem um erro, então, se você tiver qualquer tipo de melindre, vaidade... é errando que se aprende e tem coisa que eu só aprendi errando.”

Jornalista 7 – “Como eu trabalho com a Sheila, ela faz nacional, a gente troca, eu vejo os textos dela e ela vê os meus, mas isso só eu e ela fazemos aqui na redação, mas o título e legenda, apenas. Aceito tranquilamente, mas a regra é a seguinte, se você olhar esse título aqui e achar que não está bom e não tiver outra sugestão, fica na sua.”

Todos os entrevistados disseram que aceitam com naturalidade quando outro colega de redação lhe aponta um erro no texto, pois, o mais importante é que o leitor não receba um jornal com erros. A maioria citou também, a importância de que a revisão de um texto pudesse ser realizada por duas pessoas – o que, na atual dinâmica do jornal, é improvável, mas que colaboraria para a diminuição das falhas.

Para o Jornalista 6, chega a ser impensável o jornalista não conseguir aceitar que errou, pois seu trabalho estará nas mãos de milhares de pessoas, sendo analisado e observado por elas, ou seja, as críticas ao texto, também podem vir por parte dos leitores.

Você já se deparou com algum erro após algum texto seu ser publicado? Ao que você atribui a manutenção do erro?

Jornalista 1 – “Ah, já. É triste, dá vontade de enfiar a cabeça num buraco e... eu não sei se porque eu sou muito perfeccionista, mas eu sofro demais, quando eu cometo um erro ou quando eu deixo passar o erro de alguém, eu sofro mais do que a pessoa que errou. O erro sai porque a gente não enxergou mesmo.”

Jornalista 2 – “Já. Porque às vezes eu não leio e mesmo que a gente leia, ou por já estar esgotado ou por conta do tempo, então, eventualmente passa e aumenta a responsabilidade, é uma obrigação nossa, mas, infelizmente passa, não tem muito o que fazer.”

Jornalista 3 – “Já, até com uma certa frequência, às vezes, até na capa passa um ou outro erro, na capa menos. Tem alguns fatores, que é o menor, o da própria diagramadora, porque eu vou ditando o texto da capa para a diagramadora, então, quando é uma diagramadora melhor, reduz a chance de erro, mas não é só isso. O maior problema que eu sinto é quando não há uma concentração e uma tranquilidade maior, plena, quando a gente está muito disperso ou com um fechamento fechado, por conta de um ou outro fator externo, eu acho que nesses dias, depois que eu analiso o que aconteceu, a probabilidade de erro é muito maior. A capacidade de concentração é fundamental que o repórter desenvolva.”

Jornalista 4 – “Já, eu mesmo já cometi, eu sempre conto esse erro que ficou cômico depois que passou, de uma matéria que não foi revisada por outra pessoa,

de um acidente que um deputado sofreu e eu escrevi que no momento do acidente chovia granito e é granizo. Então, o filho dele ligou e falou 'olha, eu sei que você na gosta do meu pai, mas também não precisa exagerar. Mas é um erro que expõe, depois que passa fica engraçado, mas na hora, você olha o impresso e está lá. O impresso é cruel nesse sentido, porque depois que o erro está lá, ele nunca mais vai ser removido."

Jornalista 5 – “Já. Os que foram vistos eu fiz 'ai', como se tivessem chutado a minha canela, porque você tem que gostar daquilo que você faz... Não interessa se o seu patrão está te pagando bem ou não, o fato é que ele está te pagando alguma coisa para você se expor todos os dias na casa das pessoas e se sua roupa está amarrotada todo dia na rua, não significa que você não é vaidoso, significa que você não tem apreço por você mesmo. Não é questão de vaidade, é no sentido de querer melhor. E me aponte o dedo quem for a Madalena que não tem nenhum vício. Em geral, quando eu mergulho no texto e as ideias vão saindo, ali, curiosamente pode escapar algum erro, porque eu me preocupo com o que eu estou escrevendo e não como eu estou escrevendo."

Jornalista 6 – “Várias vezes, isso acontece direto, é o mais comum. Passa, por conta do acúmulo de trabalho ou porque você está preocupado com outra coisa que está acontecendo e você tem que ficar preocupado com aquilo ali também, eu acho que é uma conjunção de fatores e não em jeito. É necessário pra você aprender e hoje eu faço a separação silábica por conta disso. Eu como leitor, vejo um erro, às vezes, penso 'como o cara errou uma coisa tão básica?', eu acho que quebra um pouco da credibilidade. A gente é pago pra dar algo de qualidade pro leitor. E eu acho legal a humildade de fazer a retificação."

Jornalista 7 – “Nossa, claro. Qualquer pessoa tem muito erro, bastante. É normal mesmo, como dizia o Requena 'a gente faz um livro por dia', então é normal que aconteça. O que não pode acontecer é o erro que interfere no entendimento, se você comer um 'não', por exemplo, inverte todo o entendimento do texto, esse é um erro grave. Agora, uma palavra sem acento, uma letra faltando, é um erro, mas passa. Hoje em dia aumentou muito a quantidade de erros, porque não tem jeito, o editor vai revisar com muito mais pressa."

Todos os jornalistas entrevistados já tiveram textos publicados com erros. Vários foram os fatores apontados por eles, dentre os quais se destacam: “não enxergar mesmo o erro”; falta de concentração; em alguns momentos, preocupar-se demais com o conteúdo e esquecer-se da forma e uma revisão apressada, por questão de falta de tempo.

Já atendeu algum leitor que entrou em contato com o jornal para se reportar sobre um erro no texto? Como é a sua receptividade a esse leitor?

Jornalista 1 – “Todos os dias tem gente que liga. Tem gente que corrige o jornal e a gente percebe que o leitor está cada vez mais crítico em relação a isso; tem gente que manda no comentário de notícia, tem gente que liga e quer falar especificamente com o editor e fala 'olha, ta saindo muito erro, ta absurdo, isso é falta de respeito' e tem gente que no momento da renovação da assinatura fala que

não vai renovar porque a gente ta com muito erro, então a moça passa pra gente, a gente conversa com a pessoa. Ninguém fica sem resposta, a gente escuta a reclamação, dá razão, pode desculpas, explica e a gente conversa com todo mundo.”

Jornalista 2 – “Ai, já aconteceu uma vez, bem no comecinho mesmo. Teve uma vez que eu fiz uma matéria de um caso de *overbooking* de aviões que iam pra São Paulo, saindo daqui no aeroporto e tinha uma pessoa pública que ia nesse vôo e não conseguiu embarcar e eu fui explicar o que era *overbooking* e aí, juro que eu sei que assento de avião é com ‘ss’ e eu escrevi com ‘c’ e passou pela editora e aí fizeram uma comunidade do Orkut pra tirar sarro.”

Jornalista 3 – “Já, sim. Os comentários das notícias vêm direto pra mim e eu, diariamente, reporto aos colegas, tanto do impresso quanto do site. Eu trabalho o dia todo com isso e os leitores se fazem presentes, cada vez mais cobrando, porque tem canais mais abertos e porque eles desenvolveram uma consciência melhor educação melhor, desse ponto de vista é até otimista o processo. Muita gente manda, muitos comentários até aproveitamos nas cartas do leitor e aproveita muito pra corrigir os nossos erros. O meu comportamento diante desses leitores é de total agradecimento e subserviência, ‘olha, muito obrigado, nós vamos corrigir e utilizar isso para aprimorar o nosso trabalho em busca do nosso menor número de erro’, isso é sagrado, isso eu não discuto com o leitor. Às vezes algum leitor faz alguma correção que não é correta a aí eu explico, mas é difícil, o leitor que comenta tem segurança, são leitores mais preparados, a gente agradece muito.”

Jornalista 4 – “Já, várias vezes. Alguns muito educados, outros bem alterados. Já teve caso de um colega que comentou de um outro jornal, de outra cidade, que publicaram uma homenagem a uma pessoa, com data de nascimento e de morte e no dia seguinte, o homenageado ligou e disse ‘olha, eu to vivo’. Imagina dar uma errata dessa? Mas, o retorno pro leitor é fundamental, mesmo pra dizer um não e se você não retorna, gera uma coisa que é muitas vezes pior do que uma crítica, é a indiferença. Imagina um leitor que teve o trabalho de procurar um veículo de comunicação e não ser respondido? Dar retorno a quem procura um veículo de comunicação também é um trabalho de comunicação.”

Jornalista 5 – “Já. Faz tempo, não sei se eles estão preguiçosos ou de saco cheio, mas já tive sim, no período de cartas, um cara chegou a mandar carta ‘seu imbecil, como você escreveu isso?’, chegou a lenha em mim, mas eu peguei e respondi pro cara, agradecendo, que ele teve paciência de chegar na casa dele, ta pagando pela informação e quer uma informação bem checada, verídica, com os n lados, que seja sem opinião, que seja um texto bem construído e aí eu escrevo uma excrescência pra ele. Eu acho legal um cara que ter tido a paciência de consumindo um produto chamado informação, sentar pra responder para você. Eu acho que o jornalista deveria mandar um texto educado e carinhoso, porque o cara ta te ajudando, parou pra te mandar.

Jornalista 6 – “Eu lembro de um erro em que eu escrevi ‘ciúmes’ no plural e um leitor ligou aqui indignado, dizendo que sentimento não tem plural. Eu nunca tive problemas, exatamente por não ter essa arrogância, sempre agradeço, até pra gente ganhar o nosso leitor. Não tem como eu falar ‘olha, quem você pensa que você é, não sabe da minha rotina’. O cara já ta anos-luz na minha frente porque ele está lendo o que eu estou escrevendo, se está errado ou não, o cara ta lendo minha resposta, praticamente básica é muito obrigada, e mesmo se estou certo, eu agradeço, digo que é importante.”

Jornalista 7 – “Ah, sim... Principalmente quando eu trabalhei na pauta, que era de

dia e as pessoas ligavam mais. Eu agradeço, mesmo porque, é uma pessoa que leu... dependendo da área que você tiver, então, por exemplo, a parte de economia, imagina, quem lê economia? Então, você precisa dar atenção.”

Agradecer ao leitor, pedir desculpas pelo erro e jamais deixar alguém sem resposta – essa é a conclusão a que chegaram todos os entrevistados. É fundamental dar atenção ao público e, se ele estiver errado, explicar o porquê. Para o Jornalista 4, inclusive, “Dar retorno a quem procura um veículo de comunicação também é um trabalho de comunicação.”

De acordo com o responsável pelo canal *on line* de comunicação do jornal, Jornalista 3, todos os dias, são muitas reclamações por parte dos leitores que, segundo ele, se fazem cada vez mais presentes, pois “têm canais mais abertos e desenvolveram consciência maior.”

O que o uso de ferramentas tecnológicas de edição de texto (corretor do programa *Word*, por exemplo) provocou na revisão textual?

Jornalista 1 – “Eu sou de uma época da máquina de escrever, então, quando eu comecei a usar computador, pra mim foi ‘nossa, que maravilha, o Word ta me avisando que eu escrevi ‘aspecto’ errado ou que eu escrevi ‘traz’ errado’. Agora, eu não sei como essa moçada lida com isso, sinceramente, eu não sei, talvez se você conversar com um jornalista mais jovem ele pode te falar melhor, porque... pra mim, foi legal, mas, hoje eu não presto muita atenção nas mudanças que o Word me propõe porque é muito ruim, acho que fica muito aquém, até concordância que ta certa, ele pede pra mudar pra errada. Eu acho que o pessoal não leva muito isso em consideração, não, eu acho, posso morder a língua, porque eu não sei. O Word é aquela coisa assim extremamente básica, porque há erros muito básicos, então, por isso que eu acho que pelo menos aquela coisa ‘muito cabeluda’, resolveria, mas é muito básico. Acho que serve de alerta, quando aparece lá o vermelhinho embaixo, você bate o olho e vê que tem alguma coisa ali, eu acho que serve de alerta. Normalmente, muitas vezes você fala ‘não, eu não terminei a frase e ele ta dizendo que ta errado, ele nem sabe o que eu vou falar, deixa eu acabar...”

Jornalista 2 – “Eu acho que você tinha que perguntar isso pra quem tem mais tempo de redação, porque quando eu cheguei, já existia. Eu não peguei a fase pré [risos]. Eu não posso falar pelos meus colegas, mas, como eu falei, eu penso que é essencial uma leitura, uma releitura atenciosa, uma revisão; de fato, o Word não aponta todo tipo de erro, ele pode até te levar ao erro, por ele não reconhecer uma palavra e a palavra estar grafada corretamente, às vezes ele até te confunde, mas, assim, tem que ler, tem que ser feita uma revisão mais cuidadosa, porque tem problemas que o Word não resolve. Agora, e essa é uma orientação do jornal, que todos os repórteres façam uma leitura minuciosa e uma revisão do texto, mas o dia a dia impede que isso aconteça. O Word, por si só, ele ajuda, ele é importante, principalmente pra correção durante, enquanto você escreve, né? Isso é uma

vantagem legal, quer dizer, você não precisa esperar terminar o texto pra apontar o erro, mas, não resolve tudo.”

Jornalista 3 – “Pra mim, quando chegou o Word e o próprio revisor, eu já tinha a preocupação de revisar muito bem o meu texto, então, eu confesso que eu mesmo meio que desdenhei do revisor. Hoje eu uso porque depois você percebe que ele é uma ferramenta a mais e é um balizador pra gente, né? Mas, eu não confio só nele, porque o revisor do Word não é perfeito, no sentido de algumas palavras que ele interpreta como estando certas e na verdade estão erradas, e vice-versa, dependendo do contexto da frase e tal. Depois eu passei a usar, até porque quando aparecem as cores lá ele... ele é revisor gramatical e de ortografia, né as duas coisas? Então, ele é bom pra chamar a atenção da gente, pra gente pelo menos olhar, ver se ele é que ta enganado ou se é a gente, no geral, é a gente que ta, né? Às vezes ele se engana. Não é que ele se engana, ele lê de uma forma diferente. Eu sinto que o impacto não foi tão importante assim, porque são gerações diferentes. Quando não existia o computador, o jornalista, o mundo também, a gente tem que contextualizar tudo, o mundo era menos exigente, o nível de produção não era tão elevado, o jornal tinha menos páginas, a concorrência não era tão acirrada, isso no processo histórico do Brasil, né? Então, nesse outro ambiente, sem o Word, sem o revisor, as condições de trabalho eram até melhores em alguns aspectos, não em todos. [...] No aspecto de escrever um texto, era mais vantajoso, a pressão era menor, a informalidade era maior, a rigidez do processo produtivo era muito menor, era tudo muito mais flexível, então, o texto, naturalmente era mais cuidado pelo autor. Aí vieram as mudanças que a própria era digital acarretaram, né?, e o mundo também mudou, o comportamento das pessoas, o nível de exigência, a produtividade, o ganho, a globalização, tudo isso impactou muito, e a gente se tornou seres atribulados, atarantados, preocupados com mil coisas... [...] Era um outro ambiente, que propiciava mais tranquilidade pro profissional. O mundo mudou, globalizou, a competição se acirrou, a necessidade da busca da excelência acelerou todos os processos e com isso ofereceu-se essa vantagem, essa ferramenta que seria vantajosa, né?, que o revisor permite. Mas, eu acho que, no balanço de perdas e ganhos, a coisa ficou meio que compensada, o revisor, de fato, é uma ferramenta que não pode ser negada, né?, nem deixada de lado, mas eu acho que ele não impacta tanto, não, nessa luta geral, nossa, pra buscar o erro zero, até porque tem jornalista que nem usa e aí já é problema sério, já é preguiça. [...] E a gente orienta pra usar e mesmo assim, tem gente que tem problema de texto e se nega a usar... Aí, cabeças e cabeças, né? Mas é uma ferramenta útil, importante eu acho, ela serve até pra te dar uma visão, até porque se aparecer muita coisinha colorida lá no seu texto é porque não ta bom.”

Jornalista 4 – “Na verdade, existe até dificuldade de incentivar o uso dos revisores automáticos, né? É um expediente que parece eu ficou um pouco banalizado, né? Eu acho que tem sua utilidade, talvez tenha que procurar programas um pouco mais atualizados, a língua é viva, muita coisa muda, mas tem sua utilidade, ajuda, é uma ferramenta que ajuda. É que, normalmente, o que acontece, se você tem uma revisão minimamente atenta, os erros que um revisor automático vai acusar, que existem, o revisor humano já vai pegar porque são erros mais básicos. Agora, um erro ali de fluidez do texto, de texto truncado, isso é um erro também, de coesão, de referência histórica, isso não...”

Jornalista 5 – “[...] Alguns dos ‘danadinhos’ não passam a *** do revisor ortográfico, que é uma ferramentinha que ajuda como colocar um inseticida lá no canto da casa, porque espanta baratinha, entendeu? É preventivo o negócio.

Então, erros de digitação, ele acusa, ‘mal com l’ ou ‘mau com u’, ele acusa, ‘intergeracionais’, se tem hífen, se não tem, se é junto, se é separado, ele acusa, ‘a maioria foram’, ele acusa, mas alguma outra coisa de construção ele não acusa, apostos, tal. Mas, ele traz uma boa estruturação pra reduzir margem de erro, como se fosse dar aquela lapidada geral, assim, aquela limpada no copo, sem passar o Bombril lá na beira da fresta.”

Jornalista 6 – “Eu acho que ela ajuda, na verdade; às vezes atrapalha, o geniozinho que fica lá no Word, ele dá o vermelhinho no lugar errado e às vezes, por pressa ou por uma insegurança que o repórter tem, ele vai e aceita aquela sugestão, mas eu acho que ajuda, sim. Outra questão é de acento, escreveu correndo e não viu o acento; o único medo que eu tenho é, às vezes, ficar meio que refém disso, eu, já cheguei época de não acentuar mais palavras, porque eu já esperava a acentuação. [...] Eu acho que ajuda sim, apesar de eu achar um aliado pequeno e não dá pra confiar tanto nessa tecnologia, ainda, eu acho que você tem que ficar atento, sim. Uma coisa que eu sempre oriento os repórteres é assim, acabou de fazer o texto, o dia que não der pra você fazer nada de revisão, dá uma selecionada e põe lá: ‘verificar ortografia e gramática’, que às vezes pega coisinhas ali que você não viu, nem reparou que estavam lá, tipo aqui dois espaços, coisinhas pequenas que nem são erros, são coisinhas bobas. Não acho que atrapalha, acho que você não tem que ficar refém, falar ‘não, hoje em dia eu não vou mais usar acento, usar vírgula porque o Word vai me explicar’, isso não pode.”

Jornalista 7 – “Ajuda, imagina. Mesmo porque você vê, sem o Word, é isso aqui [mostrando páginas de quando trabalhava na área de revisão] ou pior, tem texto aqui muito pior. Então, quer dizer, se tivesse o Word naquela época, não viria texto assim, né? Então, ele limpa bem, o problema é que se você não olhar bem o que ele está corrigindo, pode ser absurdo, né? Mas, certamente, melhora muito. Hoje seria quase que um digitador.”

O corretor automático de editores de texto é muito básico, mas serve como um tipo de “alerta” e ajuda muito na hora de escrever, segundo todos os jornalistas consultados. Porém, é necessário não ficar “refém” dessas ferramentas, como afirma o Jornalista 6, e confiar totalmente no que elas apontam – pois podem estar equivocadas e até confundir o produtor do texto.

Esses mecanismos auxiliam a reduzir a margem de erro, mas ainda há muitos jornalistas que não usam sequer esse procedimento, conforme grande parte dos entrevistados afirmou.

Depois de analisar as entrevistas em profundidade realizadas com jornalistas atuantes no jornal impresso diário – e as considerações preliminares comprovarem que, na maioria dos aspectos, em relação à questão de qualidade de texto, não há quase divergências de opinião e/ou de posturas frente à produção textual – houve a

necessidade de cruzar as opiniões desses entrevistados com jornalistas que atuam (ou atuaram) como revisores textuais no jornalismo impresso.

A amostra, nesse caso, é um pouco menor, haja vista que a quantidade de jornalistas que ainda exercem essa função é escassa – fato comprovado pela necessidade de deslocamento até a cidade de São Paulo para a realização das entrevistas com os revisores. As tabelas abaixo exibem a seleção da amostra (Tabela 7) e as respostas obtidas nas entrevistas (Tabela 8). As perguntas foram as mesmas realizadas aos jornalistas atuantes, a fim de que, posteriormente, as respostas fossem cruzadas.

Tabela 7 – Jornalistas revisores entrevistados

JORNALISTA	IDADE	FORMAÇÃO ACADÊMICA	TEMPO DE PROFISSÃO	FUNÇÃO ATUAL
Jornalista 8	56 anos	Superior – Jornalismo	30 anos	Revisor
Jornalista 9	56 anos	Superior – Jornalismo	12 anos (nessa área)	Revisora
Jornalista 10	76 anos	Superior Incompleto – Direito	50 anos	Revisor

Tabela 8 – Entrevistas em Profundidade – Jornalistas revisores¹⁴

Como é (era) sua rotina de revisão textual – quais passos você segue (seguia) para revisar o seu texto (ou o texto que lhe coube revisar)?
Jornalista 8 – “Leio o texto uma primeira vez, já fazendo a revisão, e depois leio novamente para ver se não passou algum erro.”
Jornalista 9 – “Bom, primeiro, nossa rotina é assim, primeiro a gente passa, existe o corretor, né? Então, primeiro a gente dá uma passada no corretor pra tirar o grosso, porque o corretor pega só erro de ortografia. E, depois, a gente vai lendo. A gente lê, certo? Então, nós somos os três, os três leem o mesmo texto. Ainda mais porque os editoriais a gente não, praticamente não pode errar. Então os três leem, porque os olhos enganam, às vezes, então, se eu deixar passar alguma coisa, a Érica pega ou o Dráuzio pega. Entendeu? Então, os três leem o mesmo texto. E, se a gente tem dúvida, a gente conversa, a gente discute, a gente pesquisa. Nós

¹⁴ Tabela dividida em 06 partes, com comentários subsquentes às perguntas/respostas apresentadas pelos entrevistados.

temos livros de gramática ou pela internet, o dicionário, sabe, porque a gente ainda não dispensa o dicionário de papel, tá? Então é assim que funciona.”

Jornalista 10 – “Eu tenho ojeriza a computador [...] Assim, com muita atenção, seguindo aí o ensinamento do Lobato [risos] e faço a revisão, eu fico bem concentrado. Consulto muito dicionário, eu ponho na cabeça o seguinte: eu não sei nada, é o dicionário quem vai me dizer. Então, eu sempre recorro, trabalho com o Houaiss, o outro... Isso, o Aurélio do lado. Dicionário de verbos e regências, dicionário de regência nominal, isso eu consulto. E eu gostaria que todos os revisores fossem como eu, porque a minha revisão é certa, é séria. Ortografia, insisto, em dúvida eu consulto o dicionário. Ortografia, regência verbal, tá ali o dicionário do... O Luft, tá sempre ao meu lado, eu vejo coerência, coesão do texto, tudo de uma vez só. Outra coisa também, eu procuro ser bastante ético e respeito muito o redator. Tenho um respeito enorme pelo redator, qualquer emenda que eu faço e que possa vir a contrariar o redator, isso não vai existir porque eu consulto. Se ele quiser que fica daquele jeito, terminou o assunto, sai daquele jeito. [...] Nós somos quatro revisores. Os quatro fazem revisão do que aparecer, principalmente das páginas do Diário Oficial, aquelas quatro a que eu me referi e esses livros de natureza jurídica que vem muito lá. [...] Aí passa pelo crivo da chefia, ela aceita ou não as emendas que eu faço.”

A revisão textual é considerada essencial pelos três revisores, que leem mais de uma vez e consultam dicionários e/ou manuais de redação, para que o texto possa ter o mínimo de inadequações possível.

O *deadline* apertado, o excesso de trabalho e o acúmulo de funções na redação influenciam em uma revisão textual mais cuidadosa?

Jornalista 8 – “Sim. Influencia, mas não como era anteriormente. O fato de a revisão não abranger mais todo o jornal acaba tornando menos corrido o serviço. Eu, por exemplo, sou responsável pela revisão da primeira página do jornal, além de outras atividades.”

Jornalista 9 – “Pra nós, aqui, não. E, sei lá, eu acho que isso é um pouquinho de desculpa. [risos] Esfarrapada. Porque, às vezes, tem jornalista assim que não passa nem sequer o corretor. Nossa, assim, uns erros grosseiros de ortografia! Se ele perdesse, assim, um minutinho, trinta segundos, pra ele passar o corretor, ele vai ver que tá errado, né? Não digo uma revisão mais apurada, mas, pelo menos, a de ortografia, com o corretor. Então eu acho que é meio que desculpa.”

Jornalista 10 – “Não, não, não. Não, eu acho que vai muito da eficiência do profissional. Eu não quero falar mal dos colegas não, mas... é... por exemplo, muitos deles passam uma semana na revisão de um livro, me perguntam muito, eu sou uma espécie de consultor lá, tenho um trabalho de consultor. Me perguntam muito. Sempre com delicadeza, diplomacia e atenção, eu respondo, me interessando, também. Mas, eu, por exemplo, eu pergunto muito pouco...”

De acordo com dois dos jornalistas entrevistados, o *deadline* apertado não pode ser utilizado como desculpa para uma revisão textual minuciosa, enquanto que

um deles disse que a pressão do tempo influencia, sim, mas não como era anteriormente.

Você é (era) o único a revisar seu texto? Se não, qual é o impacto dessa outra revisão?

Jornalista 8 – “Atualmente, sou o único a fazer a revisão dos textos da primeira página. Até o início dos anos 90, quando havia uma equipe de revisão, o trabalho era feito em duplas. Uma pessoa lia para a outra o texto que havia sido digitado tomando como base outro datilografado pelo redator. O outro revisor acompanhava pelo original e ajudava na revisão.”

Jornalista 9 – “Eu mesma sempre fui responsável pelo meu texto.”

Jornalista 10 – “Sim, eu sempre revisei. [algumas pessoas não aceitam muito a revisão alheia] Mas eu respeito muito a pessoa que escreveu.”

Os três entrevistados afirmaram que são os últimos a revisar os textos pelos quais são responsáveis.

Você já se deparou com algum erro após algum texto seu ser publicado? Ao que você atribui a manutenção do erro?

Jornalista 8 – “Sim. O motivo foi distração ou, no início da carreira, por desconhecimento de alguma regra gramatical.”

Jornalista 9 – “Já. Aí, a gente é chamada imediatamente, porque aqui é o único lugar que se a gente errar, aí no dia seguinte a gente já é chamada. [a gente responde] Ao editoralista. Ao diretor de opinião, que é o Antonio Carlos Pereira. Se a gente deixar passar alguma coisa assim, muito... faz tempo já [risos] que a gente não é chamada. [isso acontece] Ah, sei lá... Alguma distração...”

Jornalista 10 – “Não. Só se eles não fizeram a emenda, mas eu acredito que, vamos supor, 99% é de acerto nas minhas revisões.”

Dois jornalistas disseram que sim, já se depararam com erros após a publicação de seus textos e atribuíram esse fato principalmente à distração. Um dos entrevistados disse que isso nunca ocorreu com ele.

Já atendeu algum leitor que entrou em contato com o jornal para se reportar sobre um erro no texto? Como é a sua receptividade a esse leitor?

Jornalista 8 – “Sim. Recebemos a manifestação dos leitores normalmente por e-mail. Na resposta, pedimos desculpas pelo erro, agradecemos a colaboração do leitor e, se for o caso, informamos as providências que serão tomadas.”

Jornalista 9 – “A gente atender, não. Algum email, que alguém mandou, fazendo... do editorial. Mas, teve um que eu não concordei. A gente não responde. Mas, foram

poucos.”

Jornalista 10 – “Não, nunca houve. Ao contrário, eu soube que a revisão do Diário Oficial é muito bem aceita, muito elogiada.”

Apenas um jornalista atendeu leitores que se reportaram ao jornal para falar sobre erros e, segundo ele, a medida adotada é sempre agradecer e pedir desculpas pelo acontecido.

O que o uso de ferramentas tecnológicas de edição de texto (corretor do programa *Word*, por exemplo) provocou na revisão textual?

Jornalista 8 – “Ajudou principalmente nos alertas que faz sobre erros de digitação, grafia e de concordância. Esses corretores, porém, ainda não substituem o trabalho de um revisor. Eles não identificam, por exemplo, o sentido das frases, o que faz com que marquem como erradas acentuações ou pontuações que na verdade estão corretas.”

Jornalista 9 – “[Eu acho que criou até um certo comodismo dos jornalistas] Eles relaxam, né? ‘Ah, o corretor não deu errado.’ Mas, não quer dizer que não esteja errado. [...] Então, quando eu comecei a trabalhar aqui eu achava que sabia, mas eu não sabia nada. Não, você não sabe português. Você aprende quando você começa a ler com outros olhos. E muita pesquisa, muito... Às vezes, mesmo que é uma coisa que você já sabe, mas mesmo assim a gente olha, confirma. Você aprende muito. Eu gosto muito de revisão.”

Jornalista 10 – “Ajuda pela pressa, né? Pela rapidez, mas não é tão perfeito o trabalho como o de uma pessoa que leu aquele trabalho atenciosamente. Se a pessoa vai consultar o Facebook na ortografia de uma palavra, ou no nome correto de uma repartição do governo, pode até encontrar uma informação ali errada. Eu não confio muito no dicionário do computador, eu confio no do Aurélio, no Houaiss. Eu acho que esses revisores de internet não têm muito preparo, não... Tanto é que eles não vão perceber se aquela oração, aquela frase, tem coesão, tem coerência, certo?”

Todos os revisores entrevistados apontaram pontos positivos em relação às ferramentas tecnológicas de revisão textual, mas, de uma maneira ou de outra, frisaram que os produtores de texto não podem se acomodar e nem confiar inteiramente nessas ferramentas.

Ao cruzar as respostas obtidas em todas as entrevistas, nota-se que a questão da qualidade do texto é de extrema relevância para todos os jornalistas e que a visão que profissionais responsáveis pelo próprio texto e revisores têm em

relação à importância da revisão é basicamente a mesma: há muitas falhas que precisam ser sanadas.

É importante ressaltar que todas as entrevistas em profundidade foram editadas a fim de que apenas os pontos relevantes figurassem neste trabalho, exceto a do Jornalista 8, que foi realizada via troca de e-mails pessoais.¹⁵ Além disso, houve necessidade de edição, pois há uma cláusula de sigilo no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice B) assinado pelos entrevistados – por esse motivo, o e-mail do Jornalista 8 também não está inteiramente referenciado.

A íntegra das demais entrevistas em profundidade encontra-se ao final desse trabalho (Apêndice D) em material de áudio (CD). Julgou-se que essa maneira fosse a mais viável para o acesso completo ao material sem as edições, já que a impressão de trechos considerados desnecessários pela pesquisadora (mas que possam interessar a outras pessoas) figuraria, além de fragmentos sem ligação estrita com a pesquisa, uma ação que não condiz com o cenário de responsabilidade ambiental atual.

¹⁵ _____. **Colaboração Trabalho de Conclusão de Curso** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por samantaravazzi@yahoo.com.br em 08 abr 2015.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora tenha tido seu fim sentenciado muitas vezes, o fato é que o jornal diário figura entre as fontes mais confiáveis de informação. Seja pelos séculos de tradição ou pelo valor que a palavra impressa parece transmitir, o jornalismo impresso que circula diariamente conquistou status de credibilidade perante seu público leitor.

Essa credibilidade também tem ligação estreita com a maneira como se dá a transmissão das informações. Se o leitor não encontra dificuldades ao ler o que está escrito no jornal, a compreensão eficaz e a legibilidade contribuem para manter a boa reputação do veículo e também dos jornalistas que ali trabalham. Porém, o contrário também é verdadeiro – se o leitor encontra problemas de ortografia ou frases confusas, por exemplo, o processo comunicacional tende a ser prejudicado e a credibilidade conquistada, com o tempo, pode ser afetada.

Para buscar compreender melhor o cenário do jornalismo impresso em relação ao seu texto, esta pesquisa teve como objetivo realizar um estudo exploratório sobre a extinção da figura do revisor nos jornais impressos diários e suas consequências, focando na importância da revisão e nas possíveis perdas de qualidade desse texto. A análise das ferramentas e instrumentos de revisão textual e o contexto atual das redações – tendo como corpus o *Jornal da Cidade*, de Bauru – também orientaram a linha da pesquisa.

Traçado o objetivo, algumas hipóteses foram levantadas, como o fato do editor ter uma sobrecarga de trabalho, assumindo, muitas vezes, o papel de revisor, e a possibilidade de que a incorporação de ferramentas tecnológicas de revisão não teria resultado em manutenção de qualidade textual.

Após um longo período de estudos bibliográficos e de estudo de caso (que teve início em agosto de 2014, com a aprovação desta pesquisa por meio do Programa Voluntário de Iniciação Científica (PIVIC) da Universidade Sagrado Coração), alguns pontos ficaram muito claros e serão explicitados a seguir.

Os objetivos desta pesquisa foram alcançados integralmente e trouxeram com eles várias outras hipóteses – e também constatações – que não haviam sido pautadas no início do trabalho. De fato, a revisão textual no jornalismo impresso

diário é fator indiscutível quando se fala em texto de qualidade (qualidade, aqui, representada pela compreensão efetiva das informações e da leitura sem grandes problemas de decodificação). Porém, a extinção da função do jornalista revisor nas redações não é um fator preponderante para a manutenção dessa qualidade.

Isto começou a se evidenciar quando, durante o percurso metodológico, percebeu-se a necessidade de analisar mais profundamente textos do *Jornal da Cidade*, a fim de colher evidências concretas das hipóteses levantadas e das questões apontadas pelos jornalistas entrevistados.

Nessa análise (que ocorreu pela observação direta de duas edições publicadas em um período no qual havia revisão textual e de duas atuais, sem interferência de um setor específico de revisão, conforme detalhado no capítulo 5), ficou claro que a quantidade de inadequações não diverge significativamente quando comparamos os dois contextos.

É importante frisar que as considerações são limitadas a quatro edições e que para um estudo mais técnico e científico, que foge dos objetivos desta pesquisa, haveria necessidade de uma amostra maior. Acrescenta-se que a delimitação dessas inadequações não foi puramente objetiva e deu-se pelo critério de legibilidade utilizado por esta pesquisadora, que optou por apontar desvios que prejudicassem a primeira leitura e que pudessem levar o leitor a reler o texto.

Exceto por uma edição, a de nº 16.472, de 19 de maio de 2015, que apresentou 93 inadequações textuais, as outras três edições analisadas mantiveram a média de 74,3 desvios. Com base nesses números, pode-se afirmar, então, que, embora o número seja alto, não há diferenças relevantes quanto à quantidade de inadequações encontradas nas publicações analisadas, tenham elas passado ou não pela revisão de um profissional específico.

Desse modo, a hipótese de que a ausência da figura específica do revisor textual e que incorporação de ferramentas de edição ao cotidiano das redações tenham colaborado para a incorporação e/ou manutenção de desvios textuais no jornal impresso diário não se confirmou.

Considerando-se a especificidade dos desvios, notou-se que a coesão e a redundância textual foram as inadequações mais encontradas nas análises dos textos (65 e 61 ocorrências, respectivamente). Esse tipo de problema está muito

mais relacionado à estilística e a elementos intrínsecos de construção do texto do que propriamente às questões básicas de ortografia e/ou concordância, que seriam facilmente detectados e retificados pelo revisor (seja ele um jornalista ou uma ferramenta tecnológica).

As questões, então, são muito mais profundas do que os objetivos e as hipóteses deste trabalho esperavam demonstrar – e isso enriqueceu e colaborou para que esta pesquisadora ampliasse e, de certo modo, modificasse sua visão sobre os problemas de qualidade do texto do jornalismo impresso.

Não que os resultados da pesquisa apontem para que se possa prescindir totalmente da figura do revisor textual, como já ocorre na maioria dos veículos impressos. Embora a realidade instaurada seja de ausência dessa função, o revisor ainda se faz importante, principalmente para páginas que “atraem” o público e que possam chamar a atenção do leitor (levando, assim, ao aumento e/ou manutenção de vendas do jornal), como é o caso da capa e das páginas de opinião, por exemplo.

Porém, nem o mais competente e ágil setor de revisão textual poderia sanar os problemas apresentados pelos textos analisados. Primeiramente, porque a revisão minuciosa de um jornal completo é extremamente demorada – tomando esta pesquisadora como base, foram necessárias cerca de cinco ou seis horas para analisar cada edição. Em um contexto como o atual, no qual a rapidez e agilidade das informações se fazem necessárias na produção de um jornal impresso diário (somadas ao tempo escasso da jornada de trabalho e a um ambiente sobrecarregado), seria praticamente impossível que uma ou duas pessoas conseguissem revisar todo o conteúdo produzido.

Outra razão pela qual o revisor não repararia todos os problemas encontrados é que esses reparos demandariam modificações na estilística do texto, ou seja, seria necessário, muitas vezes, que o trecho fosse reescrito, comprometendo, inclusive, a questão de autoria e/ou intenção do que foi escrito.

O olhar sobre a qualidade textual desta pesquisadora, na condição não só de estudante de jornalismo, mas também de bacharel e licenciada em Letras, aponta para uma questão que envolve a educação básica brasileira e também os cursos universitários de jornalismo.

Os problemas detectados no estudo de caso mostraram-se anteriores ao exercício da profissão. Espera-se que o profissional de jornalismo seja capacitado para redigir um texto coeso e que não apresente dificuldades por parte de quem o lê, e isso é (ou deveria ser) fomentado durante todo o período escolar básico, ensino fundamental e médio. O que se nota, de maneira geral, é, portanto, uma falha no processo educacional brasileiro, que permite que o aluno termine seus estudos com déficits e sem as habilidades consideradas básicas para uma efetiva comunicação escrita.

Ao não conseguir cumprir essa função, o ensino básico, por sua vez, “empurra-a” para os cursos superiores enquanto a universidade espera que o aluno chegue preparado em relação à questão da linguagem escrita.

Outro ponto que deve ser levado em consideração é que a graduação em jornalismo não propicia grandes espaços para a prática textual. Na maioria das universidades brasileiras, o conteúdo das disciplinas é extenso e, além disso, a ausência de uma disciplina específica de produção textual, que vá além das matérias laboratoriais, pode colaborar para a manutenção de inadequações no momento da escrita.

Nesse cenário de indefinição de competências, ainda é preciso ressaltar a falta ligação entre as universidades e o mercado de trabalho. Muitas vezes, as questões do cotidiano de uma redação não são contempladas no ensino superior e a parceria entre a graduação e o ambiente corporativo não acontece, de fato.

É importante esclarecer que essa visão crítica não se dirige propriamente ao curso de Jornalismo da USC, mas sim ao contexto geral que está delineado atualmente. Além disso, o mercado de trabalho tem sua parcela de “culpa” nesse cenário, já que não oferece praticamente nenhuma opção para a melhoria dos textos de seus profissionais, como oficinas de estilística – uma vez que eles já estão no ambiente de trabalho, não há mais nada que se possa fazer em relação à formação anterior.

A contribuição essencial dessa pesquisa, portanto, foi estabelecer os pontos tidos como essenciais para a produção e manutenção de um texto de qualidade no jornalismo impresso diário. Mesmo que as conclusões tenham indicado razões mais profundas para a resolução desses problemas, acredita-se que a reflexão suscitada

por este estudo possa colaborar para a busca de melhorias nos quesitos legibilidade e compreensão de informações na produção do jornal impresso.

Como contribuição extra, sugere-se que a questão de compreensão textual seja analisada em conjunto pelos setores de educação básica, de ensino superior e das empresas de comunicação. Um projeto constante que envolva esses três setores de maneira que cada um deles possa colaborar com aquilo que é de sua competência e interesse poderia ser uma primeira ação concreta para a melhoria dos textos dos profissionais do jornalismo e, conseqüentemente, para a elevação da qualidade das produções jornalísticas de uma maneira geral. Além disso, sugere-se, também, que um jornalista possa ser designado como revisor de capas e das páginas de opinião, a fim de que essas páginas, os carros-chefe do jornal, possam se aproximar do “erro zero”

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAHIA, Benedito Juarez. **História, jornal e técnica**: história da imprensa brasileira, volumes 1 e 2. Rio de Janeiro: Mauad X, 2009.

BARROS, Antonio Teixeira de; JUNQUEIRA, Rogério Diniz. A elaboração do projeto de pesquisa. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisas em comunicação**. 2.ed. São Paulo: Editora Atlas S.A., 2010.

BRASIL. Decreto nº 83.284, de 13 de maio de 1979. Dá nova regulamentação ao Decreto-Lei nº 972, de 17 de outubro de 1969, que dispõe sobre o exercício da profissão de jornalista, em decorrência das alterações introduzidas pela Lei nº 6.612, de 7 de dezembro de 1978. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 13 mar 1979. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/Antigos/D83284.htm> Acesso em 15 mai 2015.

BRASIL. Página de informações sobre atividades do Governo Federal. Anúncio do Plano Real. <http://www.brasil.gov.br/governo/2010/10/anuncio-do-plano-real> Acesso em 15 mai 2015.

COHEN, Ilka Stern. Diversificação e segmentação dos impressos. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tânia Regina de. **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2011.

DEJAVITE, Fábila Angélica; MARTINS, Paula Cristina. **O revisor de texto no jornal impresso diário e seu papel na sociedade de informação**. Disponível em: http://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_comunicacao_inovacao/article/view/649/0 . Acesso em 14 nov 2014.

DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisas em comunicação**. 2.ed. São Paulo: Editora Atlas S.A., 2010.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisas em comunicação**. 2.ed. São Paulo: Editora Atlas S.A., 2010.

DUARTE, Marcia Yukiko Matsuuchi. Estudo de caso. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisas em comunicação**. 2.ed. São Paulo: Editora Atlas S.A., 2010.

ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. Imprensa a serviço do progresso. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tânia Regina de. **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2011.

ERBOLATO, Mario L. **Técnicas de codificação em jornalismo**. Redação, captação e edição no jornal diário. São Paulo: Editora Ática, 2002.

————— **Dicionário de propaganda e jornalismo**: legislação, termos técnicos e definições de cargos e funções, abrangendo as atividades das agências de propaganda e do jornalismo impresso, radiofônico e de televisão. Campinas: Papyrus, 1985.

_____ **Jornalismo Gráfico:** Técnicas de produção. São Paulo: Edições Loyola, 1981.

FONTANELLI, Marina de Mello; LOSNACK, Célio José. In: Intercom – XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2013, Manaus. **Cobertura Jornalística do golpe de 1964: os jornais Diário de Bauru e Correio da Noroeste.** Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2013/resumos/R8-1419-1.pdf>. Acesso em 20 mai 2015.

FOLHA DE SÃO PAULO. Página do jornal Folha de São Paulo. Coluna Rubens Ricupero. <http://www1.folha.uol.com.br/colunas/rubensricupero/?mobile> Acesso em 15 mai 2015.

GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide:** para uma teoria marxista do jornalismo. v.6. Florianópolis: Insular, 2012 (Série Jornalismo a Rigor).

GLOBO Comunicações e participações S.A. Rio de Janeiro: 2011. Apresenta princípios editoriais da empresa de comunicação. Disponível em <http://g1.globo.com/principios-editoriais-do-grupo-globo.html#principios-editoriais>. Acesso em 07 nov 2014.

HRAC-USP. Desenvolvido pelo Serviço de Comunicação HRAC-USP. Página com informações sobre o Hospital de Reabilitação de Anomalias Craniofaciais. Disponível em: <http://www.centrinho.usp.br> Acesso em 18 mai 2015.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Página com informações sobre dados das cidades brasileiras. Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=350600&search=||infogr%E1ficos:-informa%E7%F5es-completas>. Acesso em 18 mai 2015.

LAGE, Nilson. **Linguagem jornalística.** 7 ed. São Paulo: Editora Ática, 2003.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas.** O livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. Barueri: Manole, 2004.

LOSNACK, Célio José. In: Intercom - XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2011, Recife. **O jornalismo e a cidade.** Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/R6-2481-1.pdf> Acesso em 20 mai 2015.

MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tânia Regina de. **História da Imprensa no Brasil.** São Paulo: Editora Contexto, 2011.

MARTINS, Ana Luiza. Imprensa em Tempos de Império. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tânia Regina de **.História da Imprensa no Brasil.** São Paulo: Editora Contexto, 2011.

MELO, José Marques de. **História Social da Imprensa.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003. (Coleção Comunicação).

_____ **História do Jornalismo:** Itinerário crítico, mosaico contextual. São Paulo: Paulus, 2012. (Coleção Comunicação).

MARCONDES FILHO, Ciro. **Comunicação e jornalismo**. A saga dos cães perdidos. São Paulo: HackerEditores, 2000.

MEDINA, Cremilda. **Notícia, um produto à venda**: jornalismo na sociedade urbana e industrial. 2 ed. São Paulo: Summus, 1988 (Novas buscas em comunicação; v.24).

MOREL, Marco. Os primeiros passos da palavra impressa. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tânia Regina de. **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2011.

NOBLAT, Ricardo. **A arte de fazer um jornal diário**. 4 ed. São Paulo: Contexto, 2003 (Coleção comunicação)

PENA, Felipe. **Teoria do Jornalismo**. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2012.

PEREIRA JR., Luiz Costa. **Guia para a edição jornalística**. Petrópolis: Editora Vozes, 2006 (Coleção Fazer Jornalismo)

RIBEIRO, Ana Elisa. In: XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2009, Curitiba. **Revisão de textos e “diálogo” com o autor: abordagens profissionais do processo de produção e edição textual**. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-2050-1.pdf> . Acesso em 13 nov 2014.

RIZZINI, Carlos. **O jornalismo antes da tipografia**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1977.

SILVA, Naiana Rodrigues da. In: 7º Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho “Mídia Alternativa e Alternativas Midiáticas”, 2009, Fortaleza. **Da extinção do copidesque ao jornalismo multimídia – como as novas tecnologias transformam o modo de produção jornalística**. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/7o-encontro-2009-1/Da%20extincao%20do%20copidesque%20ao%20jornalismo%20multimidia.pdf> . Acesso em 14 nov 2014.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Sociedade da Informação ou da Comunicação?** São Paulo: Editora Cidade Nova, 1996.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1966.

SCHUDSON, Michael. **Descobrimos a notícia**: Uma história social dos jornais nos Estados Unidos. Tradução Denise Jardim Duarte. Petrópolis: Editora Vozes, 2010 (Coleção Clássicos da Comunicação Social)

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo**: porque as notícias são como são. 2 ed. Florianópolis: Insular, 2005.

VIANNA, Ruth Penha Alves. **A informação da imprensa brasileira**. São Paulo: Edições Loyola, 1992.

VILLAMÉA, Luiza. Revolução Tecnológica e reviravolta política. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tânia Regina de. **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2011.

_____. **Colaboração Trabalho de Conclusão de Curso** [mensagem pessoal].
Mensagem recebida por samantaravazzi@yahoo.com.br em 08 abr 2015.

APÊNDICES

APÊNDICE A – AUTORIZAÇÃO PARA PESQUISA



AUTORIZAÇÃO

A Professora Mestra Daniela Pereira Bochembuza vem solicitar a João Elias Jabbour a autorização para realizar a pesquisa "O impacto da extinção da figura do revisor no jornalismo impresso diário: um estudo sobre o texto do *Jornal da Cidade*", a ser desenvolvida no *Jornal da Cidade*, localizado na Rua Xingu – número 4044 - Alto Higienópolis, Bauru, em 2015. O objetivo é realizar pesquisa em arquivos e/ou entrevistas/grupos focais para identificar o impacto da extinção da função de revisor textual e seus impactos no texto do jornal impresso diário. Terá como pesquisadora a aluna Samanta Ravazzi, do curso de Jornalismo da Universidade Sagrado Coração.

Aproveitamos o ensejo para renovar nossos votos de estima e consideração.

Atenciosamente,

Daniela Pereira Bochembuza

Profª. Ma. Daniela Pereira Bochembuza

Pesquisadora Responsável

Samanta Ravazzi

Samanta Ravazzi

Aluna Orientada

João Elias Jabbour
De acordo,

João Elias Jabbour

Cargo: Diretor de Redação *Jornal da Cidade*

Bauru, 29 de 01 de 2015

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título do projeto: O impacto da extinção da figura do revisor no jornalismo impresso diário: um estudo sobre o texto do Jornal da Cidade

Endereço completo e telefone: Rua Irmã Arminda, 10-50 - Jardim Brasil, Bauru - SP, 17011-160 - (14) 2107-7000

Pesquisador responsável: Samanta Ravazzi

Orientador do Projeto: Prof. Ma. Daniela Pereira Bochembuzo

Local em que será desenvolvida a pesquisa: Centro de Ciências Exatas e Sociais Aplicadas (CCESA) – Campus Universidade Sagrado Coração

Resumo: Esta pesquisa é uma contribuição voluntária, livre de qualquer recompensa aos participantes. O objetivo é analisar a rotina de revisão de textos dos jornais impressos diários. A pesquisa será realizada através de entrevistas e/ou grupos focais compostos por jornalistas que já exerceram a função de revisor de texto e também por aqueles que atuam nos jornais atualmente, sem a figura específica do revisor textual.

Eu, _____, entendo que as informações obtidas através dessa pesquisa serão confidenciais. Também entendo que os registros da pesquisa estão disponíveis para revisão dos pesquisadores. As identidades serão preservadas e não serão publicadas; desta forma, consinto na publicação dos dados coletados para propósitos científicos.

Direito de Desistência

Eu entendo que estou livre para recusar minha participação neste estudo ou para desistir a qualquer momento e que a minha decisão não me afetará adversamente ou causará perda de benefícios para os quais eu poderei ser indicado.

Consentimento Voluntário

Eu certifico que li ou foi-me lido o texto de consentimento e entendi o conteúdo. Uma cópia deste formulário ser-me-á fornecida. Minha assinatura demonstra que concordei livremente em participar deste estudo.

Assinatura do participante da pesquisa: _____

Data: _____

Eu certifico que expliquei a(o) Sr. (a) _____, acima, a natureza, o propósito, benefícios e possíveis riscos associados à sua participação nesta pesquisa, que respondi todas as questões que me foram feitas e que testemunhei assinatura acima.

Assinatura do Pesquisador Responsável: _____

Data: _____

APÊNDICE C – INSTRUMENTO DE PESQUISA



Instrumento de Pesquisa - Projeto “O impacto da figura do revisor no jornalismo impresso diário: um estudo sobre o texto do Jornal da Cidade”

Pesquisadora: Samanta Ravazzi

Orientadora: Prof. Ma. Daniela Pereira Bochembuzo

Público alvo das entrevistas: Jornalistas em atuação; Jornalistas ex revisores textuais

Perguntas-base para a entrevista

1. Nome completo e idade
2. Formação acadêmica
3. Tempo de profissão
4. Experiência profissional (veículos nos quais trabalhou, quanto tempo)
5. Área de atuação
6. Como é (era) sua rotina de revisão textual – quais passos você segue (seguia) para revisar o seu texto (ou o texto que lhe coube revisar)?
7. O *deadline* apertado influencia na revisão textual?
8. O excesso de trabalho e o acúmulo de funções na redação influenciam em uma revisão textual mais cuidadosa?
9. Você é (era) o único a revisar seu texto? Se não, qual é o impacto dessa outra revisão?
10. Você já se deparou com algum erro após algum texto seu ser publicado? Ao que você atribui a manutenção do erro?
11. Já atendeu algum leitor que entrou em contato com o jornal para se reportar sobre um erro no texto? Como é a sua receptividade a esse leitor?
12. O que o uso de ferramentas tecnológicas de edição de texto (corretor do programa *Word*, por exemplo) provocou na revisão textual?

APÊNDICE D – ÍNTEGRA DAS ENTREVISTAS EM PROFUNDIDADE

(CD)

ANEXOS

ANEXO A – PARECER CONSUBSTANCIADO – PLATAFORMA BRASIL

UNIVERSIDADE DO SAGRADO
CORAÇÃO



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: O impacto extinção da figura do revisor no jornalismo impresso diário: um estudo sobre o texto do Jornal da Cidade

Pesquisador: Daniela Pereira Bochembuzo

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 41239115.4.0000.5502

Instituição Proponente: Universidade do Sagrado Coração - Bauru - SP

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.008.594

Data da Relatoria: 31/03/2015

Apresentação do Projeto:

Este trabalho é um estudo exploratório cujo percurso metodológico envolve, inicialmente, uma pesquisa bibliográfica sobre o jornalismo impresso

Objetivo da Pesquisa:

Realizar um estudo exploratório sobre a extinção da função do revisor do jornal impresso diário e suas consequências.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Nada a declarar.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Nada a declarar.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Apresenta os documentos solicitados.

Recomendações:

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Satisfeitos os itens solicitados. Recomendo sua aprovação.

Endereço: Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação
Bairro: Rua Irmã Aminda Nº 10-50 **CEP:** 17.011-160
UF: SP **Município:** BAURU
Telefone: (14)2107-7051 **E-mail:** prppg@usc.br